



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA DE LURDES CAPELA DOMINGUES

Solidariedade: Amor em Movimento

Contributo para a lecionação da Unidade Letiva “Ser solidário” do 3º ano do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga

2018

*“O mundo só pode ser melhor do que até aqui,
quando consigas fazer mais p’los outros que por ti!”*

António Aleixo

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora científica, Professora Doutora Isabel Varanda, pelo apoio e incentivo em todos os momentos, pela disponibilidade e orientação na realização deste trabalho.

Ao meu professor cooperante, Dr. Alberto Pais, pela sua amizade, apoio e orientação nesta jornada.

Aos meus colegas de estágio, pelo apoio e partilha ao longo desta caminhada.

À minha família e amigos pelo apoio e compreensão na concretização desta etapa.

Em geral, às Faculdades da Universidade Católica em Braga e a todos aqueles que se cruzaram comigo durante estes cinco anos, que me ajudaram a crescer como pessoa e como profissional.

Índice Geral

| | |
|--|----|
| RESUMO | 6 |
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I – DA SOLIDARIEDADE À FRATERNIDADE | 10 |
| 1. A solidariedade na Igreja Católica | 10 |
| 2. Conceito de fraternidade | 16 |
| 2.1. <i>A tríade: liberdade, igualdade e fraternidade</i> | 18 |
| 2.2. <i>A Declaração Universal dos Direitos Humanos</i> | 19 |
| 3. A fraternidade na “Caritas in Veritate” | 20 |
| 4. A misericórdia em documentos do Magistério da Igreja | 21 |
| 5. Em síntese | 25 |
| CAPÍTULO II – A HOSPITALIDADE COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO | 27 |
| 1. A hospitalidade: vários olhares | 28 |
| 1.1. <i>O hóspede e o hospedeiro</i> | 32 |
| 1.2. <i>A hospitalidade incondicional e condicional</i> | 34 |
| 1.3. <i>A lei da hospitalidade</i> | 36 |
| 1.4. <i>Traços básicos da hospitalidade</i> | 37 |
| 2. Hospitalidade: mito, dimensões, atitudes e políticas | 39 |
| 3. A hospitalidade na Bíblia | 44 |
| 3.1. <i>No Antigo Testamento</i> | 46 |
| 3.2. <i>No Novo Testamento</i> | 48 |
| 3.3. <i>O modelo de hospitalidade: Abraão</i> | 50 |
| 3.4. <i>O modelo de hospitalidade: Maria</i> | 50 |
| 4. A hospitalidade inter-religiosa | 52 |
| 5. Em síntese | 53 |

CAPITULO III - PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA

“SER SOLIDÁRIO” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO

MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA55

| | |
|--|-----|
| 1. A educação como fundamental na perspetiva da Igreja Católica | 56 |
| 2. Educação Moral e Religiosa Católica na educação integral | 58 |
| 2.1. <i>Finalidades, domínios e metas de EMRC</i> | 61 |
| 2.2. <i>O perfil do professor de EMRC</i> | 64 |
| 3. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionada | 65 |
| 3.1. <i>Agrupamento de Escolas Emídio Garcia</i> | 65 |
| 3.2. <i>Centro Escolar da Sé</i> | 67 |
| 3.3. <i>Turma</i> | 68 |
| 4. Planificação da Unidade Letiva | 70 |
| 4.1. <i>Unidade Letiva “Ser Solidário”</i> | 71 |
| 4.2. <i>Planificação das aulas</i> | 72 |
| 4.2.1. Aula nº 1 – Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 “Ser solidário”. “Quantos-queres solidário” | 73 |
| 4.2.2. Aula nº 2 - Deus criou-nos por amor à Sua imagem e semelhança | 77 |
| 4.2.3. Aula nº 3 - Todas as pessoas têm dignidade | 80 |
| 4.2.4. Aula nº 4 - A pobreza e a exclusão resultam da injustiça | 84 |
| 4.2.5. Aula nº 5 - “A Parábola do Lázaro e do homem rico” | 88 |
| 4.2.6. Aula nº 6 – A lenda da Rainha Santa Isabel | 92 |
| 4.3. <i>Avaliação da prática pedagógica</i> | 96 |
| 5. Em síntese | 100 |
| CONCLUSÃO | 101 |
| BIBLIOGRAFIA | 104 |
| ANEXOS | 114 |

RESUMO

A solidariedade é uma das palavras que precisa de ação, pôr-se em movimento para que tenha sentido. A fraternidade implica amor e doação ao outro, de acordo com o seu fundamento. Para que se exerça verdadeiramente é necessário reconhecer o outro como irmão e Deus como Pai de toda a criatura. Na relação dos seres humanos é preciso ter em conta a misericórdia e ações concretas para gerar paz e harmonia. Sendo estes princípios que orientam a vida dos cristãos, compete a cada um de nós o cumprimento dos mesmos pelo bem comum.

A hospitalidade é um conceito vasto e complexo, pois ela não é estática. Sendo dinâmica necessita de sair de nós próprios e estar atento à vulnerabilidade do outro. Ser hospitaleiro e praticar este valor cristão pressupõe sempre um acolhimento ao outro. O ser humano encontra assim no acolhimento aos outros, um dos traços mais específicos da sua humanidade.

A Educação Moral e Religiosa Católica é fundamental para o bom desenvolvimento integral do ser humano. Baseada em valores cristãos pretende educar para uma sociedade mais humanizada, proporcionar uma abertura à transcendência, aos outros e ao mundo e transmitir um sentido de vida. É preciso por em movimento, por em prática ações, gestos que ajudem os outros na sua vida e na afirmação da dignidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Solidariedade, Fraternidade, Hospitalidade, Outro, Educação, Educação Moral e Religiosa Católica

ABSTRACT

Solidarity is a word that needs action and to be set in motion to make sense. Fraternity implies love to each other, according to its basis. To truly exercise them, it is necessary to recognize the other as our own brother and God as Father of the whole creature. In a relationship between human beings, mercy and concrete actions are needed to create peace and harmony. Since these principles guide the lives of Christians, it is our own mission to fulfill them for a common good.

Hospitality is a vast and complex concept, but it is not static. It is a dynamic concept that needs to be found in our own and it needs to be aware of the vulnerability of the other. Being hospitable and practicing this Christian value always supposes an acceptance to the other. The human being thus finds in this acceptance the most specific trace of his humanity.

The Catholic Moral and Religious Education is essential for the good integral development of the human being. Based on Christian values, it intends to educate for a more humanized society, it aims to provide openness to transcendence, to others and to the world, spreading a sense of life. It is necessary to move, to practice actions, gestures that help others in their lives and in the affirmation of human dignity.

KEYWORDS: Solidarity, Fraternity, Hospitability, The Other, Education, Catholic Moral and Religious Education

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje numa sociedade global cada vez mais complexa, em que as mudanças sociais são aceleradas e as características constantes que a definem são a imprevisibilidade e a mutabilidade permanentes, o uso intensivo das novas tecnologias e a necessidade premente de conhecimentos que transmita às pessoas a necessária adaptabilidade, criatividade, capacidade de crítica, capacidade de inovação e reação positiva face ao inesperado.

A educação constitui a mais importante vertente propulsora do desenvolvimento social, cultural e económico de um país. Mas para que o desenvolvimento educacional seja impulsionado, o ambiente precisa ser apropriado à aquisição, produção e divulgação do conhecimento.

A Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) na escola é uma questão de primeira importância para cada aluno, para as famílias, para a sociedade civil e para a Igreja, porque a educação integral do ser humano não pode abstrair da dimensão religiosa e moral, constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade.

Com este trabalho pretende-se, através de reflexões, avaliar a postura, a prática e as atividades planificadas e as ações levadas a cabo, procurando qualidade e coerência nas aulas.

A metodologia utilizada para a elaboração deste Relatório passa pela leitura, análise e reflexão de textos, de livros e de documentos específicos. A análise de documentos do Magistério da Igreja, de livros e de textos dos autores que escreveram e incidiram sobre os temas a abordar ajudaram e apoiaram a compreensão e a prática.

A Unidade Letiva (UL) escolhida para trabalhar e desenvolver com os alunos na Prática de Ensino Supervisionada (PES) é a “Ser solitário” do 3º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica com o intuito de transmissão de valores básicos aos alunos. Este tema reveste-se de interesse pedagógico para os alunos, pois está no início de um desenvolvimento da aprendizagem de valores fundamentais para a vida. Os aspetos positivos para o desenvolvimento dos alunos são muitos, na medida em que traz à reflexão conceitos e aspetos tais como solidariedade, ser solidário, partilha, doar, ajudar os outros, praticar ações de solidariedade, o valor da vida humana, da dignidade humana, e também exemplos de solidariedade. Escolheu-se esta unidade para desenvolver com os alunos, uma vez que o valor da solidariedade é indispensável nas relações quotidianas. Torna-se cada vez mais importante e obrigatório refletir-se neste mundo cheio de valores negativos e prejudiciais para que o futuro seja muito mais solidário e mais fraterno.

Não se trata de um condensar de dados; é um documento estruturado em três capítulos, nomeadamente: da solidariedade à fraternidade, a hospitalidade como característica do ser

humano e a planificação e lecionação da Unidade Letiva “Ser solidário” do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

O primeiro capítulo foca a solidariedade, a fraternidade e a misericórdia, apontando ao de leve os conceitos e a relação com a Igreja Católica.

Num segundo capítulo aborda-se o conceito da hospitalidade, fazendo referência aos conceitos de hóspede e de hospedeiro e distinguindo a hospitalidade incondicional e condicional. Referir-nos-emos ainda ao seu conceito associado ao mito grego e à sua visão na bíblia.

O terceiro capítulo destina-se à planificação e lecionação da Unidade Letiva “Ser solidário” do 3º ano do primeiro ciclo do Ensino Básico. Inicia-se com uma referência ao papel fundamental da educação em si e à EMRC como fulcro para uma educação integral do aluno. Caracteriza-se também o contexto escolar onde se realizou a prática de ensino supervisionada, isto é, o Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, o Centro Escolar da Sé e a turma de referência. Ainda neste capítulo, mencionar-se-á a parte prática, isto é, a planificação e a concretização de seis tempos letivos e da sua avaliação.

Terminaremos com uma conclusão geral do Relatório de Estágio e de uma reflexão pessoal sobre todo o percurso.

Este trabalho é desenvolvido tendo em vista o sucesso de cada aluno e o êxito a nível profissional. Implica investimento pessoal, trabalho criativo e visa contribuir para que se possam colher bons frutos no futuro.

Na redação do Relatório de Estágio seguimos a metodologia da norma Chicago 16A¹ e do acordo ortográfico.

¹ “Chicago-Style Citation Quick Guide”, The Chicago Manual of Style Online, acedido em 5 de maio de 2018, http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

CAPÍTULO I – DA SOLIDARIEDADE À FRATERNIDADE

“Quando há fraternidade, o amor é sereno; quando há solidariedade, o amor é ativo, e quando há caridade o amor é vivo.” Juahrev Alves

A solidariedade é, para a Doutrina Social da Igreja (DSI), um princípio que proclama a igualdade entre todos os seres humanos. É tanto um princípio social como uma virtude moral. Como princípio da ordem social, serve para vencer as “estruturas do pecado” e construir uma “civilização de amor”, ou seja, da solidariedade. Como virtude moral, a solidariedade quer dizer o empenho concreto, decidido em favor do bem-estar de todos os humanos.²

O princípio da solidariedade, segundo o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, pressupõe que as pessoas estejam cada vez mais conscientes dos seus compromissos para com a sociedade. Por si mesmas, as pessoas podem pouco, é necessário estar consciente de que as próprias ações e decisões têm de considerar os outros.³

Vamos apresentar o conceito de solidariedade, como grande princípio da DSI e a sua ligação com a Igreja Católica. Pretende-se refletir também sobre o conceito de fraternidade, desde a sua etimologia, passando pela tríade da Revolução Francesa e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Apontamos também a fraternidade cristã e a sua importância na Carta Encíclica “*Caritas in Veritate*”. Terminaremos com o conceito de misericórdia, à luz de alguns dos documentos do Magistério da Igreja.

1. A solidariedade na Igreja Católica

“A solidariedade confere particular relevo à intrínseca sociabilidade da pessoa humana, à igualdade de todos em dignidade e direitos, ao caminho comum dos homens e dos povos para uma unidade cada vez mais convicta”⁴.

² Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Capítulo IV “Os Princípios da Doutrina Social da Igreja”, nº 192-196. Acedido em 10 de maio de 2018.
http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#a%20Significado%20e%20valor, nº 193.

³ Cf. *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja* (Lisboa: Paulus Editora, 2016), 103.

⁴ Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Capítulo IV “Os Princípios da Doutrina Social da Igreja”, nº 192.

Para João Paulo II, a solidariedade é “ética por sua própria natureza, porque implica uma afirmação de valor sobre a humanidade”⁵. As suas implicações para a vida humana no nosso planeta e para as relações são, também, de ordem ética, logo ela é a chave fundamental para a paz.

A solidariedade não é um sentimento de compaixão pelos males de pessoas próximas ou até distantes. É, sim, uma determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, isto é, pelo bem de todos e de cada um. A solidariedade eleva-se a um grau de virtude social fundamental, pois coloca-se na dimensão da justiça e na aplicação em prol do bem do próximo.⁶

Etimologicamente, a palavra solidariedade tem origem nas palavras latinas *solidum* (totalidade, soma total) e *solidus* (sólido, maciço, inteiro).

A palavra nasceu em França, no século XIX, no contexto da luta contra os inimigos, nomeadamente os ingleses, de modo a criar, entre os franceses, uma forte noção de nós contra eles.

Podemos ver a solidariedade como atitude desde há muitos milhares de anos atrás. No período do *Homo sapiens sapiens* (do latim homem muito inteligente que domina os conhecimentos), os humanos já se organizavam em grupo e cooperavam, partilhando tarefas e transmitindo ensinamentos. Dedicando-se à pesca, à caça e a atividades coletivas, estabelecia e fortalecia assim laços sociais. A comunicação, a linguagem foram importantes para a sua vivência em comunidade e a sua sobrevivência não dependia só do alimento mas também de uma solidariedade de grupo. Assim, a solidariedade praticava-se já nos nossos antepassados.⁷

A solidariedade é um dos princípios da DSI, a qual enuncia outros princípios tais como: a dignidade da pessoa humana, o bem comum, o destino universal de bens, a subsidiariedade, a participação, a justiça, a verdade, a liberdade e a caridade.

A solidariedade significa que todos somos responsáveis por todos, logo é um dever de pessoas, instituições e povos. Tem de implicar o desenvolvimento da consciência de que todos têm uma dívida para com a sociedade o que leva à determinação firme e perseverante de se empenhar no bem comum.⁸

⁵ João Paulo Pp. II, Mensagem da sua Santidade para a Celebração do XX Dia Mundial da Paz 1 de Janeiro de 1987, “Desenvolvimento e solidariedade duas chaves para a paz” (8 de dezembro de 1986), in AAS 78 (1986). Acedido em 26 de abril de 2018. https://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19861208_xx-world-day-for-peace.html, nº 7.

⁶ Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Capítulo IV “Os Princípios da Doutrina Social da Igreja”, nº 193.

⁷ Cf. Jorge Augusto Paulo Pereira (Coord.), *Caminhos de encontro. Manual do professor - EMRC - 5º ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009), 153.

⁸ Cf. Cristina Sá Carvalho (Coord.), *Ética e Economia. Manual do aluno - EMRC – Ensino secundário* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 29.

Com estes princípios é possível compreender o conjunto da realidade social do ser humano e realizá-la na verdade. Estes princípios são válidos, em primeiro lugar, porque são racionais, e, em segundo lugar, porque resultam da razão iluminada pela fé cristã. Com eles é possível conhecer-se o que é humanamente digno, social e correto.⁹

O princípio de solidariedade exprime a dimensão social da pessoa. Ninguém pode viver apenas para si, está sempre dependente dos outros, e não apenas para experimentar, uma ajuda prática, mas também para ter um interlocutor e poder crescer e desenvolver plenamente a sua personalidade através do debate de ideias, de argumentos, de necessidades e de desejos. Na sua raiz, estão sempre os outros.¹⁰

A solidariedade é um ato de justiça, uma obra e uma aplicação da justiça. Está no âmbito de uma virtude que remete para o bem, o bem-estar da sociedade. Não é suficiente querer o bem, mas também é preciso fazer o bem, por outro lado, não é suficiente fazer o bem, se ele não derivar de boa vontade.¹¹

A solidariedade tem um objetivo social, porque se destina a fazer crescer entre os seres humanos a harmonia da relação social. Coincide com a justiça, radica-se na virtude e tem como inimiga, a avareza e como amiga e aliada, a liberalidade.

Somos um dom, mas também influenciados pelos outros, isto é, recebemos dos outros tudo o que nos constitui. Recebemos o alimento, o vestuário, a habitação e também, a educação, o afeto, a cultura, os estilos de vida, os modos de agir entre outras coisas, ou seja, recebemo-los dos pais, familiares, amigos e, em geral, da sociedade.¹²

Sob um outro aspeto, podemos ver a solidariedade como uma dívida e como um dever. Na Carta Encíclica “*Populorum Progressio*” (1967), o Papa Paulo VI diz que a solidariedade universal; não sendo só um benefício, é também um dever. Ainda refere que o dever de solidariedade é tanto para a pessoa individualmente como para as coletividades, e é normal que uma população seja a primeira a beneficiar dos dons que a providência lhe concedeu como resultado do seu trabalho. Cada povo deve produzir mais e melhor, para dar um nível de vida verdadeiramente humano e contribuir para um desenvolvimento solidário da humanidade.¹³

Por solidariedade, entendemos o lado bom, positivo, favorável e promissor do vínculo social. Este vínculo de solidariedade, que nos constitui a nós mesmos e

⁹ Cf. *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 92.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 102.

¹¹ Cf. Dionigi Tettamanzi, “*Não há futuro sem solidariedade*” (Prior Velho: Paulinas Editora, 2009), 65.

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ Cf. Paulo Pp. VI. Carta Encíclica “*Populorum Progressio*” (26 de março de 1967), in *AAS* 59 (1967), nº 43-55. Acedido em 1 de maio de 2018. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html, nº 48.

conjuntamente nos une a todos os outros, favorecerá um desenvolvimento não somente horizontal, isto é, relativo à geração que atualmente habita o planeta, mas também vertical, unindo ainda mais as gerações umas às outras.¹⁴

Não existe nenhuma lei que imponha aos cidadãos que cuidem uns dos outros, no entanto, a omissão de auxílio é condenada porque, numa sociedade solidária, o que acontece ao outro torna-se dever, obrigação para os outros e não um simples convite à solidariedade.¹⁵

Existe uma relação entre a solidariedade e as duas virtudes fundamentais da caridade e da justiça pois é comum confundir-se a solidariedade e caridade. De modo exterior e superficial, identifica-se a solidariedade com a esmola, a ajuda, a assistência e confunde-se assim com o económico e o material. Ninguém dúvida de que isto é também, caridade mas, a esta, reserva-se-lhe um outro significado mais abrangente, é uma outra coisa. É a fonte e o vértice de todo o valor moral, de cada virtude. É algo que impregna o coração da pessoa em todas as expressões da sua vida pessoal e social. Não há solidariedade sem caridade pois só esta garante a autenticidade e a plenitude do seu significado. À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir-se com as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação. O próximo não é somente um ser humano com os direitos e a sua igualdade fundamental diante de todos, mas torna-se a imagem viva de Deus Pai.¹⁶

A solidariedade significa a dimensão social da caridade, ou seja, é a própria caridade enquanto dá vida a instituições, a estilos de vida renovados, a leis ao serviço do bem comum da humanidade. É a caridade enquanto expressão e sedimentação em formas correntes da vida civil quotidiana, onde já não pode ser reduzida única e imediatamente a um agir pessoal, mas torna-se um agir partilhado.¹⁷

A solidariedade não supera a caridade, mas confirma e explica a sua expressão social. Ao contrário, supera a justiça, transcendendo-a e integrando-a tanto na vertente de quem age como na de quem é atingido. Isto porque tende à partilha fundada no reconhecimento de que somos coparticipantes na realidade social e corresponsáveis.¹⁸

O ser humano é um mistério de solidariedade pois como ser relacional, é um ser “com” e “para”, é chamado à comunhão com os outros e à doação de si mesmo aos outros.¹⁹

A família é a primeira escola de solidariedade, é nela que se vive e aprende, ou seja, se comunica, se testemunha e se transmite de um para outro. Mesmo antes de ser pronunciada a

¹⁴ Cf. Tettamanzi, “*Não há futuro sem solidariedade*”, 68.

¹⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 71.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 72.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, 74.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 78.

palavra, ela já é vivida e aprendida a partir das vivências, partilhas e experiências.²⁰ Nela, aprende-se a acolher e a fazer crescer a vida, nela somos formados para os valores fundamentais do viver social: a sociabilidade, o acolhimento, a hospitalidade, a abertura ao outro, a comunicação, o diálogo, o conforto, a gratuidade, o serviço, o desapego, a partilha, a solidariedade, a educação da consciência moral, a abertura aos ideais mais altos.²¹ Mas, como nem todas as famílias estão em condições de realizar estas tarefas é necessário que “outras famílias” intervenham e eduquem. As comunidades cristãs devem sentir essa responsabilidade de ser testemunhas credíveis de um estilo de vida de proximidade e de abertura ao outro.²²

A solidariedade, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CIC), é uma virtude eminentemente cristã que pratica a partilha dos bens espirituais, mais do que a partilha dos bens materiais.²³ Ela manifesta-se, em primeiro lugar, na repartição dos bens e na remuneração do trabalho implicando o esforço por uma ordem social mais justa.²⁴ Os problemas socioeconómicos só podem ser resolvidos com a ajuda de todas as formas de solidariedade: solidariedade dos pobres entre si, dos ricos com os pobres, dos trabalhadores entre si, dos empresários e empregados na empresa; solidariedade entre as nações e entre os povos.²⁵ A virtude da solidariedade vai além dos bens materiais, favorecendo assim a Igreja o desenvolvimento dos bens temporais e difundindo os bens espirituais da fé.²⁶

A Igreja pratica a solidariedade porque se a Igreja não fosse solidária, seria uma contradição em si mesma. Como lugar onde ocorre a contínua solidariedade de Deus para com o ser humano, é através dela que, seguindo o exemplo do Senhor, devemos ser solidários com os fracos, com as vítimas e os pobres. Deus procura alcançar e auxiliar as criaturas de todos os povos e culturas, e estar junto deles para construir um mundo mais humano. Por isso, a Igreja é solidária com todos os que querem dar um rosto à salvação que Deus oferece ao mundo.²⁷

No século XX, assistimos, à ação dos cristãos na defesa de valores necessários à vida humana, nomeadamente, a solidariedade e a caridade. Depois da 1.ª Guerra Mundial e na sequência da Grande Depressão Económica de 1929, a Carta Encíclica “*Quadragesimo Anno*” (1931), do Papa Pio XI, apela à caridade na vida económica, com a defesa do justo salário para o trabalhador e para a sua família e defendendo que o Estado deve ter função subsidiária e de solidariedade, regendo-se pelo binómio justiça - caridade.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 147.

²¹ Cf. *Ibidem*, 148.

²² Cf. *Ibidem*.

²³ Cf. Catecismo da Igreja Católica, A vida em Cristo Primeira secção “A vocação do Homem: A vida no Espírito”, 1877-1948. Acedido em 25 de abril de 2018.

http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap2_1877-1948_po.html, nº 1948.

²⁴ Cf. *Ibidem*, nº 1940.

²⁵ Cf. *Ibidem*, nº 1941.

²⁶ Cf. *Ibidem*, nº 1942.

²⁷ Cf. *Docat Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 37.

“Cada um deve pois ter a sua parte nos bens materiais; e deve procurar-se que a sua repartição seja pautada pelas normas do bem comum e da justiça social. Hoje porém, à vista do contraste estridente, que há entre o pequeno número dos ultra-ricos e a multidão inumerável dos pobres, não há homem prudente, que não reconheça os gravíssimos inconvenientes da actual repartição da riqueza”²⁸.

A preocupação dos cidadãos cristãos colaborarem com os deveres públicos está, também, espelhada na Carta Encíclica “*Mater et Magistra*” (1961), do Papa João XXIII, apelando para a solidariedade entre nações, de modo a que não haja umas mais desenvolvidas que outras, que não se trate apenas de satisfazer as necessidades, mas onde seja promovida a dignidade de cada indivíduo, porque, como afirma o Papa Paulo VI, na Carta Encíclica “*Populorum Progressio*” (1967), o novo nome da paz é o desenvolvimento.²⁹

Já na segunda metade do século XX, a Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” (1965), reforça o apelo à solidariedade no género humano, quer através da cooperação entre nações, quer pela distribuição justa dos bens que existem no mundo a que “esta solidariedade deve crescer sem cessar, até se consumir naquele dia em que os homens, salvos pela graça, darão perfeita glória a Deus, como família amada do Senhor e de Cristo seu irmão”³⁰.

Um dos valores que cabe aos cristãos é promover, na sua plenitude a solidariedade. Como se lê na Carta Encíclica “*Centesimus annus*” (1991), a solidariedade “apresenta-se como um dos princípios basilares da concepção cristã da organização social e política. Várias vezes Leão XIII o enuncia, com o nome ‘amizade’, que encontrámos já na filosofia grega; desde Pio XI é designado pela expressão mais significativa ‘caridade social’, enquanto Paulo VI, ampliando o conceito na linha das múltiplas dimensões actuais da questão social, falava de ‘civilização do amor’ ”³¹.

De facto, promover a solidariedade é agir de acordo com a mensagem de Jesus, praticando a caridade, virtude específica do cristianismo e que lhe confere identidade própria. Apesar de hoje em dia o conceito de solidariedade estar relacionado com a ética, a sua essência radica no conceito da caridade, sendo, portanto, dois conceitos muito próximos.

²⁸ Pio Pp. XI, Carta Encíclica “*Quadragesimo Anno*” (15 de maio de 1931), in AAS 23 (1931). Acedido a 25 de abril de 2018. https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html.

²⁹ Cf, *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 38.

³⁰ Paulo Pp. VI, Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” sobre a Igreja no mundo actual (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966). Acedido a 25 de abril de 2018. http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html, nº 32.

³¹ João Paulo Pp. II, Carta Encíclica “*Centesimus Annus*” (1 de maio de 1991), in AAS 83 (1991), nº 10. Acedido em 25 de abril de 2018. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html, nº 10.

Em Jesus de Nazaré, solidário com a humanidade até à morte de cruz, é possível reconhecer o sinal do amor desmedido e transcendente do Deus-connosco. Ele faz a ligação entre solidariedade e caridade. Tendo em vista a fé cristã, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a envolver as dimensões da gratuidade, do perdão e da reconciliação. O próximo não é só um ser humano com os seus direitos e deveres em relação a todos, mas é a imagem viva de Deus Pai, por isso, ele deve ser amado, ainda que seja um inimigo.³²

2. Conceito de fraternidade

Fraternidade é muito mais “profunda” que a solidariedade. Um bom desenvolvimento integral do ser humano não pode realizar-se sem um desenvolvimento solidário da humanidade. A pessoa deve construir um futuro comum para a humanidade, e deve, enraizar a fraternidade humana e sobrenatural, tendo assim “o dever de solidariedade, ou seja, o auxílio que as nações ricas devem prestar aos países em via de desenvolvimento; o do dever de justiça social, isto é, a retificação das relações comerciais defeituosas, entre povos fortes e povos fracos; o do dever de caridade universal, quer dizer, a promoção, para todos, de um mundo mais humano e onde todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros”³³.

Como conceito polissémico ressalta a ideia de consanguinidade, laços entre parentes, designando a qualidade que liga os membros de uma mesma família.

Etimologicamente, o termo “fraternidade” tem origem do latim “frater”, com o significado de “irmão”. A palavra fraternidade associa-se ao laço de parentesco entre irmãos relacionando a união e o afeto entre irmãos e ao amor ao próximo, devendo ser assim o sentimento que une os membros de uma mesma irmandade.

A palavra latina “fraternitas” é traduzida por “fraternidade” e designa o parentesco entre irmãos e a confraternização entre povos.

Para os cristãos a fraternidade tem ainda o fundamento que toda a vida vem de Deus e que ele é a origem de tudo quanto existe, logo somos realmente todos irmãos, porque Deus é o Pai de todos os seres humanos sem exceção.³⁴

“A fraternidade é uma dimensão essencial do homem, sendo ele um ser relacional. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal

³² Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Capítulo IV “Os Princípios da Doutrina Social da Igreja”, nº 196.

³³ Paulo Pp. VI. Carta Encíclica “Populorum Progressio”, nº 44.

³⁴ Cf. Cristina Sá Carvalho (Coord.), *Conta comigo! Manual do aluno - EMRC - 5º ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 92.

consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura. E convém desde já lembrar que a fraternidade se começa a aprender habitualmente no seio da família, graças sobretudo às funções responsáveis e complementares de todos os seus membros, mormente do pai e da mãe. A família é a fonte de toda a fraternidade, sendo por isso mesmo também o fundamento e o caminho primário para a paz, já que, por vocação, deveria contagiar o mundo com o seu amor”³⁵.

Na sua mensagem, o Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz de 2014, diz que a fraternidade gera a paz social, pois cria equilíbrio entre a liberdade e a justiça, entre a responsabilidade pessoal e a solidariedade, entre o bem dos indivíduos e o bem comum. Um autêntico espírito de fraternidade vence o egoísmo individual, que contradiz a possibilidade das pessoas viverem em liberdade e harmonia.³⁶

Para os cristãos, a fraternidade tem um fundamento muito importante, isto é, toda a vida vem de Deus, Ele é a origem de tudo quanto existe e, por isso, somos realmente todos irmãos, porque Deus é o Pai de todos os seres humanos, sem exceção alguma.³⁷

A Igreja Católica lembra-nos, nos seus documentos, que a igual condição de filhos de Deus nos responsabiliza por todos, sensibilizando-nos para acolher cada um como irmão da grande família humana.³⁸

O Papa Bento XVI refere que temos o dever de mostrar, através do nosso mútuo respeito e solidariedade, que nos consideramos membros da uma família, a família que Deus tem amado e unido desde a criação do mundo até ao fim da história da Humanidade.³⁹

As pessoas fraternas caracterizam-se pela atenção e disponibilidade no acolhimento ao próximo. Se vivermos em fraternidade, as pessoas são mais alegres e amparam os irmãos, estando abertos à entreatajuda e não às barreiras que separam uns dos outros.⁴⁰ Para vivermos de facto como irmãos, precisamos de nos compreender reciprocamente e de aprender a respeitar o próximo, aceitando a sua diferença. Para a construção de um mundo mais fraterno, cada um tem a sua quota-parte de responsabilidade.

³⁵ Francisco Pp. Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz 1 de Janeiro de 2014. “Fraternidade, fundamento e caminho para a paz” (8 de dezembro de 2013), in *AAS 105* (2013). Acedido em 25 de abril de 2018.

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html, nº 1.

³⁶ Cf. *Ibidem*, nº 8.

³⁷ Cf. Pereira (Coord.), *Caminhos de encontro. Manual do professor - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*, 162.

³⁸ Cf. Carvalho (Coord.), *Conta comigo! Manual do aluno - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*, 116.

³⁹ Cf. Bento Pp. XVI. “Somos todos filhos de Deus”, 2008. Acedido em 1 de maio de 2018.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/somos-todos-filhos-de-deus/>.

⁴⁰ Cf. Carvalho (Coord.), *Conta comigo! Manual do aluno - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*, 125.

2.1. A tríade: liberdade, igualdade e fraternidade

A tríade aclamada pela Revolução Francesa (1789): “Liberté, Égalité e Fraternité” (laicização de uma ideia cristã), evidencia que a fraternidade não deve ser apenas um sentimento vago e variável, mas sim, um laço de união entre as pessoas, fundado no respeito da dignidade pessoal e da igualdade de direitos.

Com a Revolução Francesa, o conceito de fraternidade foi decifrado, pela primeira vez na modernidade, como sendo o princípio natural que deve reger a relação comum entre os seres humanos.⁴¹ Este valor, profundamente cristão, estava totalmente introduzido na cultura ocidental desde a afirmação do cristianismo. “Trata-se de uma categoria ao mesmo tempo religiosa e ética, que passou a ocupar um lugar de destaque na teoria e na prática política”⁴².

Para a Revolução, a fraternidade é o novo fundamento da cidadania, um vínculo entre todos os cidadãos, permitindo que tenham uma relação horizontal, ultrapassando o sentido da subordinação e abrindo-se à convivência entre diferentes, abandonando a estrutura vertical em que o povo vivia, não negando à paternidade reconhecida ao rei. A ideia que predominava era a de vinculação de todos os franceses, caracterizando as relações entre os cidadãos e entendida em sentido patriótico.⁴³

O princípio da fraternidade foi exposto e vivido pela Revolução Francesa agrupado aos valores da liberdade e da igualdade, embora estes dois, com o decorrer do tempo, fossem sendo transformados em importantes valores políticos e jurídicos. Dos três princípios proclamados pelos revolucionários, o mais difícil de concretizar foi a fraternidade, que era uma proposta de nova ordem social, no âmbito do cristianismo e dos humanistas cristãos. Assim, encontramos alusões à liberdade e à igualdade mas não tanto à fraternidade. Os princípios da liberdade e da igualdade, faltando-lhes o da fraternidade, reforçaram o individualismo, mostrando-se insuficientes para garantir as relações entre os indivíduos e as comunidades.⁴⁴

“A trilogia ‘Liberdade, Igualdade, Fraternidade’, concebida em pleno século das Luzes, sob inspiração do ideal do liberalismo, que iluminou a Revolução Francesa, assinalou,

⁴¹ Cf. António Costa, “A fraternidade” (PhD diss., Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2012). Acedido em 1 de maio de 2018. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13594/1/A%20Fraternidade.pdf>, 12.

⁴² Ibidem.

⁴³ Cf. Ibidem, 13.

⁴⁴ Cf. Ibidem, 14.

a um tempo, um objeto de combate político e um projeto de mudança nas estruturas sociais vigentes durante o Estado Absoluto”⁴⁵.

2.2. A Declaração Universal dos Direitos Humanos

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi declarada a 10 de dezembro de 1948 como ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações. A sua filosofia assentava na base de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade promovessem o respeito aos direitos e liberdades, e assegurasse o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva.⁴⁶

Logo no artigo 1º lê-se que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, assim devem agir em relação aos outros com um espírito de fraternidade. Todo o ser humano tem o mesmo direito sem distinção de qualquer espécie seja raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, de origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou ainda de qualquer condição política, jurídica ou internacional.⁴⁷

Como esta Declaração da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, estão outros documentos não menos importantes, por exemplo, a Declaração dos Direitos do Homem da Revolução Francesa em 1789 e as Declarações de direitos dos povos, da criança, das minorias, das culturas, que partem do pressuposto ético e político que o ser humano é um fim em si mesmo e não um meio para qualquer outra pretensão.⁴⁸

O respeito pelos direitos humanos deve começar pelo respeito a toda a alteridade. Não há respeito pela vida se não houver respeito pela vida em toda a sua diversidade e a cada ser existente, tanto a pedra, o vegetal, o animal, os ecossistemas, as culturas e cada pessoa singular.⁴⁹ É necessário partir do respeito incondicional a todo o ser, a todo outro, a cada forma de vida e a cada ser humano, independentemente da sua condição social, moral e cultural.⁵⁰

A cultura do respeito revela-se como cultura do cuidado de uns para com os outros e para com a “Casa comum”, como cultura de corresponsabilidade pelo futuro comum da

⁴⁵ Carlos Poiares, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade: Ontem e Hoje” in *Revista Lusófona de Ciência Política e Relações Internacionais*, 1, 2005. Acedido em 28 de abril de 2018.

http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/369/1/artigos_3.pdf, 155.

⁴⁶ Cf. Diário da República Eletrónico. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Acedido em 1 de maio de 2018. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, art. 1º - IIº.

⁴⁸ Cf. Leonardo Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*. Vol. I (Petrópolis, RJ: Vozes, 2005), 153.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 155.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 154.

humanidade e da Terra, como cultura de compaixão para com todos os que sofrem, como cultura da cooperação e de solidariedade universal, pois é ela que permite que todos vivam na Terra.⁵¹

3. A fraternidade na “*Caritas in Veritate*”

“*Caritas in Veritate*” é o nome da Carta Encíclica, escrita pelo Papa Bento XVI, datada de 29 de junho de 2009. Constituída por 79 pontos, assim distribuídos: introdução, seis capítulos e conclusão. É o documento sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. Através dele podemos refletir sobre do pensamento preconizado pelo Papa, na parte introdutória, a importância do amor, como sendo uma potência comprometedora, generosa e avassaladora do bem.⁵²

O amor na verdade “*Caritas in Veritate*” é o verdadeiro desafio a todos. O amor e a verdade são aquilo que Deus coloca no coração de cada um para poder amar de maneira autêntica. A caridade é o dom que Deus concede ao ser humano e é o princípio da relação pessoal com Deus e com o próximo. Nesta óptica, a caridade encontra-se em estreita ligação com a verdade, uma vez que “pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade e como elemento de importância fundamental nas relações humanas, nomeadamente de natureza pública”⁵³.

Só com a verdade é que a caridade pode ser vivida e que tem valor. Sem ela, a caridade cai no sentimentalismo. “*Caritas in Veritate*” é um princípio que orienta a ação moral em torno do qual gira a DSI.⁵⁴

A justiça e o bem comum são princípios a ter em conta para o verdadeiro desenvolvimento. A caridade está intrínseca na justiça que é o primeiro caminho para dar, amar. A caridade e a verdade são um dom, “enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica toda a criatura humana segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins. A humanidade pode ser constituída por nós mesmos; mas, com as nossas simples forças, nunca poderá ser uma comunidade plenamente fraterna nem alargada para além de qualquer fronteira, ou seja, não poderá tornar-se uma comunidade verdadeiramente universal: a unidade do género humano, uma comunhão

⁵¹ Cf. *Ibidem*, 156.

⁵² Cf. Bento Pp. XVI. Carta Encíclica “*Caritas in Veritate*” (29 de junho de 2009), in *AAS 101*, 8 (2009), 1-78. Acedido em 1 de maio de 2018. http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, nº 1.

⁵³ *Ibidem*, nº 3.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, nº 6.

fraterna para além de qualquer divisão, nasce da convocação da palavra de Deus-Amor. Ao enfrentar esta questão decisiva, devemos especificar, por um lado, que a lógica do dom não exclui a justiça nem se justapõe a ela num segundo tempo e de fora; e, por outro, que o desenvolvimento económico, social e político precisa, se quiser ser autenticamente humano, de dar espaço ao princípio da gratuidade como expressão de fraternidade”⁵⁵.

Concluindo, podemos referir que o ser humano tem de reavivar a caridade e deixar-se guiar pela verdade, tem de acolher as duas como verdadeiro dom de Deus.

“A disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Pelo contrário, a reclusão ideológica a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador e correm o risco de esquecer também os valores humanos, contam-se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento. O humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano. Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil”⁵⁶.

4. A misericórdia em documentos do Magistério da Igreja

A misericórdia é um sentimento de compaixão despertado pela adversidade do outro. Ter sentimentos de compaixão significa ter a capacidade de sentir e de se aproximar dos sentimentos que o outro sente. Podemos associar a misericórdia aos sentimentos de empatia, de solidariedade, de compreensão, de piedade para com alguém.⁵⁷

A palavra misericórdia, em termos etimológicos, é a junção de duas palavras latinas: *miseratio* (compaixão) e *cordis* (coração). Associa-se ao verbo *misereor* que significa lamentar, ter piedade de alguém, ter compaixão.

Em contextos éticos, religiosos, sociais e legais é um conceito que se entende como benevolência, perdão e bondade. Também pode ser compreendido como um coração compadecido, característica do cristianismo.⁵⁸

São João Paulo II, na sua segunda Carta Encíclica “*Dives in Misericordia*” sobre a misericórdia divina, em 1980, dividida em oito capítulos, escreve que “Deus é rico em misericórdia”. Mencionando o Antigo Testamento, misericórdia significa a especial força do

⁵⁵ Ibidem, nº 34.

⁵⁶ Ibidem, nº 78.

⁵⁷ Cf. Pe. Sezinando Alberto (Org.), *Sinais de Misericórdia* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2016), 98.

⁵⁸ Cf. Ibidem, 26.

amor que prevalece sobre o pecado e sobre a infidelidade do povo eleito e que ela é mais poderosa e profunda que a justiça divina pois ela é o verdadeiro amor.⁵⁹

Já no Novo Testamento, a misericórdia é apresentada por Cristo, na Parábola do Filho Pródigo, como a característica interior do amor. O pai manifesta a alegria pelo filho, que foi reencontrado e voltou à vida, indicando também o bem que não foi destruído, pois o filho, embora pródigo, não deixa de ser filho do seu pai. “E, levantando-se, foi ter com o pai. Ainda estava longe quando o pai o viu, e enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.” (Lc 15,20).

O verdadeiro significado da misericórdia não consiste apenas no olhar, por mais cheio de compaixão que seja, perante o mal moral, físico ou material do outro, ela tem de se manifestar quando reavalia, promove e sabe tirar o bem de todas as formas de mal existente no mundo e no ser humano.⁶⁰

Ainda menciona Maria, como mãe da misericórdia, aquela que experimentou a misericórdia de modo excepcional e que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Dá-lhe o nome de Mãe da Misericórdia, de Nossa Senhora da Misericórdia e de Mãe da Divina Misericórdia.⁶¹

Ele apela a que a Igreja viva uma vida autêntica professando e proclamando a misericórdia, aproximando as criaturas das fontes da misericórdia do Salvador, agindo com práticas de misericórdia para com os demais. A misericórdia deve tornar-se assim o principal elemento para dar forma às relações mútuas entre os humanos.⁶²

Trata-se de um tema tão importante que o Papa Francisco proclamou um Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que ocorreu entre 8 de dezembro de 2015 e 20 de novembro de 2016, no sentido de que qualquer pessoa experimente o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança tornando o testemunho dos crentes mais forte e eficaz.⁶³

Logo na parte inicial da Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia “*Misericordiae Vultus*”, Francisco refere:

“precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei

⁵⁹ Cf. João Paulo Pp. II. Carta Encíclica “Dives in Misericórdia” (30 de novembro de 1980), in AAS 72 (1980), nº 1-14. Acedido em 19 de Novembro de 2017. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html, nº 4.

⁶⁰ Cf. Ibidem, nº 6.

⁶¹ Cf. Ibidem, nº 9.

⁶² Cf. Ibidem, nº 14.

⁶³ Cf. Francisco Pp. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia “*Misericordiae Vultus*” (11 de abril de 2015), in AAS 107, 5 (2015). Acedido em 26 de novembro de 2017. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html.

fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”⁶⁴.

A misericórdia não pode ser uma ideia abstrata mas uma realidade concreta pela qual o Senhor revela o seu amor como Pai. Sendo a misericórdia a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco, todos nós somos chamados a viver de misericórdia e ser misericordiosos uns para com os outros, porque ela foi usada também para conosco.⁶⁵

A misericórdia é a ação concreta do amor que transforma e muda a vida. De acordo com as palavras do Papa Francisco na sua Carta Apostólica “*Misericordia et Misera*” na conclusão do Jubileu Extraordinário da Misericórdia em 2016, a misericórdia é aquela que suscita alegria porque o coração se abre à esperança de uma vida nova.⁶⁶

A misericórdia não pode reduzir-se a um parênteses da Igreja, já que tudo se revela na misericórdia, ela tem de constituir a existência visível e palpável do Evangelho.⁶⁷ Esta ação tem de ser concreta e dinâmica, tem de ser a porta aberta do nosso coração aos que vivem nas mais variadas periferias existenciais, tem de ser a mão estendida para encontrar os irmãos e as irmãs.⁶⁸

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica:

“as obras de misericórdia são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus: ‘Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo’ (Lc 3,11). ‘Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo’ (Lc 11,41). ‘Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?’ (Tg 2,15-16)”⁶⁹.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Cf. Ibidem.

⁶⁶ Cf. Francisco Pp. *Misericordia et Misera*. Na conclusão do jubileu extraordinário da misericórdia. Carta Apostólica do Papa Francisco (Lisboa: Paulus Editora, 2016), 10.

⁶⁷ Cf. Ibidem, 7.

⁶⁸ Cf. Ibidem, 26.

⁶⁹ Catecismo da Igreja Católica, A vida em Cristo Segunda secção “Os Dez Mandamentos”, 2196-2557. Acedido em 13 de maio de 2018. http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html, nº 2447.

A Igreja Católica recomenda, assim, catorze obras de misericórdia, sete corporais e sete espirituais. Estas continuam a ser a verificação da grande e positiva incidência da misericórdia como valor social.⁷⁰

O carácter social da misericórdia impõe que não permaneçamos imóveis, mas expulsemos a indiferença e a hipocrisia. Somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia com base na redescoberta do encontro com os outros, criando uma cultura em que ninguém olhe para o outro com indiferença nem lhe vire a cara.⁷¹

A prática cristã das obras de misericórdia manifesta o princípio do amor ao próximo, esta inspiração encontra-se na Sagrada Escritura, no Evangelho segundo São Mateus (cf. Mt 25,35-46).

Como cristãos, somos motivados e orientados segundo estas obras de misericórdia, para fazer tudo para aliviar o sofrimento alheio.⁷² Através delas podemos encontrar e alcançar a misericórdia, mesmo que, muitas vezes, praticá-las nos cause algum desconforto e/ou incómodo, podemos livrar-nos do egoísmo e imitar Jesus.⁷³

A distinção das obras, em corporais e espirituais, não se destina a separá-las umas das outras, mas sim a torná-las uma complementaridade e uma indispensabilidade de todas. Devem ser vistas como um conjunto, pois consideram todas as dimensões da vida humana e visam a existência condigna de todas as pessoas.⁷⁴

São as obras corporais: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, assistir os enfermos, visitar os presos, e enterrar os mortos. E as obras espirituais: dar bom conselho, ensinar os ignorantes, corrigir os que erram, consolar os tristes, perdoar as injúrias, sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo, e rogar a Deus pelos vivos e defuntos.⁷⁵

O Papa Francisco, na mensagem de 1 de setembro de 2016 para a celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, propõe uma nova obra de misericórdia ligada ao cuidado da natureza.

⁷⁰ Cf. Francisco Pp. *Misericordia et Misera*, 29.

⁷¹ Cf. *Ibidem*, 31.

⁷² Cf. *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 165.

⁷³ Cf. Francisco Pp. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta, “O risco da Misericórdia” (5 de junho de 2017), in *AAS 109*, (2017). Acedido em 26 de Novembro de 2017. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170605_o-risco-misericordia.html.

⁷⁴ Cf. Alberto (Org.), *Sinais de Misericórdia*, 38.

⁷⁵ Cf. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica* (Lisboa: Paulus Editora, 2011), 247.

Acrescenta assim, a 15ª obra de misericórdia, um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, o cuidado da casa comum, devendo ser uma obra, vista pelos cristãos, como defesa da vida humana na sua totalidade.⁷⁶

Como não podemos ficar indiferentes perante a perda da biodiversidade e a destruição dos ecossistemas, muitas das vezes provocadas pelos comportamentos irresponsáveis e egoístas dos seres humanos, é necessário uma conversão interior e uma tomada de consciência da responsabilidade para conosco, o próximo, a criação e o Criador. Para uma ecologia integral, os seres humanos, que estão profundamente ligados entre si e à criação na sua totalidade, não podem maltratar a natureza, conseqüentemente os seres humanos.⁷⁷

Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum, requer simples gestos quotidianos que permitam quebrar a lógica da violência, exploração e egoísmo, e como obra de misericórdia espiritual requer a grata contemplação do mundo.⁷⁸

5. Em síntese

A solidariedade na fé vê-se em Jesus como o caminho da solidariedade de Deus para com uma humanidade que por si mesma não se consegue ajudar. O Filho de Deus é solidário com toda a humanidade, mais, Ele entrega a vida por ela. Esta entrega pelos outros representa a forma mais elevada possível do amor e da solidariedade que deve ser a medida do agir cristão.⁷⁹

A solidariedade dos cristãos para com os outros deve revelar-se na luta por estruturas sociais justas, para que todas as pessoas tenham acesso aos bens materiais e espirituais da terra. Os cristãos, ao transmitirem a fé, estão a manifestar um ato solidário, a ser o sinal prático por que é reconhecido como ser cristão. Ser solidário não é apenas um mandamento racional. Negar a solidariedade aos outros é rejeitar e negar Cristo, pois Ele identificou-se com todos aqueles que mais precisam, os pobres, os mais pequeninos.⁸⁰

⁷⁶ Cf. Francisco Pp. Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para a Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação 1 de setembro de 2016. “Usemos de misericórdia para com a nossa casa comum” (1 de setembro de 2016), in *AAS 108* (2016). Acedido em 25 de julho de 2018. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html, nº 5.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*, nº 1.

⁷⁸ Cf. Ecclesia. “Ecologia: Papa propõe 15ª obra de misericórdia, cuidar da natureza”. Agência Ecclesia 2016. Acedido em 25 de julho de 2018. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/ecologia-papa-propoe-15-obra-de-misericordia-cuidar-da-natureza/>.

⁷⁹ Cf. *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 104.

⁸⁰ Cf. *Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica*, 185.

A solidariedade é uma exigência da fraternidade, tem de ser a consequência prática do sentimento fraterno para com os outros.

A solidariedade não começa fora de nós, já está dentro de nós. Solidariedade é um agir solidário que se desenvolve até procurar o verdadeiro bem do outro. A verdadeira solidariedade envolve outros na sua ação a favor do outro. Solidariedade não é um sentimento de compaixão ou ternura superficial com os males das pessoas. É a determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um para que todos sejamos verdadeiramente responsáveis por todos.⁸¹

“Há necessidade que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade”⁸².

A justiça, a solidariedade, a compaixão, a verdade e a benevolência são alguns dos valores essenciais que orientam o comportamento humano na procura do bem. A procura do bem é um desejo universal que está gravado no coração de cada ser humano e que está acessível a todos.⁸³

Nos tempos de hoje, muitas vezes difíceis, recordar a tradição das obras de misericórdia significa apreender a caridade e a misericórdia como arte do encontro, da relação, de viver, mas significa sobretudo um novo impulso de humanidade, para não permitir que o cinismo, a corrupção, a mentira, a ambição do poder e do domínio sobre os outros, a barbárie e a indiferença triunfem.⁸⁴

A misericórdia é uma questão de obras e demonstra-se nas obras. Devemos demonstrar isso na relação que temos para com os outros, ao praticá-las nas suas fragilidades, quer na vertente corporal e/ou espiritual. Usar de misericórdia, mesmo com a pessoa mais anónima e marginalizada, é um exercício de amor, de encontro com o próprio Cristo. A prática, ativa e criativa, das obras de misericórdia é sempre necessária.⁸⁵

⁸¹ Cf. Tettamanzi, *Não há futuro sem solidariedade*, 220.

⁸² Francisco Pp., “Fraternidade, fundamento e caminho para a paz”, nº 10.

⁸³ Cf. Carvalho (Coord.), *Conta comigo! Manual do aluno - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*, 115.

⁸⁴ Cf. D. José Cordeiro, “Das Obras de Misericórdia à Misericórdia das Obras” (2015). Acedido em 19 de novembro de 2017. <http://diocesebm.pt/sextafeirasanta>.

⁸⁵ Cf. Alberto (Org.), *Sinais de Misericórdia*, 139.

CAPÍTULO II – A HOSPITALIDADE COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO

“Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, sem o saberem, hospedaram anjos.” (Heb 13,2)

“Tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, era peregrino e recolhestes-Me, estava nu e destes-Me que vestir, adoeci e visitastes-Me, estive na prisão e fostes ter comigo.” (Mt 25,35-36)

Depois de termos refletido, no capítulo anterior, acerca de conceitos como solidariedade, fraternidade e misericórdia, neste capítulo vamos focar-nos, essencialmente, no conceito da hospitalidade. Como uma linha sequencial da solidariedade podemos chegar à fraternidade e desta, à hospitalidade, muito mais operante e interior.

A hospitalidade é aquela que abre a porta e que acolhe. Normalmente é vista por um tempo determinado, pois ninguém fica permanentemente hóspede de alguém.⁸⁶ Mas uma hospitalidade absoluta é aquela que oferece o dom sem reserva, é mais digna pois não é necessário perguntar ao outro quem é, qual o seu nome, de onde vem, para onde vai, mas simplesmente o outro vem, entra, fica.⁸⁷

Neste segundo capítulo refletimos sobre o conceito de hospitalidade e o que ele envolve. Abordaremos aspetos relativos tanto ao que acolhe como ao que é acolhido, isto é, o hóspede e o hospedeiro. Apontamos também para o que é uma hospitalidade incondicional e condicional, a lei da hospitalidade e alguns traços básicos. Apresentaremos um mito sobre a hospitalidade que relata o acolhimento de um casal de idosos, Báucis e Filêmon. Estes, acolhem dois forasteiros que, sem suspeitarem, eram os deuses Júpiter e Hermes. Aludindo a dimensões, atitudes e políticas. Faremos ainda alusão ao que é dito na bíblia sobre esta temática, tanto no Antigo como no Novo Testamento, com alguns modelos que espelham a hospitalidade. Salienta-se o grande exemplo de Abraão e o de Maria. Finalizando, menciona-se uma hospitalidade inter-religiosa.

⁸⁶ Cf. Leonardo Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Convivência, respeito e tolerância*. Vol. II. (Petrópolis, RJ: Vozes, 2006), 9.

⁸⁷ Cf. Anne Dufourmantelle e Jaques Derrida, *Da hospitalidade* (Viseu: Palimage Editores, 2003), 87.

1. A hospitalidade: vários olhares

A hospitalidade vai além do simples hospedar alguém da família ou um amigo, é hospedar o estrangeiro, alguém que não conhecemos. Quando recebemos alguém e o convidamos a entrar, quando dizemos os nossos nomes, quando oferecemos um lugar para descansar, água para se lavar e comida para saciar a sua fome, esse alguém torna-se hóspede. É aquele com quem podemos estreitar os laços, mas claro, mantendo-se as especificidades de cada um. “Acolher um estrangeiro significa multiplicar a alegria do encontro, da novidade e da partilha, não só do pão e do sal, mas da vida”⁸⁸.

Hospitalidade é uma palavra que provém do latim *hospitalitate*, para designar o ato de hospedar. Também é visto como hospedagem, como a qualidade de hospitaleiro e, por extensão, um acolhimento afetuoso.

Antigamente, a palavra *hóspede* tinha um duplo sentido, quem hospeda e quem é hospedado. Hoje, significa a pessoa hospedada, aquela que recebe hospitalidade, é recebida na casa de alguém, é acolhida.

“*Hóspede* provém do latim *hospes* e era a pessoa que se aloja temporariamente em casa alheia, visitante; *Hospite* era o senhor do estrangeiro, do *hospitem*, do propriamente estrangeiro, da pessoa que vem de outra terra. Hospitalidade, derivando do latino *hospitalitas*, é o ato de hospedar, de acolher afetosamente, e de *hospitatem*, a qualidade, a disposição acolhedora de quem oferece hospedagem, de quem bem recebe o hóspede”⁸⁹.

Este conceito surge historicamente na Europa na idade média. Nesta época, associada ao clero, verificava-se uma hospitalidade gratuita, atitude caridosa oferecida aos indigentes e dos viajantes acolhidos nos conventos, hospícios e hospitais.⁹⁰ Na antiga Roma era conotada como sinal de exuberância, “comer, beber e acomodar”. Com a Revolução Industrial encontramos já uma hospitalidade mais comercial com leis trabalhistas, tempo de lazer, desenvolvimento do turismo e como ato de prestar serviços de hospedagem. Para o período pós-moderno, a hospitalidade é uma excelência dos serviços, enquanto na sociedade pós-industrial, é vista como uma ferramenta para melhorar a relação interpessoal e tornar ambientes hospitaleiros através de diversos factores. Atualmente, a hospitalidade é um amplo

⁸⁸ Maria Suzana Figueiredo Assis Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade” in *Grande sinal: Revista de Espiritualidade*, Petrópolis, Instituto Teológico Franciscano, Faculdade de Teologia Petrópolis, RJ, Vol. 69, nº 1, janeiro - fevereiro, 2015, 11.

⁸⁹ Charles Lang, “A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade”, in *Revista Electrónica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*, Vol. 3, 2004. Acedido em 4 de abril de 2018. <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/2156/2064>.

⁹⁰ Cf. Rosângela Alves Farias, “Conceitos da hospitalidade”, São Paulo, 2015. Acedido em 4 de abril de 2018. <https://pt.slideshare.net/admfarias1/apresentacao-conceitos-hospitalidade>.

conjunto de estruturas, serviços e atitudes, que relacionados, proporcionam o bem-estar ao indivíduo e tornam alguns lugares mais hospitaleiros que outros.⁹¹

Uma outra visão apresentada assenta na origem latina da palavra *hospes*, causado do composto *hosti-pet-s*. Como *hostis*, contém a noção de hostilidade, apresenta o significado arcaico como estrangeiro, bem como o significado de *aequare*, que corresponde a compensar e igualar. O sentido de *hostis* restringiu-se a hostil e passou a ser aplicada em relação ao inimigo. O termo latino *hosti-pet* é atribuído àquele que personifica a hospitalidade, ou seja, o hóspede. A variação *hosti-pet-s* designa o poder soberano de decidir acerca da hospitalidade e significa senhor do hóspede, também compreendido como anfitrião.⁹²

O conceito de hospitalidade traz-nos logo à ideia o acolher em nossa casa, acolher um hóspede, receber alguém e dar o que é nosso. De acordo com a definição encontrada no dicionário podemos ligar o conceito a um nome feminino com o significado de um ato de hospedar, de acolher hóspede (s).⁹³

Quando pensamos em hospitalidade, começamos a partir da existência de um espaço que abrimos para o visitante. É por isso que, antes que a hospitalidade seja uma reflexão ética ou moral, isso lembra nos que a ética é hospitalidade na medida em que diz respeito ao ethos, a saber, a habitação, a casa, o local da residência familiar.⁹⁴

A hospitalidade define-se sempre a partir do Outro. É incondicional e estende-se ao Outro, isto é, o Outro enquanto desconhecido que bate à porta; o Outro enquanto forasteiro que vem de fora, de outras terras com outra língua, outros costumes e outra cultura; o Outro enquanto classe social; o Outro como excluído do convívio social, alguém em extrema necessidade; o Outro enquanto o radicalmente Outro, o Deus escondido.⁹⁵

Pela sua natureza, a hospitalidade supõe generosidade, abertura de coração, sensibilidade pelo desamparo do outro. Implica ultrapassar aquelas atitudes cheias de reservas e de receios. A hospitalidade supõe a superação dos preconceitos e defende uma confiança quase ingênua mas indispensável para que a hospitalidade e a convivência sejam verdadeiramente hospitalidade e convivência sem constrangimentos.

A hospitalidade tem que ser incondicional e sem reserva, não faz perguntas simplesmente acolhe com jovialidade, não reparando nas características exteriores, é sensível

⁹¹ Cf. *Ibidem*.

⁹² Cf. Sênia Regina Bastos, Ladjane Milfont Rameh e Fábio Molinari Bitelli, “O conceito de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de periódicos da capes” in *Anais do Seminário da Anptur*, 2016. Acedido em 22 de dezembro de 2017. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/612.pdf>.

⁹³ Cf. Infopédia, Dicionários Porto Editora. “Hospitalidade” Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acedido em 4 de abril de 2018. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hospitalidade>.

⁹⁴ Cf. Luís Aragón Gonzáles, “La hospitalidade en la obra de Derrida” in *Paideia 76*, Revista de Filosofia e Didáctica Filosófica, 2ª Época, Ano XXVII, Madrid, maio - agosto, 2006, 250.

⁹⁵ Cf. Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 94.

à condição de necessidade, é solícita em acolher e em oferecer o que tem.⁹⁶ Está relacionada com os mínimos cuidados humanos: ser acolhido sem reservas, poder abrigar-se, comer, beber e descansar. Sem esses mínimos materiais ninguém consegue viver e sobreviver. Mas o mínimo material remete-nos para um mínimo espiritual, muito mais profundo, que tem a ver com aquilo que nos faz humanos, que é a capacidade de acolher incondicionalmente, de ser solidários e cooperativos e capazes de conviver.⁹⁷

Interroga-se o filósofo Jaques Derrida, se, para se oferecer hospitalidade, será preciso partir da existência certa de uma morada ou será a partir da deslocação do sem abrigo, do sem casa própria, que se pode abrir a autenticidade da hospitalidade. Questiona-se ainda se será que só aquele que sofre a experiência da privação da casa é que é capaz de oferecer a hospitalidade.⁹⁸

A hospitalidade “não pode ser oferecida senão aqui e agora”⁹⁹. Dá como impensada esta relação difícil, ambivalente com o lugar. Como se o lugar que está em questão na hospitalidade fosse um lugar que não pertencesse originalmente, nem ao hospedeiro, nem ao convidado, mas ao gesto pelo qual um dá acolhimento ao outro, mesmo que, e sobretudo, ele não tenha morada a partir da qual este acolhimento possa ser pensado.

Também o mesmo autor nos leva a pensar na língua materna como uma metáfora do “*em sua casa em casa do outro*” e que aponta para a essência da hospitalidade, isto é, um lugar sem lugar abrindo-se à hospitalidade.¹⁰⁰

O ser humano oferece hospitalidade ao seu semelhante, isto é, a hospitalidade é um ato humano.¹⁰¹ A questão da hospitalidade é a questão do nome e do sujeito. Embora surjam questões se a hospitalidade começa mesmo antes de se dar o nome e de identificar o outro, ou se é mais justo perguntar, identificar e chamar pelo nome do sujeito primeiro.¹⁰²

Podemos dizer que não há hospitalidade, em sentido clássico, sem soberania do si sobre a sua própria casa; como também afirmar que não há hospitalidade sem finitude, a soberania não pode exercer-se senão filtrando, escolhendo, e excluindo.¹⁰³

“O convite, o acolhimento, o asilo, o albergue passam pela língua ou pelo endereçamento ao outro”¹⁰⁴, ou seja, a linguagem é também hospitalidade. A relação e a linguagem são hospitalidade, sem linguagem e comunicação não há hospitalidade, mesmo que

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 95.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 96.

⁹⁸ Cf. Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 17.

⁹⁹ *Ibidem*, 18.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 23.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*, 28.

¹⁰² Cf. *Ibidem*, 41.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 53.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 87.

por vezes a linguagem crie barreiras, a linguagem, verbal e/ou não verbal, é fundamental para o processo de hospitalidade.¹⁰⁵

O essencial da hospitalidade está no acolher em função das necessidades do outro com aquilo que está disponível.¹⁰⁶ É simplesmente dar o que se tem, é a gratuidade sem retorno às despesas sem reservas. Uma atitude hospitaleira é um receber sem receber.¹⁰⁷ Deve ser um direito humano, deve ser efetiva, concreta, e atuante.¹⁰⁸ Há hospitalidade quando acolho mais do que aquilo que posso acolher, dá-se quando se dá para além do poder, dá aquilo que não se tem.¹⁰⁹

A hospitalidade é um “soberano bem” para o outro-acolhido e para o outro-acolhedor, pois ambos se revêem no bem um do outro, e são um bem, um para o outro. A hospitalidade como uma relação de alteridade, não tem a ver com a indiferença, mas com a amizade. Esta dá forma à hospitalidade e estabelece a unidade da hospitalidade. Como amizade exige uma confiança incondicional para que as duas pessoas possam partilhar.¹¹⁰

A raiz última da hospitalidade é baseada na ideia de vulnerabilidade e de estranheza. Como atividade que pode transformar as atitudes do hóspede, transforma também as do hospedeiro, corrige a tendência do nosso espírito de não fazer o mínimo esforço para analisar as nossas percepções, o que nos torna incapazes de entender o que não é imediato. Um dos obstáculos para a prática efetiva da hospitalidade está relacionado à incompetência em manter uma conversa e na falta de disposição de ouvir o outro. A conversação é um dos meios mais importantes de criar igualdade e a hospitalidade exige este desejo de igualdade, na igual dignidade de todos.¹¹¹ A autêntica hospitalidade é aquela que encaminha para o desaparecimento do eu, a fim de aparecer o “nós” e o outro.¹¹²

¹⁰⁵ Cf. João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014), 224.

¹⁰⁶ Cf. Brian O'Donnell, “Globalização do carisma da hospitalidade” in *Hospitalidade*, A Revista da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, Ano 77, nº 302, outubro - dezembro, 2013, 21.

¹⁰⁷ Cf. Gonzáles, “La hospitalidade en la obra de Derrida”, 256.

¹⁰⁸ Cf. Fernanda Bernardo, “Para além do cosmopolitismo Kantiano: Hospitalidade e “Altermundialização” ou a promessa da “Nova inter-nacional” democracia de Jacques Derrida”, in *Revista Portuguesa de Filosofia, Herança de Kant, II-Efeitos e Transformações*, Vol. 61, 2005, 957.

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 988.

¹¹⁰ Cf. Ramiro Délio Borges de Meneses, “A hospitalidade como “vivência da amizade” segundo Derrida”, in *Cauriensia*, Revista anual de Ciências eclesíásticas, Instituto Teológico “San Pedro de Alcântara”, Universidade de Extremadura, Vol. VIII, 2013, 447.

¹¹¹ Cf. Francesc Torralba, *Sobre la hospitalidad Extraños y vulnerables como tú* (Madrid: PPC Editorial y Distribuidora SA, 2003), 199.

¹¹² Cf. *Ibidem*, 197.

1.1. O hóspede e o hospedeiro

Tanto o hóspede como o hospedeiro são elementos centrais da hospitalidade. Sem eles não se dá nem se recebe hospitalidade. Enquanto um recebe o outro dá e, para poder dar tem de ter recebido.

O hóspede (*hôte/guest*) é aquele que é recebido, que é acolhido, que é hospedado.¹¹³ O termo “*hostis*” significa em latim, o hóspede, mas também pode significar o inimigo.¹¹⁴

Presente no termo *hospit-*, designa o poder de acolher e de dar hospitalidade, é ao mesmo tempo, aquele que acolhe ou hospedeiro, aquele que é acolhido ou hóspede “e ainda o inimigo”¹¹⁵. Podemos ver assim duas derivações de *hostis*, como hóspede ou como inimigo.¹¹⁶

“O hóspede pode representar uma ameaça de outra modalidade, na medida em que carrega a potencialidade de converter-se em um parasita, ou seja, no hóspede abusivo e ilegítimo, no que resultará em hostilidade”¹¹⁷. A distinção de um hóspede (*guest*) de um parasita pode ver-se numa diferença estrita. Nem todo o recém-chegado é recebido como um hóspede se não beneficiar do direito à hospitalidade ou do direito de asilo. “Sem este direito, ele não pode introduzir-se ‘em minha casa’, na ‘casa’ do hospedeiro (*host*), senão como parasita, como hóspede abusivo, ilegítimo, clandestino, passível de expulsão ou de prisão”¹¹⁸.

“O hóspede, mesmo quando se recebe bem, é em primeiro lugar um estrangeiro, deve permanecer um estrangeiro. A hospitalidade é devida ao estrangeiro, claro, mas permanece, assim como o direito, condicional, e portanto condicionada na sua dependência à incondicionalidade que funda o direito”¹¹⁹.

Um estrangeiro não pode ser apenas “aquele ou aquela que vive no estrangeiro, no exterior da sociedade, da família, da cidade. Não é o outro, o outro absoluto que se relega para um exterior absoluto e selvagem, bárbaro, pré-cultural e pré-jurídico, fora e aquém da família, da comunidade, da cidade, da nação ou do Estado. A relação com o estrangeiro é regulada pelo direito, pelo devir-direito da justiça”¹²⁰.

O hóspede aguardado, não é apenas alguém a quem se diz “vem”, mas “entra”, “entra sem demora”, “pára em nossa casa sem demora”, “despacha-te a entrar”, “anda para dentro”,

¹¹³ Cf. Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 47.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, 10.

¹¹⁵ Gonçalo Zagalo, “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida” in *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 15, nº 30, 2006, 307-323. Acedido em 22 de dezembro de 2017. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34125/1/RFC30_artigo3.pdf?ln=pt-pt, 315.

¹¹⁶ Cf. Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 49.

¹¹⁷ Bastos, Rameh e Bitelli, “O conceito de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de periódicos da capes”.

¹¹⁸ Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 55.

¹¹⁹ *Ibidem*, 60.

¹²⁰ *Ibidem*, 60.

“vem a mim”, “ocupa-me”, “toma lugar em mim”, toma também o meu lugar, não te contentes em vir ao meu encontro ou a “minha casa”.¹²¹ O hóspede convidado (*guest*) torna-se o dono e senhor do hospedeiro (*host*). Ou seja o hospedeiro torna-se hóspede do hóspede, e o hóspede torna-se o hospedeiro do hospedeiro. Assim, estas substituições fazem de todos e de cada um, o refém do outro.¹²²

“Os hóspedes são convidados a partilhar a mesma mesa, superando assim a distância e a inimizade”¹²³. Acolher o outro, abre o caminho para se perceber a simplicidade e a grandeza da hospitalidade. “Se a decisão de acolher não é da ordem de intencionalidade, então o hóspede não é propriamente um convidado, mas sim um visitante”¹²⁴.

O hospedeiro (*hôte/host*) é aquele que recebe, acolhe, e dá hospitalidade.¹²⁵ Ele é o que toma e que acolhe. O dono da casa está em sua casa, mas acaba por entrar na sua própria casa graças ao hóspede (*hôte*), que vem do exterior, ele como dono da casa entra para dentro como se viesse de fora, entra em sua casa graças ao visitante, pela graça do hóspede (*hôte*).¹²⁶

“Não tendo o dono da casa preocupação mais urgente que a de deixar irradiar a sua alegria sobre quem, à noite, viesse comer à sua mesa e descansar as fadigas do caminho debaixo do seu tecto, espera com ansiedade no solar da sua casa o estrangeiro que verá emergir no horizonte como um libertador. E o mais longe que o avistar, o dono da casa apressar-se-á a gritar-lhe: ‘Entra depressa, porque tenho medo da minha felicidade’ ”¹²⁷.

Aquele que acolhe só se torna acolhedor porque dá o acolhimento.¹²⁸ Então, acolher o recém-chegado como absolutamente outro, não é acolhê-lo como um estrangeiro, mas sim como o que vem. A diferença entre o acolhimento do estrangeiro e o do outro absoluto é a diferença entre a hospitalidade jurídico-político-moral e a incondicional.¹²⁹

As figuras do hóspede e do hospedeiro representam um certo modelo para pensar sobre a condição do ser humano, a situação peculiar daqueles que não são completamente em si mesmos, daqueles que vivem em uma espécie de dependência sem que isso suponha uma alienação absoluta. A relação de hospitalidade não é mecânica, já que o hóspede pode sair ou o hospedeiro pode retirar a sua recepção, mas tão pouco é um relacionamento sustentado exclusivamente pela liberdade de escolha pois muitas vezes somos visitados inesperadamente. A resposta a uma iniciativa dos outros é hospitalidade.¹³⁰

¹²¹ Cf. *Ibidem*, 81.

¹²² Cf. *Ibidem*, 82.

¹²³ Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade”, 11.

¹²⁴ Zagalo, “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida”, 316.

¹²⁵ Cf. Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 47.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, 83.

¹²⁷ *Ibidem*, 85.

¹²⁸ Cf. Zagalo, “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida”, 316.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 318.

¹³⁰ Cf. Daniel Innerarity, *Ética de la hospitalidad* (Barcelona: Península, 2001), 44.

1.2. A hospitalidade incondicional e condicional

Entre a hospitalidade incondicional e a condicional deve haver sempre uma articulação dinâmica para não sacrificar uma em nome da outra.

O ideal de hospitalidade deve ajudar a formular boas leis e a inspirar políticas públicas generosas que viabilizam o acolhimento do estrangeiro, do emigrante, do refugiado e do diferente. Caso contrário, permanece uma utopia sem conteúdo concreto.¹³¹

Enquanto a hospitalidade incondicional precisa da hospitalidade condicional para se tornar efetiva, a hospitalidade condicional precisa da hospitalidade incondicional para não cair no burocratismo e não perder o espírito de abertura, essencial a todo o acolhimento.¹³²

A hospitalidade é a resposta humanitária e civilizada à questão “o que posso fazer como pessoa, como sociedade, para acolher o estrangeiro e o diferente?”¹³³. Pela sua natureza supõe reciprocidade, pois ela é “um dever que todos devem praticar e é um direito de que todos devem gozar”¹³⁴.

Normalmente vivemos a hospitalidade com os nossos semelhantes, com aqueles que nos estão mais próximos, que fazem e dividem o mesmo trabalho, que participam na mesma comunidade local, que se encontram nos mesmos lugares sociais, que se unem pelo mesmo clube, que são do mesmo partido, que têm a mesma religião e que comungam na mesma fé. Esta hospitalidade acontece nas visitas, nas festas familiares, nos encontros de oração e em momentos de necessidade, pois deriva da sensibilidade humana mínima e do sentimento comum de solidariedade.¹³⁵

Concebe-se a hospitalidade como infinita, incondicional e assimétrica, dado que depende da remoção das fronteiras que nos separam do outro, preservando-o sem aniquilá-lo. Esta é a principal característica da hospitalidade, ou seja, a abertura ao outro, a abertura moral para o estranho, o direito de ser bem-vindo.¹³⁶

“A negação da hospitalidade rouba do forasteiro a sua condição fundamental como ser humano. O estranho recebe as boas vindas apenas quando afasta a sua estranheza e se

¹³¹ Cf. Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 107.

¹³² Cf. *Ibidem*.

¹³³ *Ibidem*, 108.

¹³⁴ *Ibidem*, 110.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 111.

¹³⁶ Cf. Bastos, Rameh e Bitelli, “O conceito de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de periódicos da capes”.

transforma no que eu acho que ele deveria ser, ou seja, nega-se a sua alteridade, contraria-se a ética ao não se preservar a relação com o outro enquanto outro”¹³⁷.

A hospitalidade pura ou incondicional, ou seja, a hospitalidade em si, é aquela que se abre ou está aberta previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém-chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro. Toda a hospitalidade implica de antemão hostilidade, isto é, o hiato entre a capacidade finita de acolher no mundo e a injunção infinita ao acolhimento incondicional do absolutamente outro e que exige acolhimento efetivo e, por conseguinte, o espaço público da inscrição do significado pela linguagem.¹³⁸

Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude, a soberania só pode ser exercida filtrando-se, escolhendo-se, portanto, excluindo-se e praticando-se a violência.¹³⁹

A hospitalidade atua como uma lei incondicional e ilimitada, sem pedir nem o nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição. A proposta é a de uma hospitalidade além de qualquer limite, norma ou convenção, além de qualquer distinção entre privado e público, como, aliás, sem dúvida, além de todas as distinções. Trata-se assim de uma abertura ao desconhecido, todavia, impossível de se legislar ou organizar institucionalmente.¹⁴⁰

A hospitalidade incondicional é impossível pois “terá de ser pensada a partir da singularidade única, absoluta e secreta”¹⁴¹, ou seja, para além da cidadania, linhagem, etnia, nome próprio e espaço público. A lei da hospitalidade incondicional está acima das leis efetivas somente na medida que o “sim” vem antes de tudo.¹⁴² O ideal da hospitalidade é a hospitalidade em estado puro, incondicional e sem reservas, onde tudo é transparente e encantador.¹⁴³

A hospitalidade que é possível, é sempre uma hospitalidade condicional, ou seja, uma que acolhe mas com condições específicas.¹⁴⁴ O outro tem de ser acolhido algures e, para que o acolhimento incondicional não seja uma mera utopia ou ilusão, é preciso que a lei singular da hospitalidade incondicional se inscreva desde a origem. Porque a lei da hospitalidade incondicional, em si mesma, é impossível, ela precisa das leis efetivas.¹⁴⁵ Uma lei incondicional que não pudesse tornar-se efetiva, que não possuísse força de lei, não seria

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ Cf. Ibidem.

¹³⁹ Cf. Ibidem.

¹⁴⁰ Cf. Ibidem.

¹⁴¹ Zagalo, “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida”, 318.

¹⁴² Cf. Ibidem, 322.

¹⁴³ Cf. Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 105.

¹⁴⁴ Cf. Zagalo, “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida”, 320.

¹⁴⁵ Cf. Ibidem.

incondicional. Mas, ao tornar-se efetiva, ao inscrever-se nas leis condicionais (morais ou jurídicas) da hospitalidade, ela contamina na sua incondicionalidade.¹⁴⁶

1.3. A lei da hospitalidade

A lei da hospitalidade é como uma lei incondicional e ilimitada, como o oferecimento do lar a quem chega de fora, ao estrangeiro da subjetividade. Ela oferece a si própria, sem pedir nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição. Como lei está em contraponto às leis da hospitalidade, que se dirigem a direitos e deveres sempre condicionados e condicionais, como defendem os tratados e convenções das relações entre nações. A hospitalidade vista de modo condicional remonta à tradição da cultura ocidental.¹⁴⁷

Sem a ideia de hospitalidade pura não teríamos sequer a ideia do outro, a alteridade do outro, ou seja, de alguém que entra em nossas vidas sem ter sido convidado, a hospitalidade incondicional, que não é jurídica nem política, ainda assim é condição do político e do jurídico.¹⁴⁸

A lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral da hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal, pervertível ou pervertedora. A hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade com direito ou dever, com o pacto da hospitalidade. Ela exige que eu abra a minha casa e que dê, não apenas ao estrangeiro mas ao outro absoluto, desconhecido, anónimo, e que lhe dê lugar, que o deixe vir, que o deixe chegar e ter lugar no lugar que lhe ofereço, sem lhe pedir reciprocidade e sem mesmo lhe perguntar pelo nome.¹⁴⁹

A lei absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito, pois, sendo uma hospitalidade justa, rompe com a hospitalidade de direito; não que ela a condene ou se lhe oponha, mas é-lhe tão estranhamente heterogénea quanto a justiça é heterogénea ao direito, de que no entanto tão próxima é, e, na verdade mesmo indissociável.¹⁵⁰

Ela manda oferecer ao recém-chegado um acolhimento sem condições. Devemos dizer sim, ao recém-chegado, “antes de qualquer determinação, antes de qualquer antecipação, antes de qualquer identificação, trate-se ele ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 321.

¹⁴⁷ Cf. Gustavo Oliveira de Lima Pereira, “Da tolerância à hospitalidade na democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jaques Derrida” in *Sapere Aude Belo Horizonte*, Vol. 4, nº 7, 2013, 308-328. Acedido em 15 de fevereiro de 2018. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5505/5494>.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁴⁹ Cf. Dufourmantelle e Derrida, *Da hospitalidade*, 40.

¹⁵⁰ Cf. *Ibidem*.

convidado ou de um visitante inopinado, seja o recém-chegado ou não o cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivente ou um morto, masculino ou feminino”¹⁵¹.

Esta lei tem necessidade das leis e requiere-as, deve tornar-se efetiva, concreta, determinada, se tal não fosse o seu ser como “dever-ser”. Não pode correr o risco de ser abstrata, utópica, ilusória, e portanto de se tornar no seu contrário.

“As leis condicionais deixariam de ser leis da hospitalidade se não fossem guiadas, inspiradas, aspiradas, requeridas mesmo, pela lei da hospitalidade incondicional. Estes dois regimes de lei, da lei e das leis, são pois ao mesmo tempo contraditórios, antinômicos, e inseparáveis. Implicam-se e excluem-se simultaneamente um ao outro. Incorporam-se no momento de se excluïrem, dissociam-se no momento de se enredarem um no outro, no momento (simultaneidade sem simultaneidade, instante de sincronia impossível, momento sem momento) em que, expondo-se um ao outro, um aos outros, os outros ao outro, eles se mostram ao mesmo tempo mais e menos hospitaleiros, hospitaleiros e inospitaleiros, hospitaleiros enquanto inospitaleiros”¹⁵².

A hospitalidade não deve pagar uma dívida, nem ser ordenada por um dever. Se eu praticar a hospitalidade por dever (e não apenas em conformidade com o dever), esta hospitalidade não é absoluta, não é oferecida para além da dívida e da economia, oferecida ao outro, uma hospitalidade convidada para a singularidade do recém-chegado.¹⁵³

1.4. Traços básicos da hospitalidade

Como basilares na hospitalidade, podemos ver alguns dos principais traços, a gratuidade, o respeito, a solicitude, a discrição, a consciência de acolher o próprio Deus, a alteridade.

A gratuidade é a abertura e disponibilidade àquele que interpela as nossas convicções. A hospitalidade como experiência existencial, ao nível do ser, é gratuita onde aquele que é acolhido tem direitos, mas também tem deveres, e aquele que acolhe está disposto a mudar a sua rotina. Tanto o hóspede como o hospedeiro estão disponíveis a renovar e a redefinir a sua identidade. O outro torna-se estímulo para uma convivência enriquecedora.¹⁵⁴ Também esta gratuidade absoluta define-se como dom, doação pura, independentemente do dador, do recetor e do que é doado. Mas é preciso cuidado para não limitar a gratuidade do dom a um

¹⁵¹ Ibidem, 62.

¹⁵² Ibidem, 63.

¹⁵³ Cf. Ibidem, 64.

¹⁵⁴ Cf. Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade”, 15.

elemento absolutamente transcendente e transcendental, sem articulação com o mundo real e tornando a doação impossível.¹⁵⁵

O respeito possibilita a permanência da distância para que se preserve a identidade, originalidade, singularidade e especificidade do hóspede. É indispensável que haja uma atitude de profundo respeito às convicções e à constituição da identidade de cada indivíduo, tanto do hospedeiro como do hóspede. Na hospitalidade há envolvimento da escuta respeitosa daquilo que o outro tem a dizer numa abertura humilde do coração e da mente para compreender as diferenças e novidades que o outro nos traz. Também o hóspede não deve recusar o que lhe é oferecido, os alimentos proporcionam a refeição junto à família valorizando-se a hospitalidade da casa.¹⁵⁶

A solicitude mostra-nos a atenção e o cuidado para com este outro. Mesmo que o hóspede nos traga incômodo e transtorno na sua visita, eventualmente inoportuna, é preciso dispormo-nos a recebê-lo sem esperar contrapartidas ou reciprocidade. Até mesmo quando a visita é desejada, a entrada de um outro representa sempre a invasão de um espaço e a interrupção de uma rotina. É necessário que não transpareça para o hóspede qualquer mudança no cotidiano ou em qualquer problemática que ocorra durante a sua estadia, ele deve sentir-se em sua casa e ser tratado com honra, consideração, atenção e delicadeza.¹⁵⁷

A discricção na hospitalidade inclui o ato de reserva e sensatez. O tempo da estadia para hospedar alguém em casa é limitado. Os três dias, como regra geral, marcam a hospitalidade ofertada, são simbólicos e definem os limites restritos, considerando um tempo para acolher, para ficar, e para partir. Mais tempo pode provocar incômodo por várias razões, quer económicas, psicológicas.¹⁵⁸ Nos dias de hoje ouvimos com frequência o provérbio “*O hóspede é como o carneiro, aos três dias toma cheiro*”. Esta máxima deve ter aqui a sua explicação mitológica.

O acolher Deus é o reconhecimento do carácter sagrado do outro. Na hospitalidade ao receber um hóspede é como receber o próprio Deus, e aquele que recebe o outro, com este gesto de acolhimento, oferece também Deus ao seu hóspede.¹⁵⁹

A alteridade encontra-se na ligação com a identidade do mesmo, pois é na resposta ao outro que o mesmo adquire a sua identidade, possibilitando a sua definição. Para uma verdadeira definição da própria identidade é necessária esta relação com o outro, com o outro

¹⁵⁵ Cf. João Manuel Duque, “Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade”, in Santos, M.M.C. Baptista. I. (Orgs.). 2014. Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade. Caxias do Sul, RS: Educs, 149-160. Acedido em 18 de janeiro de 2018. http://www.academia.edu/10362686/Filosofia_da_Hospitalidade, 158.

¹⁵⁶ Cf. Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade”, 15.

¹⁵⁷ Cf. Ibidem, 16.

¹⁵⁸ Cf. Ibidem.

¹⁵⁹ Cf. Ibidem.

diferente. O ser humano é um “ser-hóspede” e um “ser-para-o-hóspede”, tendo duplo sentido de acolhimento do outro. A hospitalidade absoluta obriga que se dê lugar ao outro absoluto.¹⁶⁰

2. Hospitalidade: mito, dimensões, atitudes e políticas

O mito de Báucius e Filêmon é um mito da tradição grega sobre a hospitalidade fundamental. Este mito mostra-nos, através dum casal hospedeiro, que quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre, hospeda Deus. O mito em questão compreende a hospitalidade como uma virtude.

“Certa vez Júpiter, pai criador do céu e da terra, e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação - donde vem a palavra hermenêutica -, resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram, sob esta forma, vir ao reino dos mortos para ver como ia a criação que haviam posto em marcha. Júpiter depôs toda a glória e Hermes desfez-se das duas asas, seu símbolo maior e de todos os demais adornos. Pareciam realmente pobres andarilhos das estradas.

Passaram por muitas terras e encontraram muita gente. Pediam ajuda a uns e a outros. Ninguém lhes estendia a mão. Recebiam maus-tratos e ouviam palavras ofensivas. Muitos sequer os olhavam. Era o que lhes doía não serem sequer olhados, como se fossem cães lazarentos de casas abandonadas. Por isso, passaram fome e toda sorte de privações.

Depois de muito peregrinar e sentirem-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima!

Até que um dia chegaram à Frígia, província das mais longínquas e pobres do Império Romano, lugar para onde eram desterrados rebeldes e criminosos. Ai vivia um casal muito pobre. Ele se chamava Filêmon, em grego, “amigo e amigável”, e ela Báucis, “delicada e terna”.

Sobre uma pequena elevação construíram sua choupana, rústica, porém muito limpa. Foi lá que, ainda jovens, uniram seus corações. O intenso amor tornava leve a pena. Viviam em grande paz e harmonia, pois faziam tudo juntos, um auxiliando sempre o outro. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Eis que chegaram à choupana Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais. Bateram a porta. Qual não foi a surpresa deles quando o bom velhinho Filêmon, sorridente, apareceu à porta e sem muito reparar foi logo dizendo: forasteiros, vocês devem estar muitos cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está pronta para acolhê-los.

Os imortais tiveram que abaixar-se para entrar. Dentro sentiram a boa irradiação da acolhida e da hospitalidade. Báucis, a “delicada e terna”, logo se apressou em lhes oferecer duas cadeiras, na verdade, dois tamboretos de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana. Filemon, por sua parte, começou a reanimar o fogo da noite, quase apagado. Soprou as cinzas. Tomou raminhos finos e pedaços de lenha maiores, colocou-os por sobre as brasas ardentes e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco a água já estava morna.

¹⁶⁰ Cf. Duque, “Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade”, 151.

Báucis com o seu avental remendado começou a lavar os pés a Júpiter e de Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para se aliviarem de verdade.

Filêmon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava do alto, onde estava pendurado numa vara, o último pedaço de toucinho que restava. Estavam até pensando em sacrificar o único ganso que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais o impediram com determinação. Seus olhos, entretanto, se encheram de lágrimas de comoção.

Numa panela de barro, bem antiga, cozinharam os legumes com o toucinho. Um cheiro bom de comida caseira se espalhava pela choupana a ponto de fazer salivar Júpiter e Hermes, mortos de fome. Báucis tomou do azeite turvo e grosso que eles mesmo faziam, e o deitou por sobre a sopa. Grandes olhos de azeite espreitavam na superfície. Depois que tirou a panela, tomou alguns ovos e os meteu sob a cinza quente. Filêmon se lembrou do vinho que jazia numa vasilha escura e empoeirada no canto da casa, guardado como remédio. Haviam sobrado ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão.

A hospitalidade e a aura benfazeja dos bons velhinhos fizeram esquecer a demora. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos. Queridos hóspedes, vamos comer, pois vocês o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem a simplicidade e a pobreza da cozinha. E para não constrange-los, Báucis e Filêmon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles. Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa. Em seguida, Báucis e Filêmon se levantaram, tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um baú, suporte dos pratos e das velas, e os serviram como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram sua própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Juntos puseram-se logo a arruma-la colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito numa cobertura de honra, um velho tapete que guardava para as festas. Júpiter e Hermes não se aguentaram de comoção. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Instados a recolher-se, Júpiter e Hermes se dirigiram para a cama. Eis senão quando sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupana e ribombavam pelo vale afora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais. Desculpando-se junto aos imortais, Báucis e Filêmon se levantaram apressados para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande metamorfose. Repentinamente a tempestade cessou. E num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. Colunas em estilo jónico enfeitavam a entrada. O teto de ouro reluzia como o sol recém-saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filêmon e Báucis ficaram estarecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal de adoração.

Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, depois de ter aplacado a tempestade, bondosamente, disse: - “Amigo e amável” Filêmon, “delicada e terna” esposa Báucis, façam um pedido que eu, Júpiter, em agradecimento, quero atender.

Báucis inclinou-se para Filêmon e colocou a cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram unissonamente: - O nosso desejo é de servir-vos neste templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou: - Eu também quero que façam um pedido para eu, Hermes, o possa realizar.

E eles, novamente, como se tivessem combinado, sussurraram conjuntamente: - Depois de tão longo amor e tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro. Seus votos foram ouvidos e receberam a

promessa de cumprimento. De fato, Filêmon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos e muitos anos no templo, pelo tempo em que durou sua respiração.

Certo dia, sentados a tardinha no átrio, recordavam a história do lugar, de como, sem saber, hospedaram os deuses em sua choupana. Nesse momento Filêmon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de Filêmon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a grande metamorfose: Filêmon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre”¹⁶¹.

Diz-se que quem passa por aquela região, atualmente a Turquia, pode ver as árvores lado a lado, com as copas e galhos entrelaçados. Os mais velhos ensinam a lição aos mais novos: quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre, hospeda a Deus. Quem hospeda a Deus se faz templo de Deus, quem faz dos estranhos seus comensais herda a imortalidade feliz.

Depois de termos apontado o mito, podemos analisar a hospitalidade envolvendo várias dimensões: a sensibilidade, a compaixão, o acolhimento, o convite para sentar, o oferecer água fresca, o acender o fogo, o lavar os pés, o dar de comer, o dar de beber, o servir superabundantemente, o oferecer tudo, o compartilhar a comensalidade e o oferecer a cama.

A sensibilidade face às carências e padecimentos dos outros, pois sem ela, não há movimento de ida ao encontro para socorrer o outro. Ela não provém da estrutura do *logos*, mas sim do *pathos*, ou seja, a afetividade e a capacidade de sentir e de perceber imediatamente o outro na sua necessidade.¹⁶² A compaixão, capacidade de esquecer-se de si e ir ao encontro dos outros com ânimo de acolher e de cuidar, capacidade de desprender-se de si mesmo para captar o outro em sua situação concreta e dispor-se a estar ao seu lado, alegrando-se e/ou sofrendo com ele, sendo compartilhar a mesma paixão do outro. O acolhimento é o fruto da sensibilidade e da compaixão.¹⁶³

O convite para sentar, pois quando se está cansado procura-se um lugar para se sentar e se apoiar; o oferecer água fresca, pois água é vida e a água fresca mata a sede e devolve o bem-estar; o acender o fogo, não só serve para cozinhar mas principalmente representa a luz e o calor, é um sinal de vida e de algo de íntimo, próprio de um lar; o lavar os pés, como sinal de supremo grau de acolhimento e serviço ao outro, é sinal da hospitalidade inteira e do

¹⁶¹ Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 78-84.

¹⁶² Cf. *Ibidem*, 97.

¹⁶³ Cf. *Ibidem*, 98.

convite à convivência aberta. É reconfortante, depois de uma longa caminhada, refrescar os pés em água fresca ou à noite em água morna.¹⁶⁴

O dar de comer, representa não só a nutrição mas também a consumação de uma relação e de uma convivência; o dar de beber vinho, representa o gesto de vida, festa, alegria e de estar juntos; e o servir abundantemente dá um toque especial à refeição pois a mesa para os hóspedes tem de ser superabundante, tem algo especial com a sobremesa.¹⁶⁵

O oferecer tudo, isto é, tudo é colocado incondicionalmente à disposição dos hóspedes pois a hospitalidade incondicional é plenamente humana, deve ser a máxima descentração de si e a concentração no outro; o compartilhar a comensalidade representa a convivência, é a expressão de comunhão, de convivência e de partilha; e o oferecer a própria cama significa entregar totalmente a própria intimidade, é sinal de benquerença e de confiança no outro.¹⁶⁶

Analisaremos algumas das características da hospitalidade, que nos podem levar a uma boa convivência humana. As atitudes e comportamentos a ter são: a boa vontade incondicional, acolher generosamente, escutar atentamente, dialogar francamente, negociar honestamente, renunciar desinteressadamente, responsabilizar-se conscientemente, relativizar corajosamente e transfigurar inteligentemente.

A boa vontade incondicional, como único bem é um factor principal de união de todos; acolher generosamente aceitando sem preconceitos o outro como outro, é ver o outro como um próximo, um companheiro de caminhada, um irmão ou uma irmã; e escutar atentamente, ou seja, abrir-se cordialmente com o coração, captar lados da realidade para nós inacessíveis mas que nos podem ser revelados pelo outro.¹⁶⁷

O dialogar francamente é entrar em reciprocidade e valorizar a interculturalidade; o negociar honestamente é ter em vista o bem comum, fazer uma negociação aberta e honesta; e o renunciar desinteressadamente é renunciar aos interesses particulares em vista do bem de todos, é a renúncia do particular para salvar o universal, é renuncia-se para se ganhar a paz, a sustentabilidade e a coesão para se viver juntos e humanamente na mesma Casa Comum.¹⁶⁸

O responsabilizar-se conscientemente, isto é, a singularidade como construção do todo e enriquecimento da convivência humana, a responsabilidade conscientemente assumida para evitar obstáculos a consecução de um bem comum; o relativizar corajosamente é colocar os próprios valores em relação com os outros e com o todo, não implica renunciar aos próprios valores mas entendê-los como não sendo únicos e absolutos; e o transfigurar inteligentemente

¹⁶⁴ Cf. Ibidem, 99.

¹⁶⁵ Cf. Ibidem, 100.

¹⁶⁶ Cf. Ibidem, 102.

¹⁶⁷ Cf. Ibidem, 168.

¹⁶⁸ Cf. Ibidem, 171.

como transfiguração de dimensões mais negativas e destrutivas para dimensões mais aceitáveis através de formas benevolentes, transformando a violência e pressões pela cultura da paz.¹⁶⁹

Não só as dimensões e as atitudes individuais mudam os comportamentos mas, para melhorar e transformar, são necessárias políticas, mudanças sociais, por exemplo: a justiça mínima em todos os níveis, os direitos humanos a partir das maiorias, a democracia aberta e perfeitável, a interculturação como desafio para a humanidade, outro mundo possível como novo paradigma de civilização.

A justiça mínima depende de três organismos que gerem a ordem económica mundial: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Na sociedade onde imperam desigualdades e o que conta é a ordem económica, a injustiça social reflete-se em todos os países e é mais evidente nos países periféricos. Uma justiça só será digna se redistribuir a riqueza e os avanços tecnológicos entre todos os povos. A hospitalidade como direito e dever de todos os povos e cidadãos é a base de uma justiça universal mínima e fundamental para uma paz possível e duradoura.¹⁷⁰

Os direitos humanos a partir das minorias devem levar à inclusão de todos e ao reconhecimento das suas diferenças. É necessário hierarquizar os direitos para não serem só privilégios de alguns, sendo o prioritário o direito à vida e os meios para garantir a vida humana e só depois os direitos da cultura, religião e outros.¹⁷¹

O fundamento ético da democracia reside na valorização da pessoa humana como ser de relações, solidária, capaz de generosidade na construção do bem comum e de uma convivência cooperativa e pacífica, respeitosa das diferenças, compassiva face ao sofrimento dos outros e consciente de que é membro da família humana e um elo da comunidade de vida planetária com a mesma origem e o mesmo destino.¹⁷²

A interculturação como desafio para a humanidade na medida que importa resgatar a importância do tema da cultura, da reculturação, da inculturação e da interculturação.¹⁷³ Um outro mundo possível como novo paradigma de civilização onde é necessário mudar de

¹⁶⁹ Cf. Ibidem, 174.

¹⁷⁰ Cf. Ibidem, 178.

¹⁷¹ Cf. Ibidem, 180.

¹⁷² Cf. Ibidem, 185.

¹⁷³ Cf. Ibidem, 189. A cultura tem a função de coesão e de identidade, de distinção e diálogo entre outras culturas, mas também de enraizar as pessoas. A reculturação traz às pessoas e às sociedades os seus valores, tradições e identidades. A inculturação é necessária no processo de diálogo de todos com todos, os valores fundamentais devem ser assumidos por todas as culturas para que haja uma convivência civilizada e pacífica, valores esses da hospitalidade aberta, os direitos humanos, os direitos da Terra e dos ecossistemas, a democracia, o convívio pacífico, a tolerância, a não-violência ativa e a boa governação. A interculturação resulta do encontro entre todas as culturas com as suas visões do mundo, caminhos espirituais e tradições éticas e artísticas. É necessário ter cuidado com as contradições, obstáculos e oposições de cada cultura mas a interculturação constitui o grande desafio para a humanidade.

paradigma e fazer mudanças de valores e modos de vida, uma mudança global para cuidar da Terra e uns dos outros.¹⁷⁴

3. A hospitalidade na Bíblia

Através de muitos exemplos bíblicos, podemos conhecer algumas das características da hospitalidade. Passaremos ao de leve por alguns que encontramos na Bíblia.

O acolhimento ao estranho conecta-nos com o transcendente, o abrir espaço para o outro é abrir espaço para o Outro. Uma parte importante do que aprendemos na Bíblia sobre hospitalidade não é exclusiva da tradição judaico-cristã, mas está muito presente em civilizações antigas.¹⁷⁵

Os povos viajantes, como os gregos, compartilham o facto de sacralizar a figura do estrangeiro, por exemplo, na Odisseia de Homero ou no mito de Filemón e Baucis. Não deixam de transportar um certo ar de família à ideia, por um lado, de que os deuses, sob o disfarce de estrangeiros necessitados, recompensam os humanos hospitaleiros e, por outro, a recompensa da salvação a quem recebe o estrangeiro.¹⁷⁶

Na Bíblia a cena sob as árvores de Mambré que é talvez uma primeira história bíblica em que a hospitalidade aparece como algo central, onde Abraão, o pai dos crentes, está sentado à porta da sua tenda num momento quente do dia, quando vê três homens e em vez de suspeitar deles ou de se esconder, ele prostra-se a seus pés, e tanto ele como sua esposa Sara começam a servi-los. Levam água, pão, vitelo, manteiga e leite para os alimentar, tornando o acolhimento um encontro com a divindade. O deixar cair as barreiras diante dos outros levam-nos a uma experiência de transcendência. Na segunda parte da história, revela-se o aspeto crucial do gesto de boas-vindas, é precisamente esse ato de hospitalidade que permite ao povo de Israel ter um futuro, pois Deus não sai, sem primeiro prometer uma criança aos idosos Sara e Abraão (cf. Gn 18,1-10).

Saltando do princípio, no livro do Génesis, para o julgamento do Evangelho segundo São Mateus, encontramos o mesmo valor teológico da hospitalidade. Logo, acolher os necessitados é receber o próprio Jesus, e não acolher os necessitados é rejeitá-lo. Para os cristãos, o gesto de boas-vindas não significa apenas repetir uma praxis característica do Jesus

¹⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 194.

¹⁷⁵ Cf. Miguel González Martín, “De la hostilidad a la hospitalidad” in *Cuadernos CJ, Cristianisme e Justicia*, nº 196, 2015, 19.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

histórico, mas neste texto apreciamos a identificação de Jesus com o migrante em um grau máximo. Da fé, a recepção hospitaleira do estrangeiro é um gesto com o mesmo Jesus.¹⁷⁷

Abrindo-nos ao estranho existe mudança, muda a nossa maneira de ver o mundo e de nos entendermos a nós próprios. Há alguns relatos evangélicos que mostram claramente que quem abre as portas de sua casa e seu coração para o estranho não permanece o mesmo, ele é transformado. Um belo exemplo disso, é a história do caminho de Emaús, onde os discípulos andavam desanimados após a execução de Jesus e no caminho juntam-se a um novo viajante. Eles poderiam ter ficado calados e seguir o caminho em silêncio, mas eles escolhem abrir-se para o estranho e permitem assim que ele penetre nos seus corações perturbados. Eles contam a sua história, tornam-se vulneráveis ao desconhecido que muda o seu ponto de vista e que, claramente, muda toda a história (cf. Lc 24,13-35).

Há muitos outros episódios narrados pelos Evangelhos, onde Jesus, itinerante, recebe hospitalidade do seu povo e leva para a casa que O acolhe amizade, conforto e também saúde, tornando os corações dos seus anfitriões mais consolados. Por exemplo, na história de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10) Jesus veio-lhe trazer a salvação. Mediante a ligação que tem com os irmãos Lázaro, Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42) Jesus traz não só bem-estar mas a vida, o que encontramos também no episódio passado com a mulher samaritana no poço em Sicar (cf. Jo 4,4-15).

Os gestos de hospitalidade são também sinais visíveis e essenciais. A hospitalidade entra no hóspede através dos sentidos, com a linguagem que usamos para quem chega, com a recepção no lugar e as boas-vindas no coração. As histórias bíblicas de hospitalidade contêm uma riqueza de detalhes, gestos e símbolos que refletem essa consideração em relação ao hospedeiro. São estes, gestos de amor, carinho e ternura, que simbolizam um acolhimento total. Esta linguagem não verbal é facilmente compreensível para quem chega.¹⁷⁸

Nas passagens bíblicas, o convidado é recebido com grandes sinais de gratidão e reverência: recebendo-o de joelhos, curvando o corpo, beijando os seus pés ou suas roupas. Temos estas práticas no livro do Génesis, exemplo de Abraão, também já visto anteriormente: “Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra”(Gn 18,2), no Evangelho segundo São Mateus: “O servo lançou-se então aos seus pés, dizendo: ‘concede-me um prazo e pagar-te-ei tudo’”(Mt 18,26), e no Livro dos Atos dos Apóstolos: “Na altura em que Pedro entrava, Cornélio foi ao seu encontro e, caindo-lhe aos pés, prostrou-se.”(Act 10,25).

¹⁷⁷ Cf. Ibidem.

¹⁷⁸ Cf. Ibidem, 20.

Em relação ao espaço, podemos entender o convite para tirar os sapatos como uma expressão de entrar em sua própria casa, pois é acompanhado pelo gesto de lavar os pés do hóspede, uma ação que, com Jesus, adquirirá uma profunda ressonância teológica.¹⁷⁹

A unção com óleo ao hóspede é outro dos costumes de acolhimento e serve, não só para suavizar a pele dos que chegam, mas também para impregnar a estadia com um cheiro agradável.

“Então Maria, tomando uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus, e enxugou-os com os cabelos; e a sua casa encheu-se com o cheiro do perfume.” (Jo 12,3).

O acolhimento no coração tem a ver com a capacidade de ouvir e com a empatia, é uma reciprocidade onde se gera um clima de gratuidade e diálogo sincero. O hóspede vai sentir-se emocionalmente seguro, não sujeito a preconceitos ou a julgamentos.¹⁸⁰

3.1. No Antigo Testamento

A hospitalidade é sinal, no Antigo Testamento, de agradecimento por uma cortesia recebida, apresentando se como um ato gratuito, “Elas responderam: ‘Um egipcio protegeu-nos dos pastores, e ele mesmo tirou água e deu de beber aos animais’. Ele disse às filhas: ‘Onde está? Porque o deixaste ir embora? Ide chamá-lo para tomar algum alimento’.” (Ex 2,19-20). Assim quem acolhe um hóspede assume a responsabilidade da sua segurança, saúde, higiene (cf. Gn 19,2-8) e da sua alimentação.¹⁸¹

A hospitalidade é vista como um direito universal, ou seja, todos têm direito a ela, muito mais se forem os membros da família e do próprio povo (cf. Gn 29,1-14 e Jz 19,1-10).¹⁸²

Também podemos ver que a hospitalidade era uma obrigação entre o povo, uma responsabilidade, uma demonstração de virtude acolher estrangeiros e viajantes. O povo hebreu dava importância à hospitalidade e era uma desonra deixar um viajante passar a noite na rua sem se alimentar (cf. Lv 25,6 e Ex 2,20-22). Os viajantes cansados, precisando de apoio eram logo atendidos, até mais do que o pedido. No tempo do povo hebreu, os viajantes e estrangeiros iam até à praça da cidade no findar do dia, ficavam sentados com suas bagagens e era obrigação que o primeiro habitante da cidade que passasse ali o convidasse para passar a

¹⁷⁹ Cf. *Ibidem*.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 21.

¹⁸¹ Cf. Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 226.

¹⁸² Cf. *Ibidem*.

noite em sua casa. Deus chama a atenção do povo, mostrando o valor da hospitalidade, apontando para ela como algo agradável a Ele, fazendo parte do verdadeiro jejum ao Senhor (cf. Is 58,7).¹⁸³

De forma mais desenvolvida, a hospitalidade aparece em doze textos mais extensos, selecionados e estudados pelo autor João Alberto Correia: hospitalidade na tenda de Abraão (cf. Gn 18,1-16), hospitalidade na casa de Lot (cf. Gn 19,1-14), hospitalidade na casa de Rebeca (cf. Gn 24,1-67), hospitalidade na casa de Raab (cf. Js 2,1-24), hospitalidade na tenda de Jael (cf. Jz 4,17-22), hospitalidade na casa de Gedeão (cf. Jz 6,11-24), hospitalidade na casa de Manoé (cf. Jz 13,1-25), hospitalidade na casa da concubina (cf. Jz 19,1-10a), hospitalidade em Guibeá (cf. Jz 19,10b-30), hospitalidade na casa da viúva (cf. 1Rs 17,7-16), hospitalidade na casa da sunamita (cf. 2Rs 4,8-17), hospitalidade na casa de Raguel (cf. Tb 7,1-17).¹⁸⁴

As categorias semânticas da hospitalidade são elas: vinda do hóspede, acolhimento do hóspede, serviços ao hóspede, palavras do hóspede, escuta e acolhimento das palavras do hóspede e despedida do hóspede.¹⁸⁵

A hospitalidade de Abraão desenha os traços fundamentais do ser humano hospitaleiro, verificando se as cinco leis da tenda: porta aberta, lavagem dos pés, alojamento, comida e ajuda para prosseguir. “Quem acolhe o hóspede dispõe-se a servi-lo, seja homem ou mulher, rico ou pobre, familiar ou estranho, oferecendo mais do que aquilo que o hóspede precisa”¹⁸⁶. O hóspede é a pessoa mais importante pois torna possível a hospitalidade e torna o que acolhe em hospedeiro.¹⁸⁷

No horizonte religioso, Deus entra em comunicação com o homem, por meio da hospitalidade. O hóspede é instrumento salvífico de Deus, tornando-se na crença de que acolher o hóspede é acolher Deus.¹⁸⁸

¹⁸³ Cf. Aline Sebijos e Francis N.G Martins, “Dom da hospitalidade”, (PhD diss., Faculdade Batista Pioneira IJUI, 2012). Acedida em 28 de maio de 2018.

http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/hospitalidade_-_aline_e_francis.pdf.

¹⁸⁴ Cf. Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 227.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 228.

¹⁸⁶ *Ibidem*, 232.

¹⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 235.

¹⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 236.

3.2. No Novo Testamento

Existem, no Novo Testamento, três tipos de textos de hospitalidade, declarativos, exortativos e narrativos, com o objetivo de afirmar a hospitalidade como procedimento a observar e a propô-la como prática cristã.¹⁸⁹

Os textos declarativos e exortativos são: (Mt 10,40-42), (Mt 25,34-35), (Lc 10,1-11), (Rm 12,13), (Rm 15,7-9), (1Tm 3,2), (Hb 13,1-3), (1Pd 4,9), (3 Jo 5-10).¹⁹⁰ Vemos aqui que devemos ser hospitaleiros tendo como base a comunhão e o amor fraternal, pois estando a hospitalidade ligada ao amor, é um dom. Ensinam sobre como tratar aqueles que fazem a obra do Senhor e que devemos servir com amor, pois receber bem é um dom de grande importância para a Igreja. É preciso ser hospitaleiro, querido, simpático, recetivo, comunicativo, fazer de tudo para receber bem aqueles que vêm.¹⁹¹

Os textos narrativos são, no Evangelho de Lucas, analisados e refletidos por João Alberto Correia: banquete em casa de Levi (cf. Lc 5,27-39), refeição em casa de Simão, o fariseu (cf. Lc 7,36-50), fração do pão em Betsaida (cf. Lc 9,10-17), hospitalidade em casa de Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42), almoço em casa de um fariseu (cf. Lc 11,37-54), ceia de sábado em casa do fariseu (cf. Lc 14,1-24), hospitalidade em casa de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), última ceia (cf. Lc 22,7-38) e as refeições pós-pascuais de Jesus, na fração do pão em Emaús (cf. Lc 24,13-35) e com a comunidade em Jerusalém (cf. Lc 24,36-43).¹⁹²

Estes relatos típicos, da hospitalidade na bíblia, evidenciam a partilha da mesa.¹⁹³ Jesus é o hóspede de honra, onde os seus ensinamentos acontecem em casa, durante as refeições e através de parábolas. O acolhimento, a comensalidade e o ensinamento são traços permanentes.¹⁹⁴ Jesus come com três grupos diferentes de pessoas: os pecadores e publicanos com o objetivo de reintegrar os excluídos e marginalizados (cf. Lc 5,27-39), (cf. Lc 15,2), (cf. Lc 19,1-10), os fariseus provocando as suas certezas e derrubando a ordem estabelecida (cf. Lc 7,36-50), (cf. Lc 11,37-54), (cf. Lc 14,1-24), e os seus discípulos mostrando o sentido e o destino da vida do Messias e de os convidar a participar da sua forma de viver (cf. Lc 22,14-38), (cf. Lc 24,13-35), (cf. Lc 24,36-49).¹⁹⁵

As coordenadas da hospitalidade são comuns nos relatos do Evangelho de Lucas: vinda do hóspede, acolhimento do hóspede, serviço ao hóspede, situação criada em torno do

¹⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 237.

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 242.

¹⁹¹ Cf. Sebijos e Martins, “Dom da hospitalidade”.

¹⁹² Cf. Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã*, 244.

¹⁹³ Cf. *Ibidem*, 245.

¹⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 246.

¹⁹⁵ Cf. *Ibidem*.

hóspede, objeção ao hóspede, palavras do hóspede.¹⁹⁶ Nestas narrativas aparecem três personagens: o que recebe hospitalidade, o que oferece hospitalidade e o que gera tensão entre o hóspede e o hospedeiro. A comunicação e o diálogo são também prioridade nestes relatos.¹⁹⁷

Os relatos possuem uma função religiosa, a comunidade explica o objetivo da hospitalidade praticada por Jesus. No acolhimento de Jesus aceita-se a palavra de Deus, a identidade divina do hóspede, o próprio Deus.¹⁹⁸

Nos Atos dos Apóstolos, a hospitalidade aparece também como fundamental em dez relatos escolhidos pelo autor João Alberto Correia: hospitalidade em casa de Simão, o curtidor (cf. Act 9,39.43-10,23a), hospitalidade em casa de Cornélio (cf. Act 10,24-48), hospitalidade em casa de Lídia (cf. Act 16,11-15.40), hospitalidade em casa do carcereiro (cf. Act 16,32-34), hospitalidade em casa de Jasão (cf. Act 17,1-9), hospitalidade em casa de Áquila (cf. Act 18,1-6), hospitalidade em casa de Justo (cf. Act 18,7-11), hospitalidade em casa de Filipe (cf. Act 21,8-14), hospitalidade na ilha de Malta (cf. Act 27,44b-28,6), hospitalidade em casa de Públio (cf. Act 28,7-10).¹⁹⁹

As categorias semânticas comuns nos relatos são: “a vinda do hóspede, o acolhimento ao hóspede, o serviço ao hóspede, a escuta e acolhimento das suas palavras, a ação do hóspede e respetivo acolhimento e a permanência ou partida do hóspede”²⁰⁰.

O protagonista é o hóspede nas suas palavras e ações. Acolher o hóspede é acolher a sua palavra.²⁰¹ Os elementos fundamentais da hospitalidade são: o que recebe hospitalidade, o que a oferece e um terceiro protagonista que se situa ao nível da mensagem.²⁰² O acolhimento mais relevante é o das palavras do hóspede, aparecendo em primeiro lugar, o acolhimento físico tem pouca importância.²⁰³

Os relatos têm uma função social e histórico-religiosa “pelo papel relevante que as mulheres ocupam e pela importância que a hospitalidade assume no processo da expansão da Boa-Nova”²⁰⁴. A hospitalidade, como virtude e prática cristã, encontra no acolhido a imagem de Deus e torna-se uma oportunidade de encontro, de anúncio e de acolhimento da mensagem.²⁰⁵

¹⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 251.

¹⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 263.

¹⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 264.

¹⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 266.

²⁰⁰ *Ibidem*, 267.

²⁰¹ Cf. *Ibidem*, 273.

²⁰² Cf. *Ibidem*, 275.

²⁰³ Cf. *Ibidem*, 276.

²⁰⁴ *Ibidem*, 276.

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 277.

3.3. *O modelo de hospitalidade: Abraão*

A causa da hospitalidade é tradicionalmente religiosa, pois, ela é considerada um dever sagrado.

Em quase todas as tradições podemos encontrar textos que assinalam a importância da hospitalidade para com o estrangeiro como um dever sagrado. A tradição hindu, no Taittiriya Upanishad, diz que se deve cuidar do seu hóspede como se de Deus se trata-se e fosse Ele mesmo a receber a sua atenção; no mito grego de Báucius e Filêmon, Júpiter e o seu filho Hermes queriam saber se havia hospitalidade entre os humanos e vêm caminhar como errantes no meio deles; na Odisseia de Homero, o tema da hospitalidade também está presente; e na Bíblia, onde podemos encontrar este (o de Abraão) e muitos outros exemplos.²⁰⁶

Um dos modelos mais cativantes da hospitalidade é, pois, aquele que nos apresenta Abraão. Já conhecendo a narrativa que fala de Abraão como estrangeiro, hóspede em uma terra que não é sua e que Deus lhe confiou para nela viver e cuidar, também poderíamos pensar que Abraão acolhera os três viajantes, por reconhecê-los como mensageiros de Deus, mas no entanto, isto dá-se progressivamente, e não ao avistá-los. O facto de Abraão se prostrar diante dos viajantes, podemos dizer que não se trata de um ato de adoração, mas sim sinal de homenagem.²⁰⁷

“O Senhor apareceu a Abraão junto dos carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à porta da sua tenda, durante as horas quente do dia. Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra, e disse-lhes: “Senhor, se achei graça aos teus olhos, não passes adiante, peço-te sem parar em casa de teu servo. Trarei um pouco de água para vos lavar os pés. Descansai debaixo desta árvore. Vou buscar um pedaço de pão, e quando as vossas forças estiverem restauradas, prosseguireis o vosso caminho, pois não deve ser em vão que passastes junto de vosso servo.” (Gn 18,1-5).

3.4. *O modelo de hospitalidade: Maria*

A hospitalidade de Abraão é apenas um símbolo da uma outra visita que Deus faz. Em Jesus como hóspede de Maria, esta hospitalidade é o sinal da presença de Deus entre os Homens, uma presença real, viva e eficaz.

²⁰⁶ Cf. Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade”, 13.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 14.

“Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com o homem chamado José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: ‘Salvé, ó cheia de graça, o Senhor está contigo’. Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: ‘Não temas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dar-Lhe-á o trono de Seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o Seu reinado não terá fim’. Maria disse ao anjo: ‘Como será isso, se eu não conheço o homem?’ O anjo respondeu-lhe: ‘O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus.’” (Lc 1,26-35).

Uma bela imagem da hospitalidade sagrada é também figurada por Maria na sua visita a Isabel.

“Por aqueles dias, pôs-se Maria a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Erguendo a voz, exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor.’

Maria disse então: ‘A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador. Porque olhou para a humilde condição da Sua Serva. De facto, desde agora todas as gerações me hão-de chamar ditosa, porque me fez grandes coisas o Omnipotente. É Santo o Seu nome e a Sua misericórdia vai de geração em geração para aqueles que O temem. Exerceu a força com o seu braço e aniquilou os que se elevavam no seu próprio conceito. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e aos ricos despediu-os com as mãos vazias. Tomou a Seu cuidado Israel, Seu servo, recordando a Sua misericórdia, conforme tinha dito a nossos pais, em favor de Abraão e sua descendência, para sempre’.

Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a casa” (Lc 1,39-56).

O Espírito Santo coloca-nos em movimento à maneira de Maria, que parte apressadamente para a primeira Visitação da Igreja, e acolhendo o testemunho do Espírito em Isabel, quando nasceu o *Magnificat*, ilustra a hospitalidade que é a portadora do Cristo.²⁰⁸

²⁰⁸ Cf. *Ibidem*.

4. A hospitalidade inter-religiosa

“A hospitalidade inter-religiosa abre-se ao diálogo e é um chamado missionário e universal”²⁰⁹, é uma missão de fraternidade entre os fiéis das distintas tradições de fé presentes no mundo e um acolhimento gratuito ao outro que pode não professar a mesma fé. O diálogo entre as religiões é um encontro onde cada um precisa entrar no mundo dos sinais que o outro carrega e compreendê-los para que a convivência possa ser alcançada.

No entanto, as religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islão) com dificuldades em imaginar uma hospitalidade inter-religiosa desenvolvem a noção de tolerância, um grau mínimo de acolhimento. Devemos ter em conta que todos nós somos hóspedes do Divino e essa razão teológica leva à situação de mútua hospitalidade.²¹⁰

“Somos todos peregrinos numa terra que não é nossa propriedade, mas, que nos foi dada com a tarefa de a cuidar”²¹¹, é neste sentido, que a nossa relação com o mundo não é a de auto afirmação e de posse, mas sim de recetividade e acolhimento. Temos de nos sentir hóspedes nesse mundo, de nos mostrarmos hospitaleiros uns para com os outros, e de aprendemos a conviver como aliados numa mesma casa comum, para não nos comportarmos como inimigos e criar conflitos devastadores.

A hospitalidade expressa-se também na partilha espiritual, as experiências espirituais que se realizam nas diferentes religiões e caminhos formam a interioridade humana e rasgam os horizontes mais vastos que vão para além deste universo e se abrem para o infinito. Estas práticas possibilitam ao ser humano religar-se à fonte originária de todo o ser e criar um laço misterioso.²¹²

A hospitalidade é, antes de mais nada, “uma disposição da alma, aberta e irrestrita”²¹³, e por isso mesmo, ela é também fragilidade e exposição de si ao outro desconhecido. Infelizmente, onde se passa da solidariedade para a competição, hospedar o estrangeiro torna-se, por vezes, problemático, temendo que o desconhecido seja um malfeitor, bandido ou terrorista.²¹⁴

É necessário que as religiões sejam ouvidas além das suas fronteiras, haja um diálogo comum, pois o respeito às diferenças em que cada um se empenha na hospitalidade inter-religiosa, mantém as suas convicções, na compreensão e na estima. Aqueles que desejam, verdadeiramente, encontrar as testemunhas de outra tradição de fé, descubrem-se, pouco a

²⁰⁹ Ibidem, 17.

²¹⁰ Cf. Ibidem.

²¹¹ Ibidem.

²¹² Cf. Ibidem, 18.

²¹³ Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 198.

²¹⁴ Cf. Macedo, “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade”, 18.

pouco, não temendo a perda da identidade religiosa, pois, este caminhar possibilita-nos aprofundar a própria tradição e até enriquecê-la ainda mais.²¹⁵

5. Em síntese

A hospitalidade plena e recíproca é essencial para que todos se sintam seres humanos.²¹⁶ Ela, como o amor incondicional, não rejeita nem discrimina ninguém, é uma utopia e uma prática ao mesmo tempo. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática, cria as políticas que viabilizam e ordenam o acolhimento embora, nem sempre se consigam criar as condições para formas aceitáveis de hospitalidade.²¹⁷

Os preconceitos, os nacionalismos, a xenofobia e os fundamentalismos fecham as portas às pessoas, aumentando o sofrimento e a rejeição, impedindo que a hospitalidade seja assumida verdadeiramente. É necessário unir o utópico ideal e o concreto real, a solidariedade incondicional e a condicional para não cair na resignação e na indiferença, mas acreditar na melhoria da condição humana.²¹⁸

A consciência de que ao hospedar um estranho, um peregrino ou um desconhecido hospeda-se Deus, está presente não só no mito grego de Báucius e Filêmon mas também na memória ancestral da humanidade. A hospitalidade possui uma sacralidade intrínseca, permite um encontro com o mistério que se revela em tudo. Conciliando o humano e o divino pode garantir o fundamento para uma convivência terna e fraterna de todos.²¹⁹ “São bem-aventurados todos aqueles que são hospedeiros porque sem o saberem estão a hospedar o próprio Deus e os seus mensageiros”²²⁰.

Ser cristão é estar sempre a preparar um lugar para aqueles que vêm ao nosso encontro e até desejar que venham.²²¹ Estando atentos à sociedade e a tudo à nossa volta, não só em geral, mas mesmo ao nosso lado, verificamos situações de desemprego, carência na alimentação e no vestuário, habitações em risco, problemas de saúde e/ou causados por

²¹⁵ Cf. *Ibidem*, 18.

²¹⁶ Cf. Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*, 198.

²¹⁷ Cf. *Ibidem*.

²¹⁸ Cf. *Ibidem*, 199.

²¹⁹ Cf. *Ibidem*.

²²⁰ Leonardo Boff, *Virtudes para um outro mundo possível. Comer e beber juntos e viver em paz*. Vol. III. (Petrópolis, RJ: Vozes, 2006), 133.

²²¹ Cf. Isabel Varanda, *Na noite mora a promessa. Uma espiritualidade para a vida comum*. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 26.

adversidades da natureza, entre outros. Perante tudo isto, não se pode ficar indiferente mas, antes, é necessário atuar, em tudo aquilo que afeta o bem-estar da sociedade com ideias claras e princípios que ajudem a configurar uma ordem mundial, tecida na consciência de uma sociedade fraterna e inaugurando uma cultura universal de cuidado.²²²

O mundo nunca será justo, próspero ou pacífico se todos, na prática das relações humanas recíprocas, não tiverem o valor da hospitalidade. Não deve ser uma mera hospitalidade de princípio, mas uma hospitalidade de prática. Uma prática elevada à instância de dever, que passe pelo cultivo de um respeito pela história do outro, da sua identidade, da sua bagagem cultural, política e religiosa, ou seja, um respeito pela diferença do outro. Só uma cultura que educa para o valor da hospitalidade ensinará a viver plena, pacífica e alegremente.²²³

²²² Cf. *Ibidem*, 49.

²²³ Cf. *Ibidem*, 63.

CAPITULO III - PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA
“SER SOLIDÁRIO” DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

“Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade que é também uma identidade profissional.” António Nóvoa

Definindo a hospitalidade como modo privilegiado da relação humana, marcado pela abertura à alteridade, ao outro, devemos procurar fazer da escola um lugar de relação, de contacto, de diálogo e de sensibilidade. Se a relação de hospitalidade pressupõe sempre abertura, respeito e delicadeza, constituindo um acontecimento ético por excelência, revelando o respeito a todas as práticas de relação social permite-nos, assim, fazer deste mundo um lugar mais humano.²²⁴

Ora na escola, que ocupa uma posição privilegiada de promoção de vários valores e um deles a hospitalidade, importa investir na qualidade relacional dos seus tempos e dos seus espaços, tornando-a num lugar de consolidação de laços. A hospitalidade, estando presente na relação com todo o próximo, seja amigo, colega, professor, funcionário, estrangeiro, vizinho ou qualquer outro, faz da escola um lugar de reconhecimento, de encontro, de proximidade e de afeto.²²⁵

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada no primeiro ciclo do Ensino Básico, sendo este basilar para grandes e futuras aprendizagens. A Unidade Letiva (UL) “Ser solidário” serve essencialmente de base para um aprofundamento futuro a ser trabalhado e amadurecido no segundo ciclo do ensino básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) com a UL “Construir a fraternidade”. Ainda se revela fundamental para a prática destes valores no decorrer de toda a vida.

Neste capítulo começa por abordar-se o carácter fundamental da educação, visitando o pensamento da Igreja Católica sobre este tópico; pensa-se, de seguida, a EMRC na perspetiva da educação integral; dá-se seguimento com a caracterização do contexto da PES onde se caracteriza o Agrupamento de Escolas e a turma trabalhada. Para terminar, uma planificação da UL com seis aulas, finalizando com uma avaliação da prática pedagógica.

²²⁴ Cf. Isabel Batista, “A escola como lugar de hospitalidade”, in *Revista A Página da educação*, nº 112, 2002. Acedido em 27 de dezembro de 2017. <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=112&doc=8803&mid=2>, 6.

²²⁵ Cf. *Ibidem*.

1. A educação como fundamental na perspectiva da Igreja Católica

A educação é uma tarefa contínua e englobante que conta com tempos privilegiados, integrados num processo de amadurecimento constante. Atinge uma diversidade de aspetos da pessoa e exige uma atmosfera criada por todos os intervenientes e um empenho de diversos agentes educativos.²²⁶

O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. Deste equilíbrio sucede a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social.²²⁷

A escola desempenha um papel decisivo na transformação dos indivíduos e das suas atitudes. É nela que as crianças e os jovens passam a maior parte do tempo, por isso, a escola representa, a evolução da pessoa humana como ser em desenvolvimento e em permanente relação. Como lugar de aprendizagem, dos saberes intelectuais e de experiências de vida, a escola é o espaço do progressivo acesso normal ao património cultural de um povo, tornando-se um contributo específico para o desenvolvimento da matriz cultural dos indivíduos.²²⁸

Cultivando as faculdades intelectuais, desenvolvendo o espírito crítico e promovendo o sentido dos valores, a escola prepara para a vida profissional e social, proporcionando a abertura, a convivência e a cooperação mútua, e ainda promovendo a participação e a relação.²²⁹

A educação é uma arte difícil que solicita criatividade e dedicação, sendo ela bela e gratificante ajuda a formar pessoas mais felizes e mais realizadas, também a construir uma sociedade de paz e de solidariedade.²³⁰

A educação escolar tem de se apoiar, conseqüentemente, num projeto cultural de natureza axiológica, antropologicamente fundamentado, capaz de definir as opções, as propostas e os contornos das políticas educativas que, coerentemente, o levem à prática. A escola não é e não pode ser apenas um conjunto de atividades.²³¹

²²⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral Sobre a Educação: “Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos” (Lisboa: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002). Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>, nº 3.

²²⁷ Cf. *Ibidem*.

²²⁸ Cf. *Ibidem*, nº 18.

²²⁹ Cf. *Ibidem*.

²³⁰ Cf. *Ibidem*, nº 28.

²³¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral “A escola em Portugal Educação Integral da Pessoa Humana” (2008). Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/>, nº 3.

Uma autêntica educação escolar exige uma radicação na verdade do ser humano, ou seja, no respeito integral pela sua origem e pelo seu destino transcendente, pela defesa da sua dignidade inalienável e inviolável ao longo do percurso do seu desenvolvimento desde a sua conceção.²³²

A educação é o percurso da personalização, e não apenas socialização e formação para a cidadania. Uma educação autêntica é uma educação integral da pessoa, a qual obriga a promoção de valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e de valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais vasto, mais abrangente e mais englobante. Obriga também à partilha dos bens culturais e democratização no acesso aos conhecimentos, aos saberes científicos e competências tecnológicas, ainda à promoção do homem/pessoa em recusa do homem/objeto de mercado, rejeição de todas as formas de alienação do ser humano, defesa do primado da solidariedade e da fraternidade sobre o interesse egoísta e a competição desmedida.²³³

A educação das crianças e dos jovens ganha atualidade e urgência, quando o progresso social, o desenvolvimento técnico e científico e os caudais acrescidos de informação e comunicação proporcionam e exigem uma participação cada vez mais ativa e consciente de todos.²³⁴ Progrediu-se na preocupação e realização educativa ampliando os espaços e comunidades educativas, quanto ao tempo, aos aspetos integrantes e aos intervenientes, mas não se pode esquecer que todo o trabalho e o progresso é em função da pessoa, para a sua educação e o seu desenvolvimento integral.²³⁵

Ora, posto isto, a Igreja Católica está presente na promoção da educação, convidando os parceiros educativos a juntar esforços para melhorar o panorama da educação. Procurando inculcar nos alunos uma nova visão do mundo e do ser humano continua a preocupar-se em oferecer a área curricular de EMRC, de carácter facultativo nos ensinos básico e secundário. Esta oferta é feita ao abrigo da Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, assinada em 18 de maio de 2004 na cidade do Vaticano, com o objetivo de poder, de certa forma, cooperar também com o Estado e os encarregados de educação na formação dos seus educandos.²³⁶

O ensino religioso escolar, no quadro da escola pública, nas situações em que as autoridades civis ou outras circunstâncias impõem um ensino religioso comum aos católicos e

²³² Cf. *Ibidem*.

²³³ Cf. *Ibidem*, nº 5.

²³⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos”, nº 8.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, nº 28.

²³⁶ Cf. Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, Resolução da Assembleia da República nº 74/2004, Diário da República, I Série-A Nº 269 (2004), pp. 6741-6750. Acedido a 8 de abril de 2018. <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2004/11/269A00/67416750.pdf>, art. 19.

não católicos, tem carácter ecuménico e de conhecimento inter-religioso comum. Pode ainda revestir um carácter mais propriamente cultural, orientado para o conhecimento das religiões, apresentando com relevo a religião católica. O ensino religioso escolar mantém uma dimensão de verdadeira preparação evangélica.²³⁷

Este ensino ajuda os alunos que têm fé a compreender melhor a mensagem cristã em relação com os grandes problemas existenciais comuns às religiões e característicos de todo ser humano, com as visões da vida presentes na cultura, com os principais problemas morais em que a humanidade se vê envolvida.²³⁸

Em suma, o ensino religioso escolar justifica-se como uma resposta às exigências duma educação integral, que abranja também a dimensão religiosa, como uma dimensão inegável da pessoa.²³⁹

2. Educação Moral e Religiosa Católica na educação integral

A Educação Moral e Religiosa Católica oferece uma educação integral, que perspetiva a vida assente em valores, no nosso caso nos valores cristãos. A disciplina de EMRC pode ajudar e contribuir para uma maior humanização da sociedade, para o desenvolvimento da personalidade e contribuir para uma inserção criativa no mundo.²⁴⁰

Na escola, e na sociedade, verifica-se uma necessidade de valores hierarquizados que regulem a vida, uma procura de religiosidade e transcendência que dê sentido e mostre horizontes.²⁴¹

A escola, tendo uma função educativa, transmite o património científico, cultural, ético, estético, artístico e proporciona o conhecimento pessoal e a integração social. Assim sendo, a EMRC é uma disciplina escolar com seriedade, rigor e sistematização e proporciona um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerando como pessoa,

²³⁷ Cf. Congregação para o Clero. Diretório Geral da Catequese “A Catequese e o Ensino Religioso Escolar”, (1997). Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/100-santa-se/889-directorio-geral-da-catequese-a-catequese-e-o-ensino-religioso-escolar>, nº 74.

²³⁸ Cf. *Ibidem*, nº 75.

²³⁹ Cf. Geraldo Morujão, “Justifica-se o Ensino religioso nas Escolas do Estado?” in *Revista Millenium*, nº 6, (1977). Acedido a 8 de abril de 2018. <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/710/1/Justifica-se%20o%20Ensino%20religioso.pdf>.

²⁴⁰ Cf. D. José Cordeiro, “Nota Pastoral de EMRC” (2012). Acedido a 8 de abril de 2018. http://www.diocesem.pt/sites/default/files/documentos/2012_04_15_notas_pastoral_emrc.pdf.

²⁴¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica Um valioso contributo para a formação da personalidade”, in *Pastoral Catequética*, nº 5 (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006), 9.

na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir.²⁴²

O contributo de EMRC na escola, não é só para o desenvolvimento dos alunos na componente religiosa como fator de crescimento em humanidade e liberdade. Embora seja para amadurecer as questões sobre o sentido da vida e mostrar que o evangelho de Cristo oferece uma verdadeira resposta, pretende, também, para formar personalidades ricas em interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade, da paz e capazes de usar bem a própria liberdade.²⁴³

A disciplina tem um claro valor educativo e um enorme alcance cultural pois sem o conhecimento do fenómeno religioso e sem as suas expressões culturais não se compreende a realidade social. É oferecida a todos os alunos independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas, isto é, tenham fé católica ou outra, estejam em situações de procura, sejam indiferentes ou descrentes.²⁴⁴

A Educação Moral e Religiosa (EMR) presta um valioso contributo na formação da personalidade pois ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida humana e sobre a sociedade. Esta propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social orientando-os na definição de um projeto de vida valorizado pelos valores humanizantes do Evangelho. Também ajuda a conhecer e a interpretar a nossa cultura, marcada nas suas expressões literárias e artísticas pelo Cristianismo, tornando-se uma disciplina de grande importância para aprender a viver juntos e para aprender a ser.²⁴⁵

A EMRC não parte do pressuposto que o aluno já tomou a sua decisão de fé, mas para os alunos que se identificam com o Cristianismo, a disciplina pretende, com objetivos de natureza cultural, ser um momento de aprofundamento da sua visão cristã da vida. Em relação aos alunos não cristãos pretende proporcionar uma experiência de contacto com o Cristianismo como fenómeno cultural e ajudá-los a (re) definir-se pessoalmente perante o fenómeno religioso. A sua finalidade última é fazer com que os alunos compreendam a perspectiva cristã da vida e a relacionem, de forma sistemática, com as situações da vida quotidiana e os outros saberes, sejam eles de natureza científica, cultural ou artística.²⁴⁶

A EMRC é uma disciplina curricular de natureza confessional e a sua confessionalidade significa que a perspectiva a partir da qual esta lê a realidade e a sua visão

²⁴² Cf. *Ibidem*, 14.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, 11.

²⁴⁴ Cf. *Ibidem*.

²⁴⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos”, nº 5.

²⁴⁶ Cf. D. Tomaz Silva Nunes, “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica” in *Pastoral Catequética*, nº 5 (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006), 78.

do mundo, é a perspectiva cristã e a católica, proposta como uma visão coerente e articulada com os diversos âmbitos da cultura e da ciência.²⁴⁷

A expressão com que se identifica a disciplina dá testemunho da sua natureza peculiar: trata-se de uma disciplina direcionada para o ensino moral e religioso, numa perspectiva específica (Igreja Católica) naturalmente aberta ao diálogo com outras concepções religiosas e éticas, presentes numa sociedade plural e democrática.²⁴⁸

O que identifica a disciplina é o facto de se desenvolver no contexto escolar, promovendo a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens, numa perspectiva cristã, através da relação de diálogo com todas as outras áreas do saber. Não se trata de interpretar a realidade com instrumentos de natureza científica, para daí retirar o conhecimento das leis físicas do funcionamento da matéria; trata-se de interpretá-la a partir de uma perspectiva ético-moral. Isso é, o real é compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, orientado por princípios e valores ético-morais.²⁴⁹

Podemos identificar duas grandes orientações éticas: uma que fundamenta os princípios e os valores de forma exclusivamente antropológica, sem qualquer referência à transcendência, outra que enquadra o mundo ético numa visão religiosa da vida. Outra perspectiva é a que corresponde à natureza da Educação Moral e Religiosa Católica; constatando-se, no entanto, que muitos dos resultados, em termos de valores perfilhados e atitudes propostas, são coincidentes numa ética humanista, fundada de forma não religiosa, e numa ética com fundamentação transcendente. A justiça, a paz, a liberdade, a verdade, a honestidade, a solidariedade, entre outros valores, encontram-se no ponto de intercepção das éticas humanistas e da ética cristã, constituindo uma forte motivação para a educação das crianças, dos adolescentes e jovens nos sistemas educativos democráticos.²⁵⁰

Posto isto, EMRC é chamada a penetrar no âmbito da cultura e a relacionar-se com outras formas de saber, não é algo acessório na escola, mas sim necessária para um diálogo interdisciplinar.²⁵¹

Como educar é ajudar a crescer de forma integral e global, EMRC está em sintonia com esta tarefa educativa pois educa para os valores que são alicerces de uma personalidade sólida e saudável. Tem a função de ajudar a pessoa a ser, a identificar-se e a aceitar-se como é, integrando harmoniosamente as várias dimensões da vida; de ajudar a pessoa a “ser com”, a

²⁴⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014* (Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 155.

²⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 156.

²⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 163.

²⁵⁰ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007), 15.

²⁵¹ Cf. Congregação para o Clero. “A Catequese e o Ensino Religioso Escolar”, nº 73.

cultivar a interação e a criação de laços entre as pessoas; de ajudar a pessoa a “ser para”, a perceber quais as linhas de ação por onde orientar a sua vida e desenvolver o sentido altruísta das ações e de ajudar a pessoa a “ser mais”²⁵².

2.1. Finalidades, domínios e metas de EMRC

As finalidades da disciplina definem o que se pretende que o aluno adquira com a sua frequência, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de ensino, e se cumprir as várias metas, determinadas para os níveis de ensino em que a disciplina é oferecida.²⁵³

O currículo programa-se articulando-se os três fatores fundamentais: a sociedade; os conhecimentos científicos; e o aluno. A EMRC, ao serviço da educação integral dos alunos, acrescenta uma nova dimensão ao currículo escolar. Na perspetiva desta área, não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e em responsabilidade; o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa; e a compreensão da realidade social, requer, para ser verdadeira, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais.²⁵⁴

As finalidades de uma disciplina constroem elementos essenciais do currículo escolar, assim, EMRC tem como grande finalidade a formação global do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e a construção de um projeto pessoal de vida, a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.²⁵⁵

As finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica são:

- I. Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo;
- II. Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- III. Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- IV. Adquirir uma visão cristã da vida;

²⁵² Cf. Isabel Vilaça e Vitor Carmona, “Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica” in *Pastoral Catequética*, nº 5 (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006), 90.

²⁵³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014* (Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 3.

²⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 4.

²⁵⁵ Cf. Nunes, “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica”, 79.

- V. Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- VI. Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- VII. Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- VIII. Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- IX. Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- X. Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- XI. Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.²⁵⁶

O desenvolvimento do ensino é orientado por metas curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares. Devem identificar-se: os conteúdos fundamentais que devem ser ensinados aos alunos; a ordenação sequencial ou hierárquica dos conteúdos ao longo das várias etapas de escolaridade; os conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos; e os padrões/níveis esperados de desempenho dos alunos que permitam avaliar o cumprimento dos objetivos.²⁵⁷

As metas curriculares definem aquilo que o professor quer que os alunos aprendam. Consiste na organização dos conteúdos programáticos da disciplina de modo que se evidenciem os seus conteúdos fundamentais e que estes possam ser objeto de uma ordenação sequencial e hierárquica ao longo das várias etapas da escolaridade.²⁵⁸

Para a disciplina de EMRC, as metas, que enunciam expectativas gerais quanto à aprendizagem do aluno, identificam-se num reordenamento programático que se alicerça em domínios de aprendizagem. Determinaram-se os seguintes domínios de aprendizagem:

1. Religião e Experiência Religiosa;
2. Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; e
3. Ética e Moral.²⁵⁹

²⁵⁶ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 5.

²⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 7.

²⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 8.

Vejam os quadros que se seguem, que revelam quais são as metas curriculares por domínios de aprendizagem.²⁶⁰

| Domínios | Metas |
|--|---|
| 1. Religião e Experiência Religiosa | A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos. |
| 2. Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida | E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé. |
| 3. Ética e Moral | M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. |

Quadro 1 - Domínios e Metas Curriculares do Programa de EMRC

As metas curriculares só são totalmente atingidas pelos alunos após a conclusão de todo o percurso escolar, pelo que o docente deve lecionar tendo em atenção a necessidade de facilitar aos seus discentes a aquisição da totalidade dos objetivos previstos para as várias unidades letivas de cada nível de ensino.²⁶¹

Para cada UL, as metas curriculares permitem a definição de objetivos programáticos que se articulam em torno de um conjunto de conteúdos.²⁶²

O programa de EMRC organiza-se por níveis de ensino e para cada nível de ensino foram determinadas UL. Cada uma delas desenvolve-se em objetivos programáticos de unidade que operacionalizam a aprendizagem dos conteúdos específicos do tema de cada uma.²⁶³

²⁶⁰ Cf. *Ibidem*.

²⁶¹ Cf. *Ibidem*, 9.

²⁶² Cf. *Ibidem*.

²⁶³ Cf. *Ibidem*.

Vejam os para o ensino básico:²⁶⁴

| 1º Ciclo | |
|--|---|
| 1º Ano UL1: Ter um Coração Bondoso UL2: Jesus nasceu UL3: Crescer em Família UL4: Cuidar da Natureza | 2º Ano UL1: Ser Amigo UL2: A Mãe de Jesus UL3: A Páscoa dos Cristãos UL4: Deus é Amor |
| 3º Ano UL1: A Dignidade das Crianças UL2: Ser Solidário UL3: Diálogo com Deus UL4: A Igreja | 4º Ano UL1: Ser Verdadeiro UL2: Crescer na Diversidade UL3: O Perdão UL4: A Bíblia |

Quadro 2 - Unidades Letivas do 1º ciclo do Ensino Básico do Programa de EMRC

2.2. O perfil do professor de EMRC

Ser professor é uma tarefa aliciante e comprometedora. Apesar do papel de educador da pessoa o perfil do professor de EMRC é diferente. Dizemos que tem uma “vocação especial”, uma vez que, embora o docente de EMRC compartilhe de uma delineação que é comum aos demais docentes de qualquer outro grupo disciplinar ou nível de ensino, a verdade é que, dado o carácter específico desta disciplina que leciona, necessita de possuir algumas dimensões “especiais”, para além da dimensão profissional, social e ética, da dimensão do desenvolvimento do ensino/aprendizagem, da dimensão da participação na escola/envolvimento com a comunidade e da dimensão do desenvolvimento profissional.²⁶⁵

Assim dissemos que são, no quadro que a seguir se apresenta:²⁶⁶

| | |
|-----------------------------------|---|
| O professor de EMRC como Educador | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Inspira confiança no conhecimento e compreensão dos outros através de um diálogo franco e aberto, pelo qual se aproxima dos alunos, deixando-lhes transparecer uma irrefutável sensibilidade humana; ✓ Mantém uma relação pessoal destinada essencialmente a facilitar o desenvolvimento psicológico e intelectual dos alunos, extensível às suas famílias, com as quais se esforça por ter um contacto permanente; ✓ É exemplo na capacidade de acolhimento, na atitude dialogante, na relação com os alunos e os colegas, no tratamento dos programas, no modo como procura e assegura a interdisciplinaridade; ✓ Compromete-se na vida da escola, entendendo-a como uma |
|-----------------------------------|---|

²⁶⁴ Cf. *Ibidem*, 11.

²⁶⁵ Cf. Educris, “Ser professor de EMRC”, SNEC. Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>.

²⁶⁶ Cf. *Ibidem*.

| | |
|--|---|
| | <p>comunidade educativa e não somente como um espaço onde se dão aulas;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Participa activamente em todo o processo de aprendizagem, assumindo uma postura de mediador crítico em toda a acção educativa; ✓ Esforça-se por ser competente nos domínios científico e pedagógico. |
| O professor de EMRC como Testemunho de Fé | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Sente a responsabilidade de dar testemunho, porque, sendo um profissional exemplar, esta realidade é valorizada pelo facto de ser um educador que testemunha uma autêntica vivência cristã; ✓ É uma pessoa de Esperança, com espírito jovem e, psicologicamente, adulto e maduro; ✓ Tem consciência da sua "vocação" e da "missão" recebida, dado tornar-se presença evangelizadora da Igreja na Escola, através do mandato do seu Bispo. |
| O professor de EMRC e o Dinamismo da Conversão | <ul style="list-style-type: none"> ✓ É um cristão, firme na Fé e fonte de espiritualidade; ✓ É um cristão que salvaguarda, junto dos alunos, a vivência da Fé, e, junto de todos os outros membros do processo educativo, a dimensão espiritual da vida; ✓ É um cristão que compreende as mutações tecnológicas, económicas e sociais e que perscruta os sinais dos tempos nelas contidos; ✓ É um cristão que preserva e desenvolve o sentimento e os factores de identidade religiosa e cultural do Povo; ✓ É um cristão que reforça os valores morais e na actuação concreta; ✓ É um cristão que colabora com as estruturas existentes que se dedicam à implementação da justiça, da Paz e da Solidariedade para com os desprotegidos e marginalizados. |

Quadro 3 – Perfil do Professor de EMRC

3. Caracterização do contexto da Prática de Ensino Supervisionada

Para exercer a função da melhor forma possível, um docente deve conhecer o contexto onde a irá desenvolver. Assim, neste terceiro ponto, procuraremos fazer uma breve descrição do contexto em que decorreu a PES, partindo do âmbito mais amplo, isto é, da caracterização do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, passando pelo Centro Escolar da Sé, onde se praticou efetivamente a planificação, e terminando na turma Se do 3º ano da mesma escola.

3.1. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia

O Agrupamento de Escolas Emídio Garcia foi criado em julho de 2012. Este Agrupamento é uma unidade organizacional dotada de órgãos próprios de administração e

gestão que engloba estabelecimentos de educação e ensino dos níveis pré-escolar, 1º, 2º, 3º Ciclo e Secundário do Ensino Básico público. Favorece o percurso sequencial dos alunos na sua área de abrangência.²⁶⁷

Integra os seguintes estabelecimentos de educação e de ensino:

- ✓ Jardim de Infância Santiago – Bragança,
- ✓ Centro Escolar de Rebordãos,
- ✓ Centro Escolar da Sé,
- ✓ EB1 - Bragança n.º 3 – Beatas,
- ✓ EB1 - Bragança n.º10 - Campo Redondo,
- ✓ EB1 - Bragança n.º 11 – Formarigos,
- ✓ EB2,3 - Paulo Quintela,
- ✓ Escola Secundária Emídio Garcia – Sede do Agrupamento.²⁶⁸

A sede do agrupamento situa-se na Rua Eng.º Adelino Amaro da Costa, 5300-146 Bragança, local da Escola Secundária Emídio Garcia ou por muitos mais conhecido como Liceu de Bragança. Situa-se na bela cidade de Trás-os-Montes, Bragança, considerada a terra fria transmontana.

O patrono do Agrupamento, Manuel Emídio Garcia, foi uma figura proeminente da cultura e da política nacional, na segunda metade do século XIX. Nasceu em Bragança em 1838, a 6 de Outubro e aqui fez os seus estudos preparatórios, orientado pelo pai, Leonardo Manuel Garcia. O seu republicanismo veio a ser homenageado pelos bragançanos que deram o seu nome ao liceu, em 1910 e ao Centro Republicano, fundado em 1911, atual Clube de Bragança. Faleceu em Lisboa, a 15 de Outubro de 1904.²⁶⁹

O Liceu Nacional de Bragança, a par da sua longevidade, constituindo-se como o estabelecimento de ensino mais antigo da cidade, é alfobre de muitos governantes dados ao país. Outras escolas viveram na sua esteira, satisfazendo as necessidades da sua população e de outros espaços urbanos circunvizinhos. Suprindo o desejo de manter a cidade com uma escola de Artes e Ofícios, é instalada a Escola Industrial e Comercial, hoje denominada de Abade de Baçal, a par de outras escolas de ensino secundário com o nome de um patrono transmontano, Miguel Torga. Abrindo as portas para os jovens que concluíram a instrução primária, é a vez da Escola Augusto Moreno iniciar a sua atividade, indo ocupar o espaço vago pelo liceu, na vetusta Praça da Sé. Nos anos oitenta do século passado, em edifício de

²⁶⁷ Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, “História”. Acedido a 9 de abril de 2018.
<http://www.aeemidiogarcia.pt/>.

²⁶⁸ Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, “Regulamento Interno”. Acedido em 20 de março de 2018.
http://www.aeemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Regulamento_Interno_Aditado_21_02_2018.pdf, 9.

²⁶⁹ Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, “História”.

raiz, com a população em nítido crescimento abre as portas à lecionação a Escola Paulo Quintela.²⁷⁰

A Escola Paulo Quintela situa-se num dos pontos mais altos da cidade de Bragança, entre a Avenida General Humberto Delgado e a Rua Bragança Paulista. A escola iniciou a sua atividade no ano letivo de 1983/1984, como Escola Preparatória, lecionando apenas os quintos e sextos anos de escolaridade. Só em 1991/1992 foi alargada ao sétimo ano e, no dia 1 de Setembro de 1997, passou a ser EB2,3 estendendo a sua atividade letiva ao nono ano. A partir do ano letivo 2007/2008 passou à tipologia de EB1,2,3 e em 26 de Março de 2003, foi criado o Agrupamento de Escolas Paulo Quintela que começou a funcionar em 1 de Setembro desse mesmo ano. À data, era constituído pela escola sede, vinte e seis escolas do primeiro ciclo e três jardins-de-infância, com uma organização administrativa e pedagógicas comuns.²⁷¹

O nome da escola, e posteriormente do agrupamento, foi uma homenagem ao ilustre brigantino Paulo Quintela, de seu nome completo Paulo Manuel Pires Quintela, que nasceu na freguesia da Sé, em 24 de dezembro de 1905, e faleceu em Coimbra, em 9 de março de 1987. Atualmente, a Escola Paulo Quintela regressou às origens, lecionando (como outrora) apenas os quintos e sextos anos de escolaridade. É um espaço aprazível e bem organizado, onde reina a serenidade, com excelentes condições e recursos e com um corpo docente estável. Estes atributos fazem dela uma escola de referência, sendo, por isso, cada vez mais procurada, o que é de regozijo.²⁷²

Componentes do Ensino Básico fazem parte a Escola de Rebordãos, a Escola do Campo Redondo, a Escola dos Formarigos, a Escola das Beatas e o Centro Escolar da Sé.²⁷³

3.2. *Centro Escolar da Sé*

O Centro Escolar da Sé situa-se na Avenida Bragança Paulista, 5300-167 Bragança, localiza-se no edifício mesmo ao lado da Escola EB2,3 Paulo Quintela. Este Centro Escolar foi um investimento sendo construído de raiz e inaugurado no ano de 2010.

O Centro Escolar tem as seguintes características: área para jardim-de-infância e para o 1.º ciclo. Integra 10 salas de aula para 25 alunos cada; 4 salas para jardim-de-infância; 2 salas de apoio para alunos com necessidades educativas especiais; sala de educação visual e

²⁷⁰ Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, “Projeto Educativo”. Acedido em 20 de março de 2018. http://www.aeemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Projeto_Educativo__Aditado_21_02_2018.pdf, 11.

²⁷¹ Cf. Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, “História”.

²⁷² Cf. *Ibidem*.

²⁷³ Cf. *Ibidem*.

trabalhos manuais; ateliê de educação musical e expressão dramática; biblioteca; salão polivalente para convívio entre alunos; refeitório com copa de apoio; posto de primeiros socorros; sala de reunião e de convívio para professores; sala de atendimento aos pais; gabinete de trabalho para a coordenação do centro; equipamentos desportivos; equipamento informático e de tecnologias da informação e comunicação.²⁷⁴

A par destas valências, o Centro Escolar da Sé conta com o serviço de componente de apoio à família, que cuida dos mais pequenos fora do período de aulas. No ensino Pré-Escolar, esta mais valia é apoiada pela Câmara Municipal de Bragança.

3.3. Turma

A caracterização psicológica dos alunos do 1º ciclo quanto às dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC, procura ir além do círculo familiar e explorar ludicamente as capacidades emergentes, para aprender o uso do corpo, mente e objetos materiais, as ferramentas práticas do mundo adulto, o desenvolvimento de um sentido de crescimento, superação, trabalho e esforço, sendo que o trabalho escolar deve proporcionar objetivos claros e oportunidades de sucesso para que a criança se mantenha motivada para crescer e aprender, evitando sentimentos de inadequação ou inferioridade.²⁷⁵

| Dimensão da Experiência Humana | Dimensão da Reflexão Religiosa | Dimensão da Interpretação Ético - moral |
|---|---|--|
| Autoconceito limitado ao concreto e observação simples das suas características. Perceção de que o pensamento e os sentimentos dos outros podem ser diferentes. Capacidade para inferir sentimentos, ideias e intenções do comportamento dos outros. A família tem muita importância; a vida na pequena sociedade da escola começa a mostrar que as pessoas desenvolvem cosmovisões | Não há insight real de uma visão religiosa da vida; falta a experiência e a capacidade mental para pensar com lógica sobre ideias religiosas. Não entendem a natureza da Bíblia, encarada como autoritativa num sentido muito literal. Visão antropomórfica de Deus; Cristo é um homem bom, capaz de realizar milagres. Distinção entre o universo do religioso e as demais experiências. | É a rica experiência de viver entre os outros, de participar numa cultura comum, que forja, através do jogo e das oportunidades de aprendizagem, a importância da regra e da administração da justiça, numa etapa moral de heteronomia em que a autoridade está centrada no adulto. As consequências dos atos são mais importantes do que as intenções. Não se considera o ponto de vista do outro |

²⁷⁴ Cf. Câmara Municipal de Bragança, “Centros Escolares”. Acedido em 9 de abril de 2018. <http://www.cm-braganca.pt/pages/253>.

²⁷⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 165.

| | | |
|---|---|--|
| diversas, expressas em hábitos de vida diferentes. Trabalhar e brincar em grupo é muito relevante. A aprendizagem faz-se com entusiasmo, de modo factual e processual: saber coisas, aprender as competências básicas da vida de estudante. | | nem se tem sentido da sociedade. Alguma empatia e preocupação com as necessidades dos outros; culpa provocada por comportamentos que causam dano objetivo. Distinção entre convenções e regras morais; início de que o dano físico e psicológico é moralmente errado. Preocupação com a posse e relutância em partilhar. |
| | A imaginação apela para o desenvolvimento religioso (histórias, rituais, leis) alimentando a riqueza da personalidade e da consciência moral. | |

Quadro 4 – Caracterização psicológica dos alunos quanto às dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC

A turma de intervenção corresponde a um conjunto de alunos do ensino básico do Centro Escolar da Sé. Todos eles, inscritos na disciplina de EMRC, formam uma turma bastante heterogénea pois totaliza 20 alunos não só de um nível de escolaridade mas dois níveis.

Integra 15 alunos do terceiro ano e agrega mais 5 alunos correspondentes ao primeiro ano. Estes últimos foram integrados nesta turma mais tarde devido às suas inscrições tardias na disciplina e também devido ao número elevado em outras turmas da escola. Como é possível e de acordo com a constituição das turmas do 1.º ciclo, a escola pode integrar alunos dos diversos anos desse ciclo de escolaridade.²⁷⁶

É composta assim por 20 alunos, sendo 13 meninas e 7 meninos com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos. Caracteriza-se como uma turma mista, pois os alunos fazem parte de três turmas diferentes do respetivo Centro Escolar (Se2, Se6, Se8).

Os alunos residem na cidade de Bragança e são oriundos de famílias de classe média. São, na sua maioria, alunos dinâmicos, participativos e muito interessados e revelam algum conhecimento prévio dos conteúdos da UL. Trata-se, pois, de uma turma muito heterogénea em que os alunos apresentam diferentes ritmos de trabalho, de aprendizagem e de motivação. No entanto, no cômputo geral, são alunos muito faladores mas com bons resultados revelando, mesmo, um óptimo nível de desempenho nesta e nas restantes áreas.

²⁷⁶ Cf. Decreto-Lei nº 70/2013 de 23 de Maio, Diário da República, 1.ª série, n.º 99. Acedido em 14 de abril de 2018. https://www.dgae.mec.pt/?wpfb_dl=1002, art. 6 b).

São crianças que comunicam claramente, expressando os seus sentimentos e que têm vindo a desenvolver competências sociais. Sabem ouvir e estão a aprender a respeitar e a negociar sem desprezar a opinião do outro.

Nota-se que têm vindo a criar laços afetivos, laços esses que favorecem uma maior cooperação e respeito mútuo. São amigos uns dos outros, valorizando-se e respeitando-se cada vez mais.

4. Planificação da Unidade Letiva

Neste tópico abordaremos a planificação e apresentaremos a UL “Ser solidário” escolhida, todas as planificações elaboradas para a PES e uma avaliação final da lecionação.

O programa de EMRC pressupõe uma metodologia organizada em torno de três dimensões pedagógicas sequenciais: experiência humana, reflexão religiosa, e interpretação ético-moral.²⁷⁷

No desenvolvimento de cada UL, as três dimensões estão presentes, por vezes, mais do que uma vez, mas a ordem pela qual são apresentadas na planificação efetuada pela docente deve corresponder não só ao tema da unidade e alinhamento dos seus conteúdos, mas às necessidades, interesses e motivações dos alunos, em cada escola e em cada turma, facultando a interpretação religiosa e ético-moral da realidade através de uma chave de leitura cristã, em que a dimensão religiosa surge não só como objeto e produto da cultura, mas também como processo de leitura, interpretação e conhecimento da cultura e da realidade.²⁷⁸

Atendendo à natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das metas que estes concretizam, desde a etapa inicial de construção desta disciplina considera-se que a lecionação cumpre melhor os objetivos propostos quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos, já que, através deles, se pode atuar para melhorar o desempenho escolar, desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro.²⁷⁹

A planificação cuidada das aulas evita uma prática de ensino entregue ao acaso, que é sempre improdutiva, e garante que se definiram os meios necessários para a avaliação pedagógica. De qualquer modo, uma boa planificação, que é sempre imprescindível, exige que o docente adquira os conhecimentos sobre as turmas e os alunos, de modo a adaptar a

²⁷⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 154.

²⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 155.

²⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 157.

lecionação aos objetivos e conteúdos. Essa adaptação requer que o docente combine os vários modelos de ensino de modo a potenciar a aprendizagem, reconhecendo a complexidade das salas de aula diversificadas das escolas de hoje e as propostas constantes dos conteúdos aprovados para a disciplina de EMRC.²⁸⁰

Assim, uma lecionação adequada da disciplina parte de uma planificação criteriosa baseando-se no respeito pelas finalidades da disciplina, as suas metas curriculares e a lógica interna dos objetivos e conteúdos. A consolidação das metas indicadas resultará da riqueza do somatório de experiências significativas adquiridas ao longo dos anos, e que constituem um direito dos alunos, assim como do dever do professor interpretar com justeza o programa que as faculta.²⁸¹

4.1. Unidade Letiva “Ser Solidário”

A UL “Ser solidário” é o grande tema da segunda unidade letiva do terceiro ano do ensino básico. Foi a escolha para desenvolver com os alunos na medida que o valor da solidariedade é indispensável nas relações quotidianas, e torna-se cada vez mais importante e obrigatório no cuidado com o outro.²⁸²

O princípio de solidariedade exprime a dimensão social da pessoa humana. Ninguém pode viver apenas para si, está sempre dependente dos outros, e não apenas para experimentar, uma ajuda prática, mas também para ter um interlocutor e poder crescer e desenvolver plenamente a sua personalidade através do debate de ideias, de argumentos, de necessidades e de desejos. Com o mundo globalizado, as fronteiras não são importantes e o mundo é cada vez mais próximo com a comunicação em tempo real. O que acontece numa parte do mundo tem consequências imediatas para os humanos que estão em outros lugares.²⁸³

Como virtude moral, a solidariedade quer dizer o empenho concreto, decidido em favor do bem-estar de todos os seres humanos. Expressões vagas de compaixão não ajudam por si só, é preciso agir. Segundo o compêndio da Doutrina Social da Igreja (DSI), o princípio da solidariedade pressupõe que o ser humano esteja cada vez mais consciente dos seus compromissos para com a sociedade. Por si mesmas as pessoas podem pouco, é necessário estar consciente de que as próprias ações e decisões têm de considerar os outros.²⁸⁴

²⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 159.

²⁸¹ Cf. *Ibidem*.

²⁸² Cf. *Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja*, 215.

²⁸³ Cf. *Ibidem*, 102.

²⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 103.

Assim, e de acordo com o programa, para trabalhar a UL “Ser solidário” do 3º ano do ensino básico, como base não só nas metas e objetivos, tem os seguintes conteúdos.²⁸⁵

| Metas | Objetivos | Conteúdos |
|--|---|---|
| Q. Reconhecer, à luz da mensagem crista, a dignidade da pessoa humana. G. Identificar os valores evangélicos. | 1. Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano. | <ul style="list-style-type: none"> • Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança: Gn1, 27-31. • Todas as pessoas tem dignidade, por isso tem direito a viver uma vida feliz e construtiva. • O que torna a nossa vida feliz, a alegria está no dar: At20,35. |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. | 2. Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade. | <ul style="list-style-type: none"> • Ser solidário é dar-se aos outros e atende às suas necessidades. • A pobreza e a exclusão resultam da injustiça; • O que é a injustiça. O pobre Lázaro e o rico: Lc16,19-25; • O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: <ul style="list-style-type: none"> - Partilhar e doar os bens materiais; - Entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros; - Disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade; • O exemplo da Rainha Santa Isabel. |

Quadro 5 – Metas, objetivos e conteúdos da UL2 "Ser solidário" do Programa de EMRC

4.2. Planificação das aulas

A disciplina de EMRC está integrada no sistema educativo, respondendo às necessidades resultantes da realidade social, contribui para um desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos alunos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a sua dimensão humana do trabalho.²⁸⁶

Embora componente do currículo nacional, integrando todas as matrizes curriculares de oferta obrigatória por parte dos estabelecimentos de ensino, é de frequência facultativa.²⁸⁷

No 1º ciclo do ensino básico, a escola fixa o horário semanal de EMR, de modo a garantir as

²⁸⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 37.

²⁸⁶ Cf. Lei 46/86 de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo. Acedido em 14 de abril de 2018. https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/201804141645/70486656/diploma/indice?p_p_state=maximized, art. 2.

²⁸⁷ Cf. Decreto-Lei nº 70/2013 de 23 de maio, art. 4.

condições necessárias para a sua frequência.²⁸⁸ De acordo com a matriz curricular do 1º ciclo, a disciplina tem carga horária semanal de 60 minutos.²⁸⁹

Será agora apresentada uma breve descrição de cada aula realizada no âmbito da PES referente a esta unidade letiva:

4.2.1. Aula nº 1 – Apresentação e introdução à Unidade Letiva 2 “Ser solidário”. “Quantos-queres solidário”

A meta a ser trabalhada é a M “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano” e a N “Promover o bem comum e o cuidado do outro” de acordo com o programa de Educação Moral e Religiosa Católica enquadrado no domínio ética e moral.

Os objetivos trabalhados são o conhecimento dos alunos da turma, a apresentação da Unidade Letiva que vai ser tratada e o número 2 “Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade”.

Os conteúdos são: ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades, e o que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: partilhar e doar os bens materiais, entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros e disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade.

A professora começa por acolher os alunos na sala de aula. Tal como em qualquer primeira aula, nesta aula de Prática de Ensino Supervisionada, o objetivo é conhecer os alunos e dar a conhecer e introduzir a unidade letiva que se vai lecionar. Neste caso, apresenta-se a professora e de seguida os alunos. A estratégia a utilizar é começar por distribuir os cartões de identificação (cf. Anexos, doc.1), já pré-elaborados, e onde cada um coloca o seu nome e pinta a gosto o seu cartão.

De seguida apresenta-se a unidade letiva “Ser solidário” que é a segunda unidade que se enquadra no programa do 3º ano do 1º ciclo do ensino básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, com a qual vamos descobrir e interiorizar algumas noções novas. Segue-se a apresentação e visualização de dois vídeos: “Seja solidário” e “Ame seu próximo seja solidário!”. A professora vai fomentando e direcionando o diálogo de modo a que os

²⁸⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Nota sobre a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no 1º Ciclo do Ensino Básico” (2001). Acedido em 15 de abril de 2018.
<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sobre-a-leccionacao-da-disciplina-de-educacao-moral-religiosa-catolica-no-1-ciclo-do-ensino-basico/?highlight=emrc%201%20ciclo>.

²⁸⁹ Cf. Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, Matriz curricular 1º ciclo. Acedido em 15 de abril de 2018.
<http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>.

alunos observem, descrevam e discutam as ações e as atitudes das pessoas que aparecem nos vídeos. Os dois vídeos foram agrupados num só, mas estão disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=5d4kK2COAXQ> e em <https://youtu.be/vRulzyAV3zA>.

Num terceiro momento da aula vai ser fomentado um diálogo acerca do visualizado nos vídeos e da perceção com o que retiveram do significado do conceito de ser solidário e o que significará. À medida que decorre o diálogo, a professora coloca um cartaz A3 onde está escrita a palavra solidário, e pede aos alunos que vão dizendo o que é para eles “ser solidário” solicitando que, um a um, escrevam no cartaz as suas palavras.

Depois será explicada a atividade seguinte que será a construção do jogo “Quantos-queres solidário”. A professora dá as instruções pertinentes para a realização do jogo enquanto distribui as folhas para a sua construção. Enquanto os alunos vão construindo são apoiados na elaboração do jogo.

O Origami é uma arte japonesa que ensina a dobrar uma folha de papel para fazer animais, decorações, objetos, entre outras coisas, dando-lhe um aspeto tridimensional. A sua origem é religiosa e as regras têm sido transmitidas de geração em geração. O Origami é um jogo mágico e uma arte que encontra aplicações nas mais variadas áreas.

Segue-se a prática do jogo aos pares. Assim, dois a dois, trocam a experiência de jogarem, lêem, partilham informações e ideias que vão colocar em prática fora da sala de aula com os outros. No final da aula a professora despede-se dos alunos.

A comunicação do dia-a-dia é muito importante, pois é através dela que a criança manifesta a sua evolução afetiva e expressa os seus sentimentos. O facto de a criança exteriorizar os seus sentimentos permite compreender a visão que tem do mundo e de si própria. Ao longo desta aula, nas diferentes atividades, a professora intervém como moderador, procurando discutir com os alunos normas, valores e atitudes que devem ter em conta quer nas suas relações com os outros, quer na sua conduta individual. A professora vai incentivar à participação de todos os alunos com vista a proporcionar um ambiente adequado ao desenvolvimento da assertividade e do autoconhecimento. É preciso não esquecer que, muitas vezes, as pessoas sentem receio de dizer o que pensam porque não aprenderam a comunicar adequadamente. A solidariedade, o amor, a igualdade e a honestidade são apenas alguns exemplos dos valores que vão ser trabalhados nesta aula e que vão dar o mote para um debate que se espera interessante e enriquecedor.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 1

Ano: 3ºano | Turma: Se

Data: 27/02/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|--|---|---|---|---|--|---|
| Acolhimento e Sumário | | | | | | |
| SUMÁRIO: Apresentação e introdução à Unidade letiva2 – “Ser solidário” “Quantos-queres solidário” | | | - Acolhimento | | 5min | |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano N. Promover o bem comum e o cuidado do outro | - Conhecer os alunos da turma - Apresentar o tema da Unidade Letiva 2.Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade | - Ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades - O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: - Partilhar e doar os bens materiais - Entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros - Disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade | - Apresentação da professora e dos alunos - Apresentação da Unidade Letiva - Visualização de dois vídeos: “Seja solidário” e “Ame seu próximo seja solidário!” - Diálogo acerca da percepção do que é ser solidário - Registo no cartaz | - Cartão de identificação - Caixa coração - Vídeo: “Seja solidário” e “Ame seu próximo seja solidário!” - PowerPoint - Computador - Projetor - Quadro - Cartaz A3 - Lápis | 10min 3min 9min 10min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula - Cumprimento das regras da sala de aula - Respeito pelos outros - Realização das tarefas propostas com entusiasmo - Observação direta - Registos no cartaz |

| | | | | | | |
|--|--|--|---|---|-------|--|
| | | | <ul style="list-style-type: none">- Instruções pertinentes para a construção do jogo: "Quantos-queres solidário"- Jogar o jogo | <ul style="list-style-type: none">- Folhas brancas A4- Folhas coloridas A4- Tesouras- Canetas- Lápis de cor | 23min | |
|--|--|--|---|---|-------|--|

4.2.2. Aula nº 2 - Deus criou-nos por amor à Sua imagem e semelhança

A meta a ser trabalhada é a Q “Reconhecer, à luz da mensagem crista, a dignidade da pessoa humana”, enquadrada no domínio ética e moral. O objetivo é o número 1 “Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano”. O conteúdo a ser trabalhado é: Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança: Gn1, 27-31.

A professora começa por acolher os alunos na sala de aula. Inicia com a entrega dos cartões de identificação, reforçando o nome dos alunos e promovendo a sua memorização. Depois faz uma retrospectiva da aula anterior com a ajuda dos alunos, para relembrar o que foi feito anteriormente. Vai ser ainda dada a possibilidade de as crianças jogarem o jogo “Quantos-queres solidário” da aula anterior pois não foi possível fazê-lo na aula anterior.

Num outro momento a professora prepara os alunos para um outro tipo de trabalho que se vai realizar. Assim, projeta uma imagem, e refere aos alunos que a têm no manual na página 38, e incita ao diálogo sobre a mesma. Faz o registo no quadro das respostas dos alunos às perguntas: “O que tem elas em comum?” e “O que tem elas de diferente?” enquanto eles escrevem no caderno.

Procede-se à distribuição e explicação da ficha de trabalho nº 1 – “A mão de Deus” (cf. Anexos, doc.2) e os alunos realizam-na. O facto de realizar a ficha de trabalho antes, torna mais fácil a compreensão do texto que se segue pelos alunos, e estes percebem melhor o seu significado. O texto em questão é uma adaptação/excerto do livro do Génesis capítulo 1, versículos 27 a 31.

Assim, depois de terem descoberto na ficha, o desenho de um homem e de uma mulher, segue-se a distribuição do texto do Génesis em rolinhos de papel, já elaborados anteriormente. A professora faz uma abordagem à Bíblia Sagrada, apresentando-a, e uma breve explicação do livro do Génesis, onde se enquadra a adaptação do texto que têm nas mãos. Vai ser convidado um aluno para fazer a leitura do texto (Gn1, 27-31) em voz alta.

A professora coloca então a questão: “O que significa dizer que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus?” e caso os alunos não mostrem iniciativa para responder, a professora dá uma resposta sucinta com o apoio do PowerPoint.

Para a parte final a professora coloca a música Oração de São Francisco “Sou feliz” para todos ouvirem e cantarem. A aula termina com a arrumação do material e a professora a despedir-se dos alunos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 2

Ano: 3ºano | Turma: Se

Data: 06/03/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|--|--|---|--|-------|--|
| Acolhimento e Sumário | | | | | | |
| SUMÁRIO: Deus criou-nos por amor à Sua imagem e semelhança | | | - Acolhimento - Entrega dos cartões de identificação | - Cartões de identificação | 5min | |
| Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana | 1. Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano | - Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança: Gn1, 27-31 | - Retrospectiva da aula anterior - Jogar o jogo “Quantos-queres solidário” | - Jogo elaborado na aula anterior - Caixa “coração” | 10min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula - Cumprimento das regras da sala de aula - Respeito pelos outros - Realização das tarefas propostas com entusiasmo |
| | | | - Projeção da imagem e diálogo sobre a imagem projetada (Manual do aluno pag.38) | - Computador - Projetor - Quadro - PowerPoint - Imagem - Manual do aluno - Caderno | 5min | |
| | | | - Registrar no quadro as respostas dos alunos às perguntas: - “O que tem elas em comum?” - “O que tem elas de diferente?” | | 9min | |
| | | | - Explicação e realização da ficha de | - Ficha de trabalho nº 1 | 10min | |

| | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|
| | | | <p>trabalho nº1 (Manual do aluno pag.40)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distribuição do texto do Génesis 1 em rolinhos de papel - Breve apresentação da Bíblia Sagrada e explicação do Génesis - Leitura do texto do Génesis 1 por um aluno - Colocar a questão: - "O que significa dizer que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus?" - Responder à questão - Audição da música Oração de São Francisco "Sou feliz" - Colaborar na arrumação do material | <ul style="list-style-type: none"> - Rolinhos de papel do Génesis 1 - Bíblia Sagrada - Áudio da música: Oração de São Francisco "Sou feliz" - Letra da música em papel: Oração de São Francisco "Sou feliz" | <p>2min</p> <p>3min</p> <p>5min</p> <p>4min</p> <p>5min</p> <p>2min</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta - Registos no caderno |
|--|--|--|--|---|--|--|

Observações:

- Como a turma inclui alunos do 1º ano as atividades elaboradas por eles são com a ajuda dos alunos do 3º ano. Se necessário elaborarão ficha de trabalho diferente (Ficha de trabalho nº 1 a) ou b)).
- Ficha de trabalho nº 1 a) - Puzzle da imagem.
- Ficha de trabalho nº 1 b) - Recortar e colar imagens de homens e mulheres. (Folhas brancas, recortes e revistas).

4.2.3. Aula nº 3 - Todas as pessoas têm dignidade

A meta a ser trabalhada é a G “Identificar os valores evangélicos”, enquadrada no domínio cultura cristã e visão cristã da vida. O objetivo é o mesmo da aula anterior, “Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano”.

Os conteúdos a ser trabalhados são o de que todas as pessoas têm dignidade, por isso tem direito a viver uma vida feliz e construtiva e o que torna a nossa vida feliz, a alegria está no dar: At 20,35.

A professora começa por acolher os alunos e por entregar os seus cartões de identificação. Inicia-se a aula com uma retrospectiva da aula anterior, lembrando o que trabalharam na semana passada. Faz a leitura do texto com o apoio do PowerPoint, que os alunos podem acompanhar também no seu manual na página 41. De acordo com o interesse, pode pedir a colaboração dos alunos para a leitura das frases.

Num segundo momento da aula é apresentado aos alunos o seguinte material: 24 cartões de valores materiais, 24 cartões de valores espirituais e duas cartolinas A3 com o título “valor material” e “valor espiritual. As crianças vão examinar os cartões, selecioná-los e colocá-los na cartolina correspondente. Esta atividade é feita de forma ordenada, cada aluno vai à caixa coração tirar um cartão, ao acaso (estão virados ao contrário), e coloca esse mesmo cartão na cartolina respetiva. É repetido o processo, fazendo duas vezes cada aluno.

Segue-se a leitura do texto que se encontra projetado e que pode ser acompanhado pelo manual do aluno na página 44, para se evidenciar o valor das pessoas. Os conteúdos a trabalhar são “Todas as pessoas têm dignidade, por isso tem direito a viver uma vida feliz e construtiva” ao longo da atividade vai salientar-se a dignidade da pessoa humana, a sua importância e o viver com dignidade.

Dando continuidade à aula, a professora distribui a ficha de trabalho nº 2 – “O meu coração” (cf. Anexos, doc.3), e os alunos elaboram-na com os aspetos de felicidade e de tristeza de cada um. Para melhor executar a ficha, os alunos podem e devem consultar o quadro (“ser feliz” e “não ser feliz”) que se encontra no manual do aluno, na página 44.

À medida que os alunos vão terminando a sua ficha de trabalho vão sendo instruídos para a elaboração de uma lembrança para o dia do pai. Com a proximidade do dia 19 de março, dedicado ao Pai, é reservado algum tempo da aula para a realização de algo pelos alunos para oferecerem ao seu pai. É então distribuído o material necessário a cada aluno, com a entrega da camisa em origami, pré-elaborada, e explicação do que cada um terá de fazer para completar a sua lembrança.

Entretanto, cada um constrói o seu presente, colorindo a gravata e o bolso para recortar e colar na camisa. Os alunos são convidados a escrever, nas folhas ou *post-it* coloridos, uma mensagem ou bilhete ao pai para colocar escondido dentro da sua camisa. A aula termina com a arrumação e a despedida dos alunos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 3

Ano: 3ºano | Turma: Se

Data: 13/03/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|--|--|---|--|---|-------|--|
| Acolhimento e Sumário | | | - Acolhimento | - Cartões de identificação | 5min | |
| SUMÁRIO: Todas as pessoas têm dignidade | | | - Entrega dos cartões de identificação | | | |
| G. Identificar os valores evangélicos | 1. Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano | - Todas as pessoas têm dignidade, por isso tem direito a viver uma vida feliz e construtiva | - Retrospectiva da aula anterior | - Computador - Projetor - PowerPoint - Quadro - Manual do aluno | 5min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula - Cumprimento das regras da sala de aula - Respeito pelos outros - Realização das tarefas propostas com entusiasmo |
| | | | - Leitura do texto (Manual do aluno pág. 41) | | 5min | |
| | | | - Colocação dos cartões valores na cartolina valores | | 8min | |
| | | - O que torna a nossa vida feliz, a alegria está no dar: At20,35 | - Leitura do texto (Manual do aluno pág. 44) | | 5min | - Observação direta |
| | | | - Explicação e realização da ficha de | - Ficha de trabalho nº2 | 15min | - Registos na cartolina |

| | | | | | | |
|--|--|--|---|---|-------|--|
| | | | trabalho nº2 | | | |
| | | | - Elaboração de uma lembrança para o Dia do Pai | - Camisas em origami pré-elaboradas - Folhas coloridas - Post-it coloridos - Lápis de cor - Cola - Tesouras - Fotocópia de gravata e de bolso | 15min | |
| | | | - Colaboração na arrumação do material | | 2min | |

Observações:

- Com a proximidade do Dia do Pai é reservado algum tempo no final da aula para a realização de algo pelos alunos para oferecerem ao pai ou a uma pessoa que gostem muito. Fazendo uma ligação com as metas e os objetivos a alcançar com o programa de EMRC torna-se relevante a atividade para deixar também a nossa marca EMRC. As metas a alcançar são a Q. reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana, a M. reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano e a N. promover o bem comum e o cuidado do outro.
- As camisas em origami já irão pré-elaboradas para a aula para uma mais rápida realização do trabalho por parte dos alunos. Só será necessário colorir e recortar a gravata e o bolso para colar na camisa. Também terão de escrever uma mensagem ou desenho, para o pai e colocar dentro da camisa.
- Origami em https://youtu.be/ilhMr6pBq_U.
- Os alunos do 1º ano, caso não consigam realizar a ficha de trabalho nº 2 pintam apenas o desenho da mesma.

4.2.4. Aula nº 4 - A pobreza e a exclusão resultam da injustiça

A meta a ser trabalhada é a M “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano” e a N “Promover o bem comum e o cuidado do outro”, enquadrada no domínio ética e moral. O objetivo é o número 2 “Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade”.

Os conteúdos a ser trabalhados são: ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades; a pobreza e a exclusão resultam da injustiça e o que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: partilhar e doar os bens materiais, entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros, disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade.

A professora começa por acolher os alunos e por entregar os seus cartões de identificação. Inicia a aula com uma retrospectiva da aula anterior onde os alunos relembram o que aprenderam na semana passada. Motiva os alunos para a visualização da imagem projetada (manual do aluno página 48) sobre a injustiça e a exclusão. Tendo em vista uma parte mais prática, os alunos são convidados a construir eles próprios uma história a partir da imagem. Analisa-se a imagem e vai-se inventando uma história, a professora vai orientando o diálogo e encaminhando as crianças para o objetivo final, o de os meninos pedirem desculpa, de perdoarem e de partilharem o lanche.

Segue-se a realização de uma Banda Desenhada (BD). Para o efeito, a história vai ser dividida em seis partes e é ainda escolhido, democraticamente um título para a mesma. Distribui-se e explica-se a ficha de trabalho nº 3 - “A injustiça causa pobreza e exclusão” (cf. Anexos, doc.4) e os alunos realizam-na. À medida que os alunos forem terminando, a professora procede à sua correção.

Para tomar consciência das emoções que todos experimentamos, é necessário identificá-las. A reflexão sobre a linguagem corporal vai permitir às crianças compreender o que acontece no seu interior. Mostrar imagens de rostos que reflitam diferentes estados de espírito, pedir aos alunos que as descrevam, tendo em atenção a posição das sobrancelhas, da boca, dos olhos, das mãos, por exemplo, são ótimas estratégias para o conseguir.

Foi atendendo a tudo isto que surgiu a ideia de levar os alunos a construir uma história partindo, apenas, da observação e análise da imagem apresentada no manual do 3º ano (imagem essa que foi previamente ampliada) e não da história que a acompanha. Assim, e direcionando o diálogo estabelecido, as crianças conseguiram atingir os

objetivos pretendidos. A professora, como tarefa complementar, em casa, vai convidar as crianças a lerem a história do manual e a compará-la com a elaborada na aula.

Como a aula corresponde à última aula do 2º período é necessário fazer uma avaliação, tanto do período como da unidade lecionada até ao momento. Assim realiza-se também uma simples ficha de autoavaliação, onde os alunos registam com um x a sua opinião.

Para terminar, segue-se a recolha das fichas de autoavaliação, a arrumação do material e a despedida dos alunos com o desejo de uma boa Páscoa para todos e umas óptimas férias escolares.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 4

Ano: 3ºano | Turma: Se

Data: 20/03/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|--|--|--|---|---|-------------------|---|
| Acolhimento e Sumário | | | - Acolhimento - Entrega dos cartões de identificação | - Cartões de identificação | 5min | |
| SUMÁRIO: A pobreza e a exclusão resultam da injustiça | | | | | | |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano | 2. Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade | - Ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades | - Retrospectiva da aula anterior - Projeção de imagem (Manual do aluno pág. 48) - Analise e invenção de uma história a partir da imagem | - Computador - Projetor - PowerPoint - Imagem - Quadro - Manual do aluno - Folha BD - Caixa coração - Lápis de cor - Lápis | 5min 20min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula - Cumprimento das regras da sala de aula - Respeito pelos outros |
| N. Promover o bem comum e o cuidado do outro | | - A pobreza e a exclusão resultam da injustiça | - Realização da uma Banda Desenhada (BD) - Escolher um título para a BD | - Ficha de trabalho nº3 | 15min | - Realização das tarefas propostas com entusiasmo |
| | | - O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: - Partilhar e doar os bens materiais - Entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros | - Explicação e realização da ficha de trabalho nº3 - Realização da autoavaliação | - Ficha de autoavaliação | 10min | - Observação direta - Autoavaliação |

| | | | | | | |
|--|--|---|--------------------------------------|--|------|--|
| | | - Disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade | - Colaborar na arrumação do material | | 5min | |
|--|--|---|--------------------------------------|--|------|--|

Observações:

- Como a aula corresponde à última do 2º período é necessário fazer uma avaliação. Assim realizar-se-á também, na parte final, uma ficha de autoavaliação dos alunos.

4.2.5. Aula nº 5 - “A Parábola do Lázaro e do homem rico”

A meta a ser trabalhada é a M “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano” e N “Promover o bem comum e o cuidado do outro”, enquadrada no domínio ética e moral.

O objetivo é o número 2 “Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade” e o conteúdo a ser trabalhado é: o que é a injustiça e o pobre Lázaro e o rico: Lc 16,19-25.

A professora começa por acolher os alunos e por entregar os seus cartões de identificação. Inicia-se a aula com as boas vindas aos alunos, com um diálogo acerca das suas férias escolares, a sua Páscoa bem como das suas expectativas para o 3º período. Depois faz-se uma retrospectiva das aulas anteriores que foram realizadas no 2º período para saber do que se recordam, falar daquilo que já aprenderam e relembrar os conteúdos já trabalhados.

A professora inicia então um novo conteúdo e faz uma breve explicação do que é uma parábola. Explica sucintamente aos alunos que a parábola é uma pequena narrativa que usa imagens para transmitir uma lição, que as parábolas são histórias que pretendem transmitir ensinamentos de vida e possuem um simbolismo, onde cada elemento da história tem um significado específico. Também que são histórias que focalizam exemplos para serem imitados.

Depois motiva os alunos para a visualização do vídeo: “A parábola de Lázaro e do homem rico” disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cHf7MFNxAd8> e procede à distribuição e à explicação da ficha de trabalho nº 4 - “A Parábola de Lázaro e do homem rico” (cf. Anexos, doc.5). Sucede-se assim a sua realização por parte de cada aluno, os alunos do 1º ano realizam a mesma ficha adaptada.

A professora vai acompanhando a realização da ficha, apoiando os alunos nas respostas e quando todos tiverem terminado faz a correção geral e os alunos corrigem e alteram as suas respostas, caso estejam incorretas.

Para terminar, a professora incentiva para um áudio colocando a música: “Dar mais”, para que todos os alunos possam ouvir e cantar.

Antes de acabar a aula a professora faz uma proposta a todos os alunos, propõe-lhes que realizem uma boa ação, uma atitude solidária para com os outros, para com aqueles que mais precisam durante esta semana, refere um amigo, um colega, os pais, os avós ou familiares.

A aula termina com a arrumação do material e com a despedida da professora aos alunos até à próxima semana, desta vez com a distribuição de uma pagela relativa ao São Lázaro (uma festa realizada no penúltimo domingo antes da Páscoa na Capela da cidade de Bragança).



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 5

Ano: 3ºano | Turma: Se

Data: 17/04/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|--|--|--|---|--|------------------------------|---|
| Acolhimento e Sumário | | | - Acolhimento - Entrega dos cartões de identificação | - Cartões de identificação | 5min | |
| SUMÁRIO: "A Parábola do Lázaro e do homem rico" | | | | | | |
| M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano | 2. Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade | - O que é a injustiça. O pobre Lázaro e o rico: Lc16,19-25 | - Retrospectiva da aula anterior - Breve explicação do que é uma parábola - Visualização do vídeo: "A parábola de Lázaro e do homem rico" | - Bíblia Sagrada - Caixa coração - Computador - Projetor - PowerPoint - Quadro - Vídeo: "A parábola de Lázaro e do homem rico" | 5min 5min 8min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula - Cumprimento das regras da sala de aula - Respeito pelos outros - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo |
| N. Promover o bem comum e o cuidado do outro | | | - Explicação e realização das fichas de trabalho nº 4 e nº 4 a) - Correção das fichas de trabalho | - Fichas de trabalho nº 4 e nº 4 a) | 25min | - Observação direta |

| | | | | | | |
|--|--|--|---|--|-------------------|--|
| | | | - Audição e cantar a música: "Dar mais" - Colaboração na arrumação do material e da sala | - Áudio da música: "Dar mais" - Letra da música: "Dar mais" | 10min 2min | |
|--|--|--|---|--|-------------------|--|

Observações:

- Os alunos do 1º ano realizaram a ficha de trabalho adaptada ao seu nível etário - Ficha de trabalho nº 4 a).

4.2.6. Aula nº 6 – A lenda da Rainha Santa Isabel

A meta a ser trabalhada é a N “Promover o bem comum e o cuidado do outro”, enquadrada no domínio ética e moral. O objetivo é o 2 “Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade”, o mesmo que da aula anterior. O conteúdo a ser trabalhado é o exemplo da Rainha Santa Isabel.

A professora começa por acolher os alunos e por entregar os seus cartões de identificação. Inicia a aula com uma retrospectiva da aula anterior, questionando os alunos sobre o que retiveram da aula anterior.

A professora chama a atenção dos alunos para o que vai acontecer na aula, fazendo a apresentação do convidado, Acácio Pradinhos, que é professor da escola e é o responsável pelo grupo de teatro Gruteg. Temos então um momento muito especial porque usufruímos da audição e da visualização da dramatização da história sobre uma Rainha Santa. No final da representação, para consolidar os conhecimentos, a professora fomenta e orienta o diálogo envolvendo todos os alunos, chamando a atenção para certos aspetos que podem ter passado despercebidos, acrescentando outros que pareçam pertinentes e respondendo a possíveis questões colocadas. Esclarecidas as dúvidas, procede-se a distribuição e explicação de uma ficha de trabalho, a nº 5 – “A Rainha Santa Isabel” (cf. Anexos, doc. 6).

Uma outra atividade mais prática será a proposta da construção das personagens principais da história (o Rei D. Dinis e/ou a Rainha Santa Isabel) com diversos tipos de materiais. A construção das personagens pareceu pertinente e importante para que as crianças não esqueçam a mensagem que se pretende transmitir nesta aula. Mas, como o tempo é limitado, a professora fará a distribuição no final do material a cada um para construírem em casa (saquinhos pré-elaborados com: 1 Rolo de papel higiénico, 1 Bola de esferovite, 2 retalhos de tecidos, 1 molde de coroa, 1 botão, 2 fitas e 2 olhos).

A planificação desta atividade, mesmo correndo o risco de não haver tempo para a sua completa realização, prende-se com o facto de a representação (por exemplo, dramatizar um texto ou uma história lida), a utilização de fantoches, bonecos ou marionetas, é um recurso particularmente interessante para trabalhar os sentimentos com alunos destas idades, uma vez que lhes permite representar o seu próprio mundo afetivo e o de outros, mantendo uma certa distância relativamente ao mesmo, o que favorece a reflexão.

A professora faz, então, um resumo final da UL e de tudo o que foi apresentado nas aulas, com recurso ao PowerPoint. Na parte final, questiona os alunos sobre quem

tem realizado e quem realizou mais ações solidárias durante este tempo. Depois de responderem, a professora faz a distribuição de um diploma “Sou solidário” (cf. Anexos, doc.7) a cada um dos alunos como forma de premiar as suas boas ações.

E ainda para terminar, a professora faz a entrega de uma lembrança, uma rosa natural, a cada um, como forma de homenagear todas as pessoas solidárias tal como o exemplo da aula de hoje. A indicação é de que, se quiserem, podem dar a rosa a uma pessoa que achem solidária. A aula acaba com a despedida de todos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ser solidário

Aula n.º 6

Ano: 3º | Turma: Se

Data: 24/04/2018

Tempo previsto: 60min

| Metas de aprendizagem | Objetivos a atingir | Conteúdos a desenvolver | Estratégias de Ensino | Recursos | Tempo | Avaliação formativa |
|---|--|------------------------------------|---|---|---|--|
| Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A lenda da Rainha Santa Isabel | | | - Acolhimento - Entrega dos cartões de identificação | - Cartões de identificação | 5min | |
| N. Promover o bem comum e o cuidado do outro | 2. Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade | - O exemplo da Rainha Santa Isabel | - Retrospectiva da aula anterior - Apresentação da história da Rainha Santa Isabel (Gruteg - Acácio Pradinhos) - Diálogo e conversação sobre a história de modo a que os alunos interiorizem a mensagem pretendida - Realização das Fichas de trabalho nº 5 e 5 a) – A Rainha Santa Isabel - Resumo da unidade letiva | - Livro: “São Rosas, Senhor!” - Fichas de trabalho nº 5 e 5 a) - Computador - Projetor - PowerPoint - Quadro | 5min 15min 3min 10min 10min | - Atenção, empenho e participação ordenada na aula. - Cumprimento das regras da sala de aula. - Respeito pelos outros. - Cumprimento das tarefas propostas com entusiasmo. - Observação direta |

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|-----------------------|
| | | | <ul style="list-style-type: none"> - Distribuição de um diploma “Sou solidário” - Distribuição de uma lembrança a cada aluno - Distribuição de material para a proposta de construção das personagens da história com materiais de desperdício (Rei D. Dinis e/ou Rainha Santa Isabel) - Colaboração na distribuição e arrumação do material e da sala | <ul style="list-style-type: none"> - Caderno - Diploma: “Sou solidário” - Rosas brancas naturais - Rolos de papel higiénico - Tecidos - Moldes de coroas - Botões - Fitas - Olhos - Bolas de esferovite - Lápis de cor - Cola - Tesouras - Caixa coração | <ul style="list-style-type: none"> 3min 3min 3min 3min | - Registos no caderno |
|--|--|--|--|--|--|-----------------------|

Observações:

- O Grupo de Teatro Emídio Garcia (Gruteg), sob a coordenação artística do professor Acácio Pradinhos, foi convidado para dramatizar/contar a história de forma mais dinâmica para uma melhor atenção e captação por parte dos alunos. Pretende-se criar uma relação com outras áreas disciplinares.
- Os alunos do 1º ano, caso não consigam realizar a ficha de trabalho, realizam a ficha adaptada ao seu nível etário, ficha de trabalho nº 5 a).
- Não está na planificação da aula a construção das personagens, devido ao tempo limitado, mas fica a proposta de construção das personagens pois cada aluno leva consigo um saquinho com material.

4.3. Avaliação da prática pedagógica

Depois de ter sido pensada, planificada, esquematizada e lecionada a UL “Ser solidário” chegou o momento de, através de um olhar retrospectivo, se analisar os pontos fortes e os pontos fracos de cada uma das aulas bem como do que poderia ter sido feito de forma diferente.

A leção desta UL teve início no dia 27 de fevereiro de 2018 e terminou no dia 24 de abril de 2018. Todas as aulas decorreram à terça-feira, entre as dezasseis horas e trinta minutos a as dezassete horas e trinta minutos na sala 16 do Centro Escolar da Sé. A UL foi planificada para seis tempos letivos e decorreu no segundo e terceiro período escolar do ano letivo 2017/2018. As aulas foram observadas pelo professor cooperante e pelos três colegas estagiários.

A planificação foi basilar para a eficácia do processo ensino-aprendizagem, visto que determinou não só o tempo, metas e estratégias como conteúdos e recursos que foram utilizados para proporcionar uma boa aprendizagem. O início de todas as aulas decorreu sempre da mesma forma, um acolhimento dos alunos.

Procurei em todos os momentos criar uma relação empática com os alunos, desenvolver uma atmosfera de serenidade e tranquilidade e também formar um clima de diálogo e interação para os motivar.

A primeira aula decorreu de acordo com a planificação elaborada, não sendo cumprida a última estratégia, a de jogar o jogo. A aula iniciou-se com os cartões de apresentação, os quais elaboraram com muito entusiasmo.



Ilustração 1 - Cartões de Identificação

Seguindo-se a apresentação da unidade letiva, os alunos interiorizaram bem a mensagem e estiveram atentos, embora alguns comentassem que já conheciam os vídeos apresentados, pois, no diálogo posterior, a participação foi bastante produtiva e a construção do cartaz A3 decorreu com motivação e entusiasmo.

Ao longo da aula foi evidente a curiosidade e a partilha que os alunos demonstraram em todo o processo em que estiveram envolvidos.

Não sendo possível a prática do jogo, por limitação de tempo, esta passou a constar na planificação da aula seguinte.

O constrangimento encontrado, foi mesmo, na parte final necessitar de tempo para recolher e arrumar os materiais. Esta falta de tempo não pode ser, no entanto, atribuída apenas à quantidade de atividades planificadas, mas também ao facto de esta turma ser constituída por dois grupos etários muito diferentes, uma vez que o grupo de primeiro ano necessita de mais tempo para a realização das tarefas e de explicações mais detalhadas.

Senti alguma dificuldade em acompanhar de igual modo todos os alunos na construção do jogo “Quantos-queres solidário” pois registaram-se níveis diferentes de ação. Este facto pode ser considerado um aspeto negativo da aula mas, se tivermos em conta que os alunos com mais conhecimentos tentavam explicar e ajudar os colegas, posso mesmo dizer que, ao mesmo tempo, foi, também, um dos aspectos mais positivos.



Ilustração 2 – Jogo "Quantos-queres solidário"

A segunda aula decorreu conforme o plano, exceto na audição da música final. Um aspeto a referenciar foi não ter todos os alunos na sala devido a algumas faltas.

O aspeto menos positivo foi o controlo da agitação dos alunos quanto ao jogo. O entusiasmo era tanto que todos queriam jogar mais tempo. Embora contrariados, cooperaram nas atividades seguintes com interesse realizando a ficha de trabalho nº 1 – “A mão de Deus”.

Depois de descobrirem a imagem foi mais fácil perceberem o texto (Gn1, 27-31) que foi distribuído a cada um em forma de rolinhos de papel.



Ilustração 3 - Texto Gn1,27-31 em rolinho de papel

Na terceira aula o plano de aula foi cumprido, não estando de acordo o tempo destinado para a realização da ficha de trabalho nº 2 e para a realização da lembrança do dia do pai.

A aula decorreu apenas com sete alunos e sendo uma aula mais individualizada, os alunos necessitavam de mais tempo para concluir as atividades. A participação dos alunos foi notável, pois ordeiramente realizaram a seleção e a colocação dos cartões na respetiva cartolina.

Ao realizar a ficha de trabalho nº 2 – “O meu coração” os alunos começaram logo a elaborá-la com os aspetos de felicidade e de tristeza, mas devido à falta de tempo apenas pintaram o coração da imagem.

Também na realização da lembrança para o dia do pai, de salientar que não foi possível a sua conclusão total.



Ilustração 5 - Cartões Valores

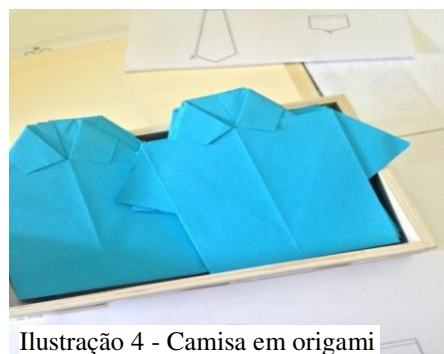


Ilustração 4 - Camisa em origami

A quarta aula decorreu de acordo com a planificação. Os alunos estiveram muito animados na construção da história a partir da imagem projetada. Realizou-se um interessante diálogo entre todos e no final surgiu uma bonita história original construída pela turma. Os alunos deram asas à sua imaginação e criatividade na realização da BD, quer quanto aos desenhos, quer quanto aos resumos das várias partes da história. Apareceram também vários títulos adequados e, para não desmotivar nenhuma das crianças, impondo apenas um deles, optou-se pela colocação ao gosto de cada um.

Esta atividade demorou algum tempo, não sendo possível a alguns alunos a pintura completa da BD. A ficha de trabalho nº 3 - “A injustiça causa pobreza e exclusão” que a professora distribuiu a seguir, foi realizada num ápice, o que demonstra o entusiasmo e o interesse por parte dos alunos quanto à atividade.

Como a aula correspondeu à última do 2º período os alunos ainda registaram animadamente a sua avaliação numa pequena ficha.

A quinta aula decorreu conforme o plano de aula, exceto a audição da música final que não foi efetuada. O aspeto negativo foi a gestão do tempo, pois os alunos demoram mais tempo que o planeado para a realização das atividades. Mais uma vez se salienta que a existência de alunos de dois níveis etários na mesma turma dificulta bastante a gestão do tempo durante as várias atividades.

Na visualização do vídeo “A parábola de Lázaro e do homem rico” os alunos revelaram alguma agitação embora interiorizassem a mensagem pretendida. Na realização da ficha de trabalho, cada aluno executou a sua tarefa ao seu próprio ritmo, pois trata-se de uma turma muito heterogênea, em que os alunos apresentam diferentes ritmos de trabalho, de aprendizagem e de motivação.

De salientar que os alunos do 1º ano realizam a ficha adaptada ao seu nível embora não a completando na sua totalidade. No final os alunos ficaram contentes ao receber algo, neste caso a pagela do São Lázaro.

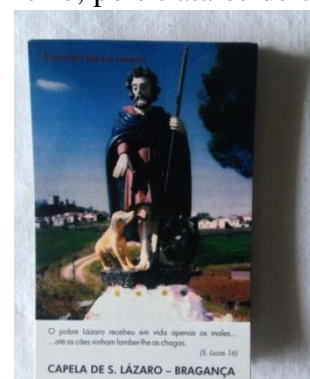


Ilustração 6 - Pagela S. Lázaro

Na sexta aula a planificação foi cumprida, embora na parte final o tempo escasseasse. Para a última aula da unidade letiva a professora recorreu a uma apresentação diferente acerca da história a trabalhar. O convidado e também professor Acácio Pradinhos cativou a atenção dos alunos ao contar a lenda da Rainha Santa Isabel. Os alunos consolidaram facilmente toda a informação, tanto na participação ativa no diálogo, pois aderiram positiva e efusivamente, como na realização da ficha de trabalho nº 5 – “A Rainha Santa Isabel” que fizeram automaticamente.

É de salientar que, aos alunos do 1º ano, a professora fez um acompanhamento mais personalizado, lendo as questões às quais os alunos respondiam acertadamente. Para terminar, foi feito um resumo final de toda a unidade letiva, com tudo o que foi apresentado durante as aulas, no qual os alunos colaboraram positiva e corretamente. Ainda com grande alegria, os alunos receberam um diploma para premiar as suas ações, onde colocaram o seu nome em grande alarido. A rosa branca foi uma homenagem ao exemplo trabalhado na aula, a Rainha Santa Isabel, e que cada aluno, com sorrisos de alegria, levou conforme iam saindo da sala. Mais uma vez, a gestão do tempo foi um dos pontos menos positivos.



Ilustração 7 - Rosas

5. Em síntese

Durante a PES procuramos enquadrar a educação, e mais especificamente, a disciplina de EMRC numa educação integral dos alunos. Percorremos ao de leve as finalidades, domínios e metas da disciplina, tal como o perfil do professor. Também procuramos descrever o agrupamento de escolas e o meio envolvente no qual trabalhamos durante este período de estágio. Conhecer as crianças, com idades compreendidas entre os seis e os nove anos de idade, com as quais vamos trabalhar, foi fundamental dado que estes conhecimentos nos permitiram planificar e criar recursos para lecionar de acordo com a sua faixa etária, favorecendo as suas aprendizagens e os seus conhecimentos.

A planificação de todas as aulas foi concebida e descrita, de acordo com o programa da disciplina e utilizando o manual do aluno “O amor – 3º ano do ensino básico”. A construção de alguns recursos didáticos revelou-se imprescindível para uma melhor concretização das aulas. A execução da planificação decorreu em seis tempos letivos, revelando-se indispensável e útil para a consecução dos objetivos propostos.

Na planificação das aulas tentamos sempre ter em atenção o equilíbrio entre os momentos de reflexão associados a atividades individuais e os momentos de trabalho em grupo. O facto de, nesta turma, os grupos serem formados por alunos que se encontram em diferentes momentos de aprendizagem, favoreceu a troca efetiva de saberes e informações o que pode ser considerado um ponto positivo (pese embora o facto de este mesmo aspeto ser um aspeto negativo quando se trata de gerir o tempo programado para cada uma das atividades, como já foi referido).

Tentar, também, estar sempre atenta às informações inadequadas que os alunos possam ter a respeito das várias temáticas trabalhadas é importantíssimo.

A avaliação de prática pedagógica torna-se inevitável depois deste trabalho. Esta, como qualquer outro tipo de avaliação (dos alunos, dos professores, de um projeto, interna ou externa), deve ser um processo contínuo e sistemático. Deverá servir de ponto de partida para futuras intervenções pedagógicas, permitindo que nos apoiemos nos pontos fortes para progredir nos pontos fracos, e assumindo-a, também, como fator de motivação e não de desencorajamento. Far-se-á atendendo a todas as fases do projeto, desde a planificação das aulas, passando pela escolha das atividades, elaboração dos materiais, escolha dos recursos e das metodologias a aplicar ao longo das diferentes aulas.

CONCLUSÃO

Vivemos um momento social em que as pessoas têm imensas solicitações. A vida está de tal modo preenchida que são poucos os momentos que cada um tem para se encontrar consigo próprio. Após um dia agitado de trabalho, o adulto regressa a casa e não tem já vontade senão para dar uma rápida olhadela para a televisão e deitar-se. Os filhos mal vêem os pais. A vida destes não é muito diversa da dos pais. Passam o dia na escola, numa sala de aula, com imensas disciplinas, imensas matérias a estudar, testes, exames, trabalhos, fichas.

Vivemos, também, em sociedade de privilégio nas quais as desigualdades têm vindo sempre a aumentar. Se escolhermos rumar no sentido do “bem comum”, é necessário fazermos um esforço, mantendo a capacidade de indignação perante a injustiça e a desigualdade, enfrentando as situações difíceis, estando disponíveis para pensar e agir, para arriscar e aprender e para nos darmos aos outros. Não se trata de uma tarefa fácil mas, mudar o mundo, torná-lo mais humano só é possível se cada vez houver mais pessoas e instituições com um forte espírito cooperativo e de solidariedade, abarcando os próximos, mas ao mesmo tempo muitos dos que estão “longe”.

Conceitos como a solidariedade, a fraternidade, a hospitalidade e caridade vivem-se, aprendem-se e também se ensinam. Vivem-se no dia-a-dia, na experiência quotidiana, no diálogo com os outros. Aprendemo-los na vivência diária, no espaço escola, seguindo os exemplos de uns, recusando as propostas de outros e através das nossas capacidades de ver, sentir, pensar, decidir, agir, compreender, optar, experimentar, mudar.

A escola é, ou deve ser, um lugar onde todos encontrem o seu espaço e o seu tempo de formação integral, onde as oportunidades de acesso e de sucesso ultrapassem o mero processo de intenções e se concretizem de forma bem real.

A escola dos nossos dias confronta-se com uma grande heterogeneidade social e cultural. Esta realidade implica uma outra concepção de organização escolar que ultrapasse a via da uniformidade e que reconheça a diferença considerando, assim, a diversidade como um aspeto enriquecedor da própria comunidade.

Para que possa ser uma realidade a escola para todos, torna-se necessário assegurar o acesso a todas as crianças e o sucesso de cada uma delas, independentemente das suas características (sociais, físicas, intelectuais, culturais, religiosas ou outras) e diferenças individuais.

A educação não consiste somente na transmissão de saberes e fazeres para que as crianças, adolescentes e jovens possam aceder e vingar, no seu futuro, em determinadas profissões. Este entendimento de educação ignora ou relega para segundo plano algo que é

imperioso na sociedade actual, a necessidade de se dar também resposta à busca incessante do sentido da vida, das questões mais profundas do ser humano e a abertura à transcendência, para que as crianças e jovens possam alcançar os seus sonhos e receber os verdadeiros valores que necessitam para fundamentar e dar sentido às suas vidas. A EMRC oferece esta educação integral, que perspectiva a vida assente em valores, e no nosso caso nos valores cristãos.²⁹⁰

As crianças, até aos dez anos, normalmente são incapazes de compreender um ensinamento religioso muito complicado, mas no entanto, podem perfeitamente formar o seu carácter na prática do bem e do amor ao próximo. Podem ainda aprender a cultivar um espírito de solidariedade, de renúncia do eu e de aceitação do outro.

Criar um bom clima passa pelo reconhecimento, por parte da professora, do aluno enquanto pessoa, com um determinado património sócio-cultural, com os seus interesses, necessidades, saberes, experiências e dificuldades. Este reconhecimento leva, por sua vez, a professora a reconhecer também a heterogeneidade existente na turma, o que exige que não ensine todos os alunos como se fossem um só (um aluno médio) mas que crie condições para um ensino individualizado.

Não pode esquecer-se que, quando entra na escola, a criança traz consigo as suas representações sobre professores, os colegas, sobre ele próprio. Traz as suas expectativas e as suas necessidades. E do que traz consigo depende muito do que ele irá fazer. Mas também depende do que ele vai encontrar na sala de aula, da professora, do modo como esta organiza o espaço e o tempo, dos materiais que utiliza, das atividades que propõe, da sua disponibilidade, da sua atenção, da sua assertividade, das suas expectativas.

Tendo isto em consideração, tentei criar nas minhas aulas situações que permitissem partilhar o que cada um tem, partindo do que cada um sabe.

Refletir sobre as minhas experiências de sala de aula é uma forma de estar atenta ao modo como trabalho e como os meus alunos estão a progredir dentro do ambiente da aprendizagem que lhes foi proporcionada.

O meu primeiro objetivo, definitivamente, é que os alunos se sintam felizes na escola e na vida, consigam desenvolver as suas capacidades e competências, que eu me sinta realizada profissionalmente e que a minha escola passe a ser um fator determinante no processo da comunidade que serve e indutor de transformação social.

Nestas aulas, os alunos ampliaram as suas experiências e saberes através de um trabalho lúdico, apelativo e pluridisciplinar e, que, tendo a comunicação oral como fulcro à

²⁹⁰ D. José Cordeiro, “Nota pastoral a propósito da Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas” (2018). Acedido a 2 de maio de 2018. <http://www.diocesebm.pt/noticia/notapastoralemrc>.

volta do qual deveria girar todo o processo de aprendizagem, pretendia levar a criança a expressar-se com espontaneidade e a compreender o que lhe era comunicado.

Este trabalho resume algumas das atividades que realizei ao longo deste estágio. Fazendo um exame retrospectivo e crítico, a modos de balanço, julgo poder concluir, com justiça, que me dei com lucidez às tarefas educativas, que utilizei os métodos adequados e que obtive resultados compensadores. A experiência mostra, no entanto, que me deve ser possível, nos próximos anos, reforçar e qualificar as minhas iniciativas.

Pretende-se que este amor em movimento não pare, não estacione, mas que circule e progrida sempre em cada um de nós e nos outros com quem contactamos e vivemos. Que seja este um ponto de partida para a propagação de valores, novos ou já esquecidos, para a construção de seres humanos mais completos e uma sociedade mais íntegra.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora bíblica, Missionários Capuchinhos, 1988.

2. Documentos do Magistério da Igreja

Bento Pp. XVI. Carta Encíclica “Caritas in Veritatis” (29 de junho de 2009), in *AAS 101*, 8, (2009), 1-78. Acedido em 1 de maio de 2018. http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

Catecismo da Igreja Católica, A vida em Cristo Primeira secção “A vocação do Homem: A vida no Espírito”, 1877-1948. Acedido em 25 de abril de 2018. http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1cap2_1877-1948_po.html.

Catecismo da Igreja Católica, A vida em Cristo Segunda secção “Os Dez Mandamentos”, 2196-2557. Acedido em 13 de maio de 2018. http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html.

Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Capítulo IV “Os Princípios da Doutrina Social da Igreja”, 192-196. Acedido em 10 de maio de 2018. [http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#a\)%20Significado%20e%20valor](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#a)%20Significado%20e%20valor).

Congregação para o Clero. Diretório Geral da Catequese “A Catequese e o Ensino Religioso Escolar”, (1997). Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/100-santa-se/889-directorio-geral-da-catequese-a-catequese-e-o-ensino-religioso-escolar>.

Francisco Pp. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia “Misericordiae Vultus” (11 de abril de 2015), in *AAS 107*, 5, (2015). Acedido em 26 de novembro de 2017. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html.

Francisco, Pp. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta, “O risco da Misericórdia” (5 de junho de 2017), in *AAS 109*, (2017). Acedido em 26 de

novembro de 2017. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170605_o-risco-misericordia.html.

Francisco Pp. Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz 1 de janeiro de 2014. “Fraternidade, fundamento e caminho para a paz” (8 de dezembro de 2013), in *AAS 105*, (2013). Acedido em 25 de abril de 2018. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-ylvii-giornata-mondiale-pace-2014.html.

Francisco Pp. Mensagem de sua Santidade Papa Francisco para a Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação 1 de setembro de 2016. “Usemos de misericórdia para com a nossa casa comum” (1 de setembro de 2016), in *AAS 108*, (2016). Acedido em 25 de julho de 2018. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html.

João Paulo Pp. II, Carta Encíclica “Centesimus Annus” (1 de maio de 1991), in *AAS 83*, (1991). Acedido em 25 de abril de 2018. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html.

João Paulo Pp. II, Mensagem da sua Santidade para a Celebração do XX Dia Mundial da Paz 1 de janeiro de 1987, “Desenvolvimento e solidariedade duas chaves para a paz” (8 de dezembro de 1986), in *AAS 78*, (1986). Acedido em 26 de abril de 2018. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19861208_xx-world-day-for-peace.html.

João Paulo Pp. II. Carta Encíclica “Dives in Misericórdia” (30 de novembro de 1980), in *AAS 72*, (1980), nº 1-14. Acedido em 19 de novembro de 2017. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html.

Paulo Pp. VI. Carta Encíclica “Populorum Progressio” (26 de março de 1967), in *AAS 59*, (1967), nº 43-55. Acedido em 1 de maio de 2018. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html.

Paulo Pp. VI, Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo actual (7 de dezembro de 1965), in *AAS 58*, (1966). Acedido a 25 de abril de 2018.

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

Pio Pp. XI, Carta Encíclica “Quadragesimo Anno” (15 de maio de 1931), in AAS 23, (1931). Acedido em 25 de abril de 2018. https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html.

3. Conferência Episcopal Portuguesa

Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral “A escola em Portugal Educação Integral da Pessoa Humana”, 2008. Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/>.

Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica Um valioso contributo para a formação da personalidade”, in *Pastoral Catequética*, nº 5. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006, 7-16.

Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral Sobre a Educação: “Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos”, Lisboa: Secretariado Nacional da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002. Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/101-conferencia-episcopal-portuguesa/893-carta-pastoral-sobre-a-educacao-direito-e-dever---missao-nobre-ao-servico-de-todos>.

Conferência Episcopal Portuguesa, “Nota sobre a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no 1º Ciclo do Ensino Básico”, 2001. Acedido em 15 de abril de 2018. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sobre-a-leccionacao-da-disciplina-de-educacao-moral-religiosa-catolica-no-1-ciclo-do-ensino-basico/?highlight=emrc%201%20ciclo>.

4. Legislação

Decreto-Lei nº 70/2013 de 23 de maio, Diário da República, 1.ª série, n.º 99. Acedido em 14 de abril de 2018. https://www.dgae.mec.pt/?wpfb_dl=1002.

Lei 46/86 de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo. Acedido em 14 de abril de 2018. https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/201804141645/70486656/diploma/indice?p_p_state=maximized.

Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro, Matriz curricular 1º ciclo. Acedido em 15 de abril de 2018. <http://www.dge.mec.pt/matriz-curricular-do-1o-ciclo>.

Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, Diário da República, I série-A n.º 269, 2004, 6741-6750. Acedido em 8 de abril de 2018. <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2004/11/269A00/67416750.pdf>.

5. Bibliografia Geral

Alberto, Pe. Sezinando (Org.). *Sinais de Misericórdia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.

Amado, Ruy. *Dicionário do pensamento*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1981.

Boff, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: Direito e dever de todos*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Boff, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível. Convivência, respeito e tolerância*. Vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Boff, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível. Comer e beber juntos e viver em paz*. Vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Cantalamessa, Raniero. *O rosto da Misericórdia*. Lisboa: Paulus Editora, 2016.

Carvalho, Cristina Sá, (Coord.). *O amor. Manual do aluno - EMRC - 3º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Carvalho, Cristina Sá, (Coord.). *Conta comigo! Manual do aluno - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Carvalho, Cristina Sá, (Coord.). *Ética e Economia. Manual do aluno - EMRC – Ensino secundário*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.

Chauchard, Paul. *O acolhimento*. Lisboa: Edições Paulistas, Coleção Psicológica - 4, 1973.

Correia, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

Couto, António Sílvio. *Caminhos de Misericórdia na Eucaristia e pela penitência*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.

Docat. Como agir? Doutrina Social da Igreja. Lisboa: Paulus Editora, 2016.

Dufourmantelle, Anne e Derrida, Jaques. *Da hospitalidade*. Viseu: Palimage Editores, 2003.

Francisco, Pp. *Misericordia et Misera*. Na conclusão do jubileu extraordinário da misericórdia. Carta Apostólica do Papa Francisco. Lisboa: Paulus Editora, 2016.

Gutiérrez, Gustavo e Muller, Gerhard Ludwig. *Ao lado dos pobres. A teologia da libertação é uma teologia da Igreja*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Innerarity, Daniel. *Ética de la hospitalidad*. Barcelona: Península, 2001.

Marcos, Maria Lucília, Cantinho, Maria João e Barcelos, Paulo, (Orgs.). *Emmanuel Levinas Entre reconhecimento e hospitalidade*. Lisboa: Edições 70, 2011.

Navarro, José Real. *Imagens e actividades com as parábolas de Jesus. Para descobrir a beleza das parábolas*. Porto: Edições Salesianas.

Nunes, D. Tomaz Pedro Barbosa Silva e Ambrósio, Juan Francisco Garcia. (Coord.). *O contributo do Ensino Religioso para a tarefa educativa escolar na Europa, no limiar do 3º milénio, VII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, Coleção Ensino Religioso Escolar, nº 2, 1998.

Pereira, Jorge Augusto Paulo, (Coord.). *O grão de trigo. Manual do professor - EMRC - 3º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011.

Pereira, Jorge Augusto Paulo (Cood.). *Caminhos de encontro. Manual do professor - EMRC - 5º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*. Moscavide: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007.

Tettamanzi, Dionigi. *Não há futuro sem solidariedade. A crise económica e a ajuda da Igreja*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009.

Torralba, Francesc. *Sobre la hospitalidad Extraños y vulnerables como tú*. Madrid: PPC Editorial y Distribuidora SA, 2003.

Varanda, Isabel. *Na noite mora a promessa. Uma espiritualidade para a vida comum*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica. Lisboa: Paulus Editora, 2011.

6. Revistas

Bernardo, Fernanda. “Para além do cosmopolitismo Kantiano: Hospitalidade e “Altermundialização” ou a promessa da “Nova inter-nacional” democracia de Jacques Derrida” in *Revista Portuguesa de Filosofia, Herança de Kant, II-Efeitos e Transformações*, Vol. 61, Braga, 2005, 951-1005.

González, Luís Aragón. “La hospitalidade en la obra de Derrida” in *Paideia 76*, Revista de Filosofia e Didáctica Filosófica, 2ª Época, Ano XXVII, Madrid, maio - agosto, 2006, 246-260.

Macedo, Maria Suzana Figueiredo Assis. “Elementos básicos para uma teologia da hospitalidade” in *Grande sinal: Revista de Espiritualidade*, Petrópolis, Instituto Teológico Franciscano, Faculdade de Teologia Petrópolis, RJ, Vol. 69, nº 1, janeiro - fevereiro, 2015, 11-21.

Martin, Miguel González. “De la hostilidad a la hospitalidad” in *Cuadernos CJ, Cristianisme e Justicia*, nº 196, novembro 2015, 3-34.

Meneses, Ramiro Délio Borges de. “A hospitalidade como “vivência da amizade” segundo Derrida” in *Cauriensia*, Revista anual de Ciências eclesiais, Instituto Teológico “San Pedro de Alcântara”, Universidade de Extremadura, Vol. VIII, 2013, 445-458.

Nunes, D. Tomaz Silva. “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica” in *Pastoral Catequética*, nº 5, Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006, 75-80.

O’Donnell, Brian. “Globalização do carisma da hospitalidade” in *Hospitalidade*, A Revista da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, Ano 77, nº 302, outubro - dezembro, 2013, 17-21.

Santos, D. António Francisco dos. “As metas curriculares de EMRC no contexto da Educação Cristã” in *Pastoral Catequética*, Sob o acolhimento da nova evangelização. Revista de Catequese e Educação, nº 28/29. Moscavide: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014, 169- 175.

Vilaça, Isabel e Carmona, Vítor “Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e religiosa católica” in *Pastoral Catequética*, nº 5, Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2006, 89-96.

7. Sitigrafia

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. “História”. Acedido em 9 de abril de 2018.
<http://www.aemidiogarcia.pt/>.

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. “Regulamento Interno”. Acedido em 20 de março de 2018.
http://www.aemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Regulamento_Interno_Aditado_21_02_2018.pdf.

Agrupamento de Escolas Emídio Garcia. “Projeto Educativo”. Acedido em 20 de março de 2018.
http://www.aemidiogarcia.pt/images/DocsOrientadores/Projeto_Educativo__Aditado_21_02_2018.pdf.

Bastos, Sênia Regina, Rameh, Ladjane Milfont e Bitelli, Fábio Molinari. “O conceito de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de periódicos da capes” in *Anais do Seminário da Anptur*, 2016. Acedido em 22 de dezembro de 2017. <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/612.pdf>.

Batista, Isabel. “A escola como lugar de hospitalidade”, in *Revista A Página da educação*, nº 112, 2002. Acedido em 27 de dezembro de 2017. <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=112&doc=8803&mid=2>.

Bento Pp. XVI. “Somos todos filhos de Deus”. 2008. Acedido em 1 de maio de 2018. <http://www.agencia.ecclesia.pt/portal/somos-todos-filhos-de-deus/>.

Câmara Municipal de Bragança. “Centros Escolares”. Acedido em 9 de abril de 2018. <http://www.cm-braganca.pt/pages/253>.

Cordeiro, D. José. “Nota Pastoral a propósito da Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas”, 2018. Acedido em 2 de maio de 2018. <http://www.diocesebm.pt/noticia/notapastoralemrc>.

Cordeiro, D. José. “Nota Pastoral de EMRC”, 2012. Acedido em 8 de abril de 2018. http://www.diocesebm.pt/sites/default/files/documentos/2012_04_15_notapastoral_emrc.pdf

Cordeiro, D. José. “Das Obras de Misericórdia à Misericórdia das Obras”, 2015. Acedido em 19 de novembro de 2017. <http://diocesebm.pt/sextafeirasanta>.

Costa, António. “A fraternidade”. PhD diss., Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2012. Acedido em 1 de maio de 2018. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13594/1/A%20Fraternidade.pdf>.

Diário da República Eletrónico. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Acedido em 1 de maio de 2018. <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

Duque, João Manuel. “Fragmentos para uma filosofia da hospitalidade”, in Santos, M.M.C. Baptista I. (Orgs.), 2014, *Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do

Sul, RS: Educus, 149-160. Acedido em 18 de janeiro de 2018. http://www.academia.edu/10362686/Filosofia_da_Hospitalidade.

Ecclesia. “Ecologia: Papa propõe 15ª obra de misericórdia, cuidar da natureza”. Agência Ecclesia 2016. Acedido em 25 de julho de 2018. <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/ecologia-papa-propoe-15-obra-de-misericordia-cuidar-da-natureza/>.

Educris. “Ser professor de EMRC”. SNEC. Acedido em 8 de abril de 2018. <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>.

Farias, Rosângela Alves. “Conceitos da hospitalidade”, São Paulo, 2015. Acedido em 4 de abril de 2018. <https://pt.slideshare.net/admfarias1/apresentacao-conceitos-hospitalidade>.

Infopédia, Dicionários Porto Editora. “Hospitalidade” Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acedido em 4 de abril de 2018. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hospitalidade>.

Lang, Charles. “A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade”, in *Revista Electrónica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*, Vol. 3, 2004. Acedido em 4 de abril de 2018. <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/view/2156/2064>.

Morujão, Geraldo. “Justifica-se o Ensino religioso nas Escolas do Estado?” in *Revista Millenium*, nº 6, 1977. Acedido em 8 de abril de 2018. <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/710/1/Justifica-se%20o%20Ensino%20religioso.pdf>.

Pereira, Gustavo Oliveira de Lima. “Da tolerância à hospitalidade na democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jaques Derrida” in *Sapere Aude Belo Horizonte*, Vol. 4, nº 7, 2013, 308-328. Acedido em 15 de fevereiro de 2018. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5505/5494>.

Poiares, Carlos. “Liberdade, Igualdade e Fraternidade: Ontem e Hoje” in *Revista Lusófona de Ciência Política e Relações Internacionais*, 1, 2005, 155-164. Acedido em 28 de abril de 2018. http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/369/1/artigos_3.pdf.

Sebajos, Aline e Martins, Francis N.G. “Dom da hospitalidade”. PhD diss., Faculdade Batista Pioneira IJUI, 2012. Acedida em 28 de maio de 2018. http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/hospitalidade_-_aline_e_francis.pdf.

Zagalo, Gonçalo. “Hospitalidade e Soberania – Uma leitura de Jacques Derrida” in *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 15, nº 30, 2006, 307-323. Acedido em 22 de dezembro de 2017. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34125/1/RFC30_artigo3.pdf?ln=pt-pt.

The Chicago Manual of Style Online. “Chicago-Style Citation Quick Guide”. Acedido em 5 de maio de 2018. http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html.

ANEXOS

Educação Moral e Religiosa Católica



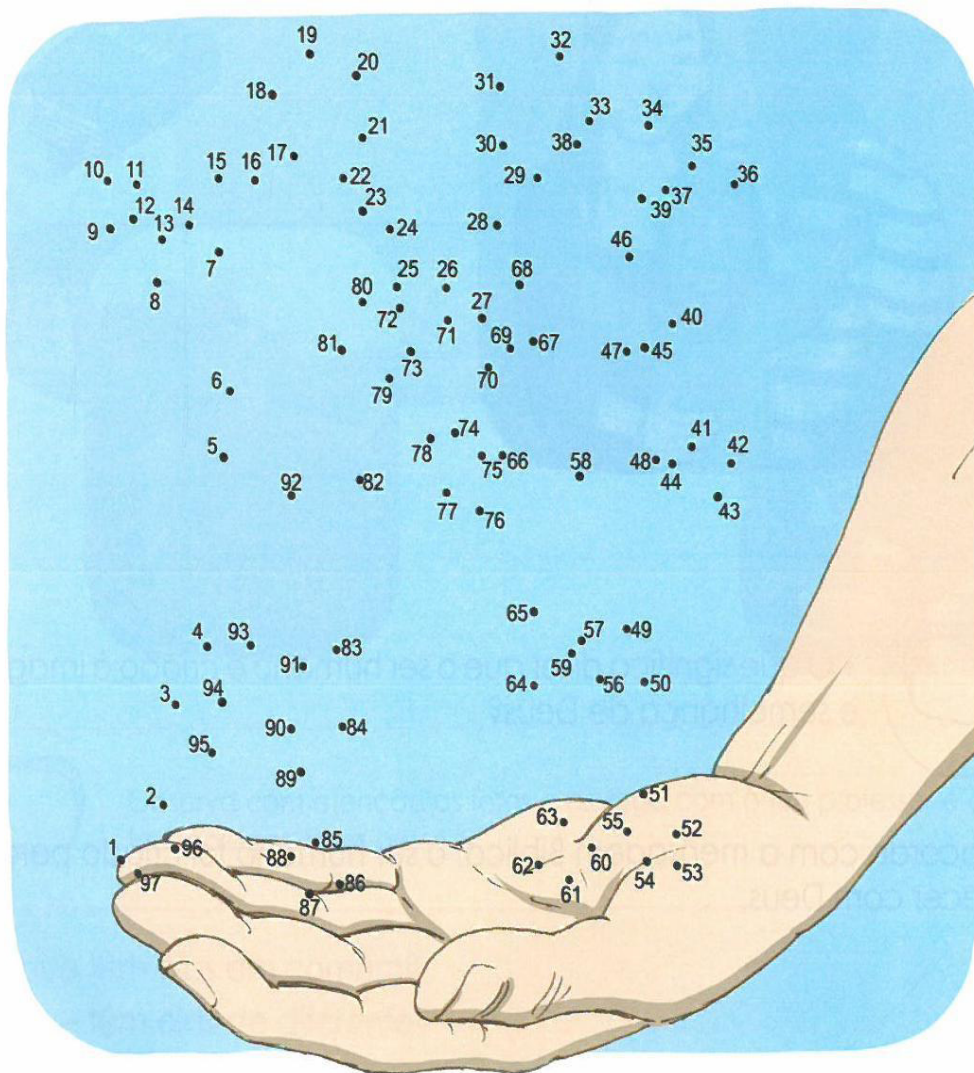


Educação Moral e Religiosa Católica

Nome: _____ Data: _____

Ficha de Trabalho nº 1

A mão de Deus



O ser humano é a única criatura, sobre a Terra, que Deus criou à sua imagem e semelhança.

A dignidade das pessoas vem-lhes de terem sido criadas para se parecerem com Deus.

Bom Trabalho!



Educação Moral e Religiosa Católica

Nome: _____ Data: _____

Ficha de Trabalho nº 2

O meu coração

1. Escreve em cada espaço que está à volta da imagem, problemas ou situações que fazem estar tristes as pessoas. Depois escreve dentro do coração, palavras ou situações que te fazem feliz e atitudes que deverias ter para que todos à tua volta estejam contentes. Quando tiveres escrito tudo, pinta o desenho.



Bom trabalho!



Educação Moral e Religiosa Católica

Nome: _____ Data: _____

Ficha de Trabalho nº 3

“A injustiça causa pobreza e exclusão”

1. Existem atitudes que nos afastam dos outros. Encontra na sopa de letras as palavras da lista ao lado.

AGRESSIVIDADE

EGOÍSMO

INTOLERÂNCIA

ORGULHO

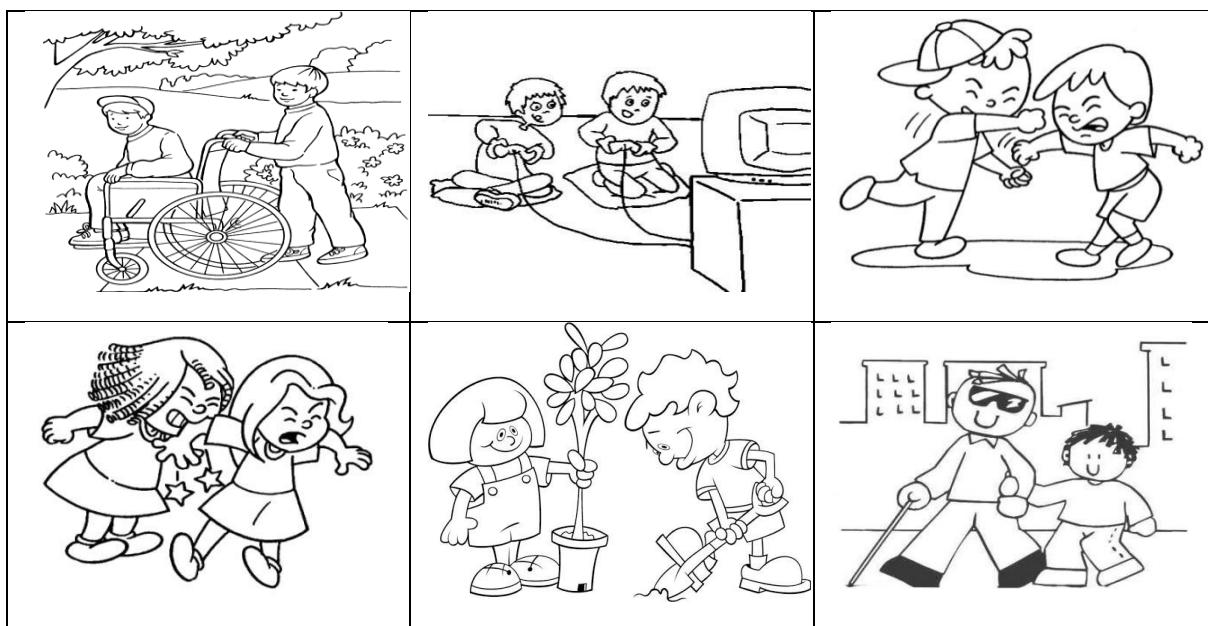
PREGUIÇA

INVEJA

INJUSTIÇA



2. Rodeia as imagens que não causam injustiça nem exclusão.



Bom trabalho!



Educação Moral e Religiosa Católica

Nome: _____ Data: _____

Ficha de Trabalho nº 4

A Parábola de Lázaro e do homem rico

1. Como se chama o homem que estava no portão do homem rico? _____

2. Assinala as palavras que se adequam ao rico (R) e as que dizem respeito ao Lázaro (L)

Insensível Sofredor Egoísta Triste
 Injusto Antipático Vaidoso Doente

3. Na Bíblia o nome Lázaro significa "Deus ajuda". Consegues adivinhar porque é que o Lázaro tem o nome e o rico não? Escolhe a frase correta.

- a) Porque Jesus se esqueceu.
- b) Porque ter nome é ser próximo ou íntimo.
- c) Porque ser rico é muito importante.

4. O homem rico é também chamado de avaro. O que significa a palavra "avaro". Escolhe a frase correta.

- a) Alguém que dá tudo o que possui aos mais necessitados.
- b) Alguém que vive feliz.
- c) Alguém que vive tão apegado aos bens materiais que não os partilha com ninguém.

5. O rico e o Lázaro morreram. Que aconteceu depois?

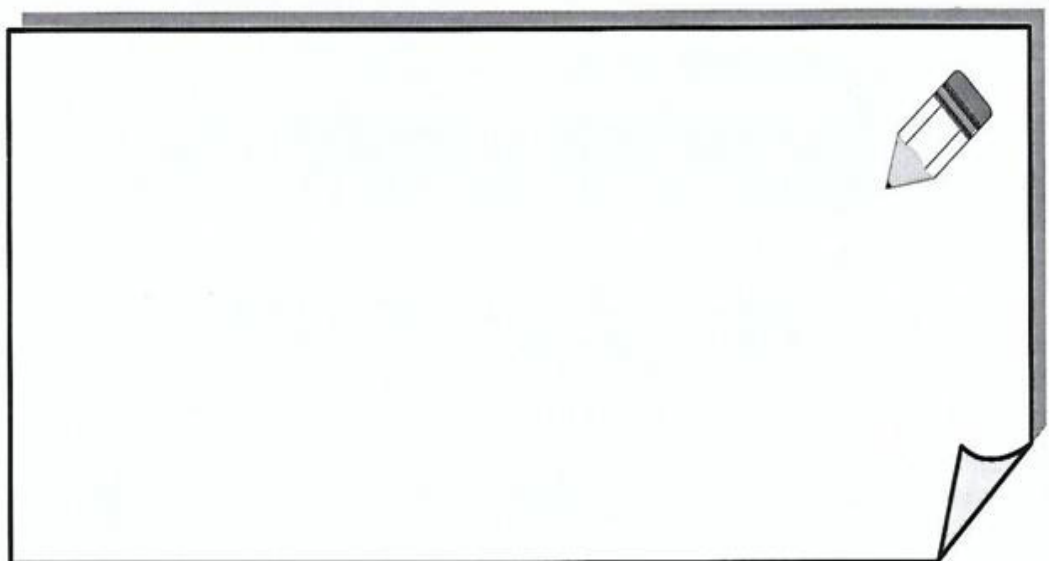
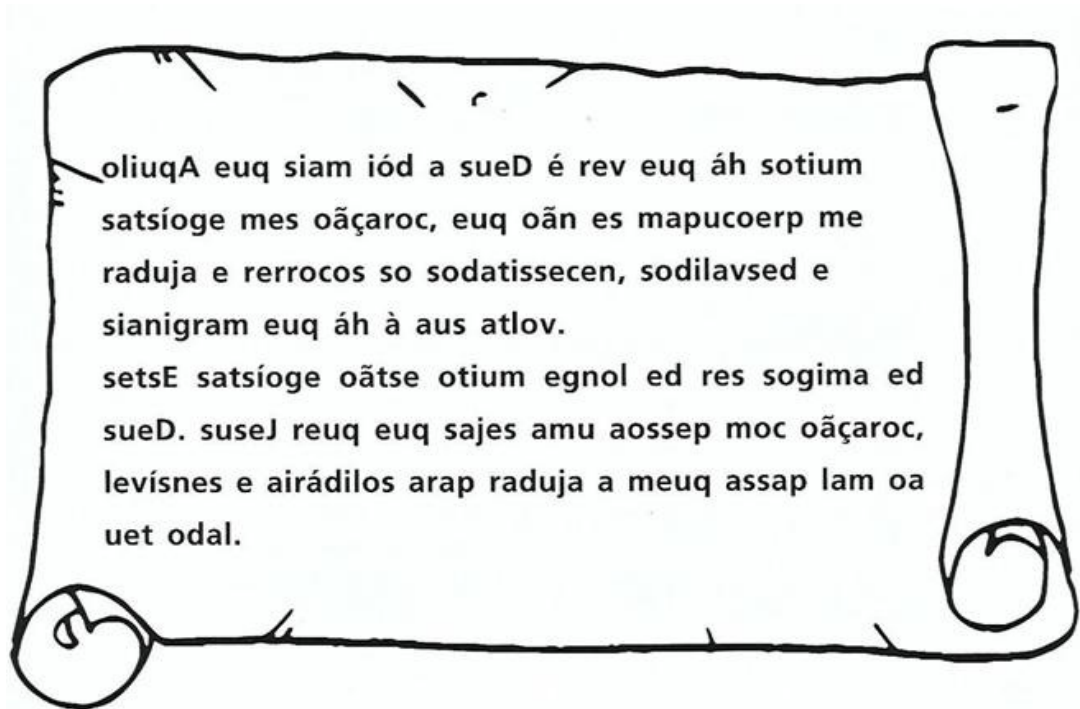
_____.

6. Ordena as palavras e encontra a frase escondida.

outros. Devemos e atentos os preocupados estar com



7. Alguém se lembrou de colocar este texto com as palavras às avessas. E o texto está a sofrer porque ninguém o compreende. Ajuda-o e escreve corretamente as palavras que estão ao contrário. Então poderás ler a mensagem secreta que a parábola de Jesus te quer dizer. Escreve-a.





8. Repara nas palavras escritas abaixo. Há pessoas que, como o rico da parábola, passam a vida regaladas e a viver comodamente sem se preocuparem com ninguém. Olha para as pessoas que sofrem e procura, entre todas estas palavras, oito pessoas que estão a passar mal e necessitam de alguém como tu que se preocupe com elas. Tens nove minutos para as encontrar.

| | | | | | |
|------------------|------------------|---------------------|----------------------|----------------------|-------------------|
| Jogos de vídeo | Excursão | Desperdício | Desportos | | |
| Dinheiro | Ópera | Praia | Chalé | Marginal | Cartão de Crédito |
| Televisão | Ténis de Marca | Bingo | Compras | Música | |
| Bingo | Festa | Apartamento de Luxo | Iate | Teatro | Cinema |
| Luxo | Carro Desportivo | Viajar | Piscina | Desprezada | |
| Ginásio | Salão de Beleza | Férias | Casino | | |
| Banquete | Mansão | Hidromassagem | Jóias | Faminto | |
| Férias | PlayStation | Concerto | Restaurante | | |
| Excursão | Cruzeiro | Cheque | Música | Esbanjamento | Computador |
| Automóvel | Ginásio | Humilhado | Telemóvel | | |
| DVD | Compras | Roupa de Marca | Centro Comercial | Videojogos | |
| Cheque | Férias | Salão de Beleza | Banquete | Cruzeiro | |
| Compras | Avião Particular | Balneário | Sauna | Revistas Cor de Rosa | |
| Cruzeiro | Ténis de Marca | Ginásio | Caviar | Discoteca | |
| Cirurgia | Plástica | Concerto | Restaurante | Computador | |
| Mendigo | Excursão | Parque de Atracções | Turismo | | |
| Jóias | Maltratada | Chalé | Iate | Carro Desportivo | |
| PlayStation | Esbanjamento | Praia | Pobre | Praia | Dinheiro |
| Cheque | Férias | Salão de Beleza | Bingo | Banquete | |
| Televisão | Ténis de Marca | Bingo | Compras | Música | |
| Menino Sem Lar | Iate | Teatro | Cinema | Luxo | |
| Carro Desportivo | Sauna | Apartamento de Luxo | Revistas Cor de Rosa | | |
| Avião Particular | Balneário | Restaurante | Cruzeiro | Cheque | |
| Música | Esbanjamento | Computador | Automóvel | DVD | Centro Comercial |



Educação Moral e Religiosa Católica

Nome: _____ Data: _____

Ficha de Trabalho nº 5

A Rainha Santa Isabel

Assinala a resposta correta.

1. Como se chama a Rainha da história:
 - a) Joana
 - b) Isabel
 - c) Leonor
2. Como se chama o Rei, marido da Rainha:
 - a) D. Dinis
 - b) D. João
 - c) D. Pedro
3. Quais as características da Rainha Isabel:
 - a) Despreocupada
 - b) Bondosa e amiga
 - c) Injusta e egoísta
4. Quais as características do Rei D. Dinis:
 - a) Injusto
 - b) Feliz
 - c) Desconfiado
5. O que fazia a Rainha às escondidas:
 - a) Brincava
 - b) Ajudava os pobres
 - c) Estudava
6. O que levava a Rainha Isabel aos pobres:
 - a) Pão
 - b) Roupas
 - c) Brinquedos
7. O que caiu do vestido da Rainha Isabel:
 - a) Fruta
 - b) Livros
 - c) Rosas
8. Qual a frase que ficou conhecida:
 - a) São rosas, Senhor!
 - b) Tenho aqui rosas, Senhor!
 - c) Levo aqui rosas, Senhor!



9. A Rainha Isabel preocupava-se
com os pobres e tornou-se:

- a) Bonita
- b) Santa
- c) Inteligente

10. A Rainha Santa Isabel é
exemplo de:

- a) Ternura e solidariedade
- b) Maldade e tristeza
- c) Guerra e injustiça

Pinta as rosas do desenho da Rainha Santa Isabel, um exemplo de solidariedade.



Bom trabalho!



DIPLOMA

“Sou Solidário”

-----, aluno (a) do ___ ano do
*Agrupamento de Escolas Emídio Garcia - Centro Escolar da Sé, é uma pessoa solidária
e pratica ações de solidariedade para com os outros.*

Educação Moral e Religiosa Católica

Bragança, 24 de Abril de 2018

